

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

**ADRIANA RIBEIRO MENDES**

**A COMPLEXIDADE DOS TEXTOS-ESTÍMULO DE PROVAS DE CONCURSO  
PÚBLICO DE ALTA DEMANDA: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA**

**São Paulo  
2021**

ADRIANA RIBEIRO MENDES

A COMPLEXIDADE DOS TEXTOS-ESTÍMULO DE PROVAS DE CONCURSO  
PÚBLICO DE ALTA DEMANDA: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profª. Dra. Maria Helena de Moura Neves

Coorientador: Prof. Dr. André Vinícius Lopes Coneglian (UFMG)

São Paulo  
2021

M538c Mendes, Adriana Ribeiro.  
A complexidade dos textos-estímulo de provas de concurso público de alta demanda: uma análise funcionalista / Adriana Ribeiro Mendes.  
129 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2021.  
Orientadora: Maria Helena de Moura Neves.  
Referências bibliográficas: f. 103-105.

1. Funcionalismo. 2. Complexidade. 3. Concurso Público. 4. Redação. I. Neves, Maria Helena de Moura, *orientadora*. II. Título.

CDD 469.8

Bibliotecária Responsável: Andrea Alves de Andrade - CRB 8/9204

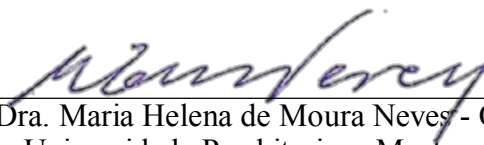
ADRIANA RIBEIRO MENDES

A COMPLEXIDADE DOS TEXTOS-ESTÍMULO DE PROVAS DE CONCURSO  
PÚBLICO DE ALTA DEMANDA: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras.

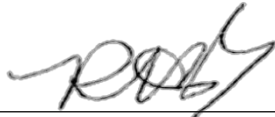
Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA



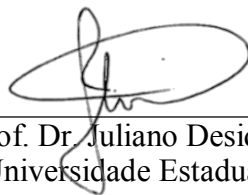
---

Profa. Dra. Maria Helena de Moura Neves - Orientadora  
Universidade Presbiteriana Mackenzie



---

Profa. Dra. Regina Helena Pires de Brito  
Universidade Presbiteriana Mackenzie



---

Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio  
Universidade Estadual de Maringá

Dedico esta  
dissertação à memória de minha mãe, Sueli da Silva Ribeiro, meu alicerce.

## **Agradecimentos**

A dois meses do exame de qualificação, perdi minha mãe. A perda de uma mãe é um momento tão terrível, e, de fato, não existe nada que possa ser feito ou dito que minimize tão grande dor. Contudo, descobri que, em momentos assim, o suporte daqueles que estão ao nosso lado é fundamental. Por isso, ao fim do mestrado, agradeço a todos que me ajudaram a seguir.

Agradeço especialmente à minha orientadora, professora Maria Helena de Moura Neves, não só pela oportunidade de aprendizado em todas as reuniões de orientação, em suas aulas, nas nossas conversas, mas também pela inspiração, pelo exemplo de mulher que é, orientadora, sim, mas muito “mãe” de seus orientandos, que puxa a orelha e que pega pela mão, nos momentos certos. Ser orientada por você, professora, é a realização de um sonho.

Ao meu orientador, professor André Coneglian, por tanta generosidade antes mesmo de ser meu orientador, por seus ensinamentos, por seus conselhos e pelo ser humano tão sensível que é. Seu suporte foi essencial ao longo de toda a trajetória.

Aos professores que aceitaram, com tanta presteza, compor a banca examinadora desta dissertação.

Aos professores Regina Helena Pires de Brito e Juliano Desiderato, pelo fundamental direcionamento no exame de qualificação e por todo o auxílio prestado. Professora Regininha, obrigada por tanto cuidado, por tanto carinho.

Aos responsáveis pelo programa de pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, pela qualidade do corpo docente e tanto cuidado com seus alunos.

Aos meus colegas de mestrado e aos amigos que fiz, orientandos da professora Maria Helena, em especial à doce Luciana, pelo apoio, pelos conselhos, à querida Nadir, Elise, Camila. A relação de amizade que construímos foi indispensável para a conclusão deste projeto.

Saudosamente, aos meus pais, Clóvis e Sueli, que serão sempre meus maiores exemplos de perseverança e retidão em todas as situações da vida.

Ao meu marido, meu melhor amigo, meu parceiro de vida, Marcelo, cujo apoio incondicional ao longo de todo o caminho me fez lembrar nossos tempos de graduação, mais de vinte e cinco anos atrás, quando, ao meu lado também, já estava. Sempre juntos. Sem seu suporte, meu amor, nada teria sido possível.

Aos meus filhos, Fernanda, Guilherme e Nicholas, luzes da minha vida, que são as maiores razões para tudo que empreendo. Por tanta paciência e compreensão. Por serem os filhos amigos que são.

Aos meus alunos, que, nesses 25 anos de prática docente, têm sido a causa da minha busca incessante por aprender sempre mais para tentar ensinar sempre melhor. Tudo que aprendi nesta pós-graduação foi por eles e para eles.

Por fim, agradeço a Deus, pela oportunidade de mais uma conquista, em meio a tantas adversidades. A Ele minha maior gratidão, sempre!

## RESUMO

Neste trabalho, parte-se da consideração de que o discurso é uma atualização constante do processo de resolução de problemas que o falante tem em mente (ISRAEL, 2011), o que determina uma contínua escolha das estruturas léxico-gramaticais bem como do grau de complexidade da constituição do enunciado. Nesse sentido, textos-estímulo de provas de concurso configuram um excelente território para verificar a complexidade decorrente das escolhas léxico-gramaticais. O objetivo geral desta pesquisa é analisar as propostas de redação presentes em processos seletivos de concursos para cargos de alto nível da administração pública, organizados pela banca examinadora Fundação Carlos Chagas (FCC), partindo de uma revisão bibliográfica composta por significativos autores na área. Busca-se mostrar as fontes de complexidade linguística dos textos-estímulo, considerando-se que, em muitos casos, a complexidade pode significar um complicador para a interpretação do candidato. Os objetivos específicos são: a) identificar e avaliar as construções gramaticais que conferem aos textos-estímulo complexidade tanto estrutural quanto semântica, de modo a especificar, construcionalmente, fatores de complexidade; b) cotejar textos-estímulo de provas que exigem curso superior e textos-estímulo de provas que exigem curso médio, a fim de verificar se esses textos apresentam diferentes níveis de complexidade linguística. O encaminhamento das análises, a partir dos objetivos traçados, convergiu na hipótese central de que o que pode dificultar a interpretação dos textos-estímulo presentes nas provas de redação da instituição FCC não é somente o conteúdo proposicional do enunciado em si, mas o modo como esse conteúdo é construído.

**Palavras-chave:** Funcionalismo; Complexidade; Concurso Público; Redação.



## ABSTRACT

In this work, complexity, as a phenomenon of natural languages grammar, is at the center of the investigations. It starts from the consideration that the speech is a constant update of the problem-solving process that the speaker has in mind (ISRAEL, 2011), which determines a continuous choice of lexical-grammatical structures as well as the degree of complexity of the statement's constitution. In this sense, stimulus texts of civil service exams constitute an excellent territory to verify the complexity resulting from the lexical-grammatical choices. The general objective of this research is to analyze the writing proposals present in selection processes of examinations for high-level public administration positions, organized by the examining panel Fundação Carlos Chagas (FCC), based on a bibliographic review composed by significant authors in the field. The aim is to show the sources of linguistic complexity of the stimulus texts, considering that, in many cases, complexity can be a complicating factor for the candidate's interpretation. The specific objectives are: a) to identify and evaluate the grammatical constructions that give both structural and semantic complexity to the stimulus texts, in order to specify, constructively, factors of complexity; b) collate texts-stimulus of tests that require higher education and texts-stimulus of tests that require secondary education, in order to verify if these texts present different levels of linguistic complexity. The forwarding of the analyzes, based on the objectives outlined, converged on the central hypothesis that what can hinder the interpretation of the stimulus texts present in the writing tests of the examining institution FCC is not only its propositional content itself, but the way in which that content is built.

**Keywords:** Functionalism; Complexity; Civil Service Examination; Essay.

*Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.*

Paulo Freire (1987, p. 84)

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b>	<b>Escala de informatividade das relações semânticas .....</b>	<b>33</b>
-----------------	--	-----------

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 01</b>	<b>Construções correlativas comparativas em textos de nível médio e textos de nível superior .....</b>	<b>45</b>
<b>Tabela 02</b>	<b>Construções correlativas substitutivas em textos de nível médio e textos de nível superior .....</b>	<b>48</b>
<b>Tabela 03</b>	<b>Construções correlativas aditivas em textos de nível médio e textos de nível superior .....</b>	<b>51</b>
<b>Tabela 04</b>	<b>Construções correlativas alternativas em textos de nível médio e textos de nível superior .....</b>	<b>53</b>
<b>Tabela 05</b>	<b>Construções correlativas proporcionais em textos de nível médio e textos de nível superior .....</b>	<b>54</b>
<b>Tabela 06</b>	<b>Construções correlativas consecutivas em textos de nível médio e textos de nível superior .....</b>	<b>56</b>
<b>Tabela 07</b>	<b>Construções correlativas quanto ao tipo de expressão correlativa em textos de nível médio e textos de nível superior .....</b>	<b>57</b>
<b>Tabela 08</b>	<b>Construções correlativas quanto ao nível estrutural da correlação em textos de nível médio e textos de nível superior .....</b>	<b>59</b>
<b>Tabela 09</b>	<b>Construções comparativas com correlação em textos de nível médio e textos de nível superior .....</b>	<b>66</b>
<b>Tabela 10</b>	<b>Construções comparativas sem correlação e. m textos de nível médio e textos de nível superior .....</b>	<b>68</b>
<b>Tabela 11</b>	<b>Construções comparativas quanto ao nível estrutural dos membros da comparação em textos de nível médio e textos de nível superior ....</b>	<b>72</b>
<b>Tabela 12</b>	<b>Construções de moldura quanto à natureza semântica em textos de nível médio e textos de nível superior .....</b>	<b>85</b>
<b>Tabela 13</b>	<b>Construções de moldura quanto à natureza sintática da moldura em textos de nível médio e textos de nível superior .....</b>	<b>88</b>
<b>Tabela 14</b>	<b>Construções com material interveniente – quanto ao tipo de material interveniente I .....</b>	<b>95</b>
<b>Tabela 15</b>	<b>Construções com material Interveniente – quanto ao tipo de material interveniente II .....</b>	<b>97</b>
<b>Tabela 16</b>	<b>Resultado quantitativo das Categorias eleitas para análise .....</b>	<b>99</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01</b>	<b>Correlação entre representação cognitiva e sistemas de instanciação gramaticais .....</b>	<b>32</b>
<b>Quadro 02</b>	<b>Modelo de prova do DETRAN-SP .....</b>	<b>36</b>
<b>Quadro 03</b>	<b>Modelo de prova da SPPREV .....</b>	<b>37</b>
<b>Quadro 04</b>	<b>Modelo de prova da AFAP .....</b>	<b>38</b>
<b>Quadro 05</b>	<b>Modelo de prova do TRE-SP .....</b>	<b>39</b>
<b>Quadro 06</b>	<b>Categorias e fatores para análise do cópuz .....</b>	<b>40</b>
<b>Quadro 07</b>	<b>Modelo de prova para o Ministério Público de Pernambuco .....</b>	<b>45</b>
<b>Quadro 08</b>	<b>Padrões sintáticos das expressões correlativas substitutivas ocorrentes no cópuz .....</b>	<b>47</b>
<b>Quadro 09</b>	<b>Modelo de prova do TRE-RN .....</b>	<b>48</b>
<b>Quadro 10</b>	<b>Modelo de prova do SEAD – AP .....</b>	<b>51</b>
<b>Quadro 11</b>	<b>Modelo de prova do TER 2ª Região – SP .....</b>	<b>55</b>
<b>Quadro 12</b>	<b>Modelo de prova do Tribunal Regional do Trabalho .....</b>	<b>69</b>
<b>Quadro 13</b>	<b>Modelo de prova do TRE-SP .....</b>	<b>70</b>
<b>Quadro 14</b>	<b>Modelo de prova do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo .....</b>	<b>86</b>
<b>Quadro 15</b>	<b>Categorias de análise em provas de nível médio e provas de nível superior .....</b>	<b>100</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1. AS BASES TEÓRICAS: PRINCÍPIOS FUNCIONALISTAS GERAIS .....</b>	<b>18</b>
<b>2. O PROBLEMA EM QUESTÃO: AS COMPLEXIDADES NA LINGUAGEM .....</b>	<b>25</b>
<b>2.1 A questão da complexidade na teoria linguística geral .....</b>	<b>25</b>
<b>2.2 A complexidade como uma propriedade contínua da gramática .....</b>	<b>26</b>
<b>2.3 A complexidade no componente sintático: de como a complexidade da estrutura interage com a complexidade das relações .....</b>	<b>28</b>
<b>2.4 A complexidade no componente semântico: o peso informativo das propriedades semânticas do enunciado .....</b>	<b>32</b>
<b>2.5 Um resumo da questão, no contexto do trabalho .....</b>	<b>33</b>
<b>3. MATERIAL E MÉTODOS .....</b>	<b>35</b>
<b>3.1 A natureza do corpúsculo: os textos-estímulo das provas de concursos públicos .....</b>	<b>35</b>
<b>3.2 A delimitação de fatores de análise: os procedimentos metodológicos .....</b>	<b>39</b>
<b>3.3 A seleção do corpúsculo e o método de análise .....</b>	<b>40</b>
<b>4. ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES CORRELATIVAS, COM FOCO NA COMPLEXIDADE ESTRUTURAL E SEMÂNTICA .....</b>	<b>42</b>
<b>4.1 Os tipos de construções correlativas e sua ocorrência no corpúsculo desta pesquisa .....</b>	<b>43</b>
<b>4.1.1 Correlação comparativa .....</b>	<b>43</b>
<b>4.1.2 Correlação substitutiva .....</b>	<b>46</b>
<b>4.1.3 Correlação aditiva .....</b>	<b>49</b>
<b>4.1.4 Correlação alternativa .....</b>	<b>52</b>
<b>4.1.5 Correlação proporcional .....</b>	<b>55</b>
<b>4.1.6 Correlação consecutiva .....</b>	<b>56</b>
<b>4.2 Os níveis estruturais da correlação .....</b>	<b>57</b>
<b>5. ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS, COM FOCO NA COMPLEXIDADE SINTÁTICA E PRAGMÁTICA .....</b>	<b>61</b>
<b>5.1 Os tipos de construções comparativas e sua ocorrência no corpúsculo desta pesquisa .....</b>	<b>64</b>
<b>5.1.1 As construções comparativas com correlação .....</b>	<b>64</b>
<b>5.1.2 As construções comparativas sem correlação .....</b>	<b>67</b>
<b>5.2 Os níveis estruturais das construções comparativas e sua ocorrência no corpúsculo desta pesquisa .....</b>	<b>71</b>
<b>5.3 O caráter referencial das construções comparativas e sua ocorrência no corpúsculo desta pesquisa .....</b>	<b>72</b>
<b>6. ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES DE MOLDURA, COM FOCO NA COMPLEXIDADE ESTRUTURAL E SEMÂNTICA .....</b>	<b>77</b>
<b>6.1 As construções de moldura quanto à natureza semântica da moldura .....</b>	<b>81</b>
<b>6.2 As construções de moldura quanto à natureza sintática da moldura e suas ocorrências no corpúsculo .....</b>	<b>87</b>
<b>7. ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES COM MATERIAL INTERVENIENTE ENTRE CONSTITUINTES IMEDIATOS, COM FOCO NA COMPLEXIDADE ESTRUTURAL .....</b>	<b>89</b>
<b>7.1 Material interveniente de natureza apositiva e restritiva .....</b>	<b>92</b>

<b>7.2</b>	<b>Material interveniente de natureza adverbial .....</b>	<b>96</b>
<b>8.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>98</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>103</b>
	<b>ANEXO .....</b>	<b>106</b>

## INTRODUÇÃO

“A persuasão, como uma das finalidades do discurso, seja ele publicitário, jurídico ou mesmo artístico, pressupõe que é preciso convencer o outro, trazendo-o para o diálogo, consumo ou mesmo para o autoquestionamento, a partir de seus próprios interesses.” Assim se inicia o texto-estímulo da prova de redação de concurso público de alta demanda para o Ministério Público do Estado de Pernambuco (MP/PE), realizado em 2 de dezembro de 2018. Ora, o que se espera do candidato, em provas redacionais de concurso público de alta demanda, é que, a partir dos textos-estímulo, ele seja capaz de abstrair adequadamente um tema para o desenvolvimento de sua redação, pois, caso contrário, ele poderá ser desclassificado do concurso por fuga ao tema, conforme disposto no Manual do Candidato<sup>1</sup>.

O trecho que abre esta Introdução é exemplar para ilustrar a direção em que esta pesquisa se propõe, que é a de problematizar a complexidade de que textos-estímulo de concursos se revestem, na busca de se tornarem altamente seletivos em seus resultados. O trecho em questão, do ponto de vista da sua construção, apresenta alta complexidade estrutural devido à inserção de material (“como uma das finalidades do discurso, seja ele publicitário, jurídico ou mesmo artístico”) entre sujeito e verbo da oração (“A persuasão ... pressupõe...”), rompendo com a sequência de constituintes imediatos. Além disso, trata-se de um trecho cujo conteúdo proposicional diz respeito a um tema completamente abstrato, o da persuasão.

Conforme Hawkins (1994), a ruptura na ordem canônica dos constituintes imediatos, por si só, complexifica a estrutura do enunciado, mas, no caso da construção em questão, a natureza sintática da correlação (“seja ele... ou mesmo...”) e semântica da comparação (“como uma das finalidades do discurso...”) acrescenta outras camadas de complexidade à constituição do enunciado, como se mostrará ao longo desta dissertação. A ocorrência inicial ilustra que uma mesma construção, aqui chamada de material interveniente, como se discute mais adiante (capítulo 2), pode ter diferentes fontes de complexidade, dependendo da natureza sintática e semântica do material interveniente. Mostra também que o modo pelo qual esse enunciado específico é linguisticamente construído constitui – e possivelmente a banca quer que constitua – um complicador adicional para o candidato. Nessa linha, este trabalho procura mostrar, então,

---

<sup>1</sup> O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) – autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC) – identifica fuga ao tema quando nem o assunto mais amplo nem o tema proposto são desenvolvidos. Considera-se tangenciamento ao tema quando há uma abordagem parcial, realizada apenas nos limites do assunto mais amplo a que se vincula o tema, deixando-se em segundo plano a discussão em torno do eixo temático objetivamente proposto.



as fontes da complexidade linguística de textos-estímulo, considerando-se que, em muitos casos, a complexidade pode significar um complicador para a interpretação do candidato.

Considerado esse contexto de provas de concurso de alta demanda, fica evidente que captar o tema de textos-estímulo para a redação é, em si, uma tarefa que demanda altíssima competência leitora do candidato, e ela pode complicar-se ainda mais, na dependência do modo como os textos-estímulo são estruturados, que é o que demonstra o exemplo que abre esta Introdução. Nesse sentido, para captar o tema dos textos, o candidato deve ser capaz de processar o modo pelo qual eles dizem o que dizem, o que implica, necessariamente, penetrar na complexa organização linguística desses textos. E por aí ele tem de chegar a construir, em seu texto dissertativo, uma argumentação consistente, dentro de uma proposta válida de redação.

No funcionalismo linguístico, o texto não constitui uma unidade gramatical, como a sentença, no entanto constitui uma unidade da língua em uso (HALLIDAY; HASAN, 1976). O discurso é uma atualização constante do processo de resolução de problemas que o falante tem em mente (ISRAEL, 2011). A escolha de determinadas estruturas léxico-gramaticais exerce influência sobre o grau de complexidade de sua constituição. Nesse sentido, textos-estímulo de provas de concurso configuram um excelente território para verificar a complexidade decorrente de escolhas léxico-gramaticais, bem como verificar se essa complexidade dificulta a compreensão dos textos por parte dos candidatos.

Neste trabalho, a complexidade, como um fenômeno da gramática das línguas naturais, está no centro das investigações. Como dito inicialmente, a fonte da complexidade pode residir tanto na sua composição sintática, no que se refere às relações que se estabelecem na sentença, quanto na sua composição semântica, no que se refere às propriedades proposicionais dos enunciados. Nesta pesquisa, a verificação dos textos-estímulo que constituem o *cópus* deste trabalho considera a interação entre os componentes sintático e semântico, em última instância, governados pelo componente pragmático. É o que se mostra nos exemplos (01) e (02), em que, respectivamente, o deslocamento de uma oração subordinada adverbial comparativa e de uma oração adverbial final, ambas reduzidas de infinitivo, para o início do período (sintaxe), estabelece uma moldura (pragmática) dentro da qual o leitor deve interpretar a proposição (semântica) do enunciado.

- (01) **Como enviar uma mensagem em uma garrafa no meio do mar**, o aplicativo convida a compartilhar comentários e sensações de forma anônima. (T-S-47-b)

(02) **Para impulsionar o desenvolvimento tecnológico**, é necessário avançar nas relações entre universidades e empresas, e apoiar maciçamente investimentos em pesquisa e inovação. (T-M-05-b)

Conforme Neves (2018b), a língua dispõe de mecanismos de expressão que permitem ao falante expressar o mesmo conteúdo de diversas formas, conforme distintas organizações discursivas. Enunciados com o mesmo conteúdo semântico podem ser expressos por meio de diferentes combinações sintáticas, a exemplo de construções como (01) e (02), que se distanciam da ordem canônica da oração, com deslocamento à esquerda. Assim, sabendo-se que o produtor do texto, em seu processo de produção linguística, para atender a uma necessidade pragmática de comunicação, pode realizar construções sintáticas que se distanciam dessa ordem básica, entende-se neste trabalho que construções como essas podem produzir diferentes efeitos de sentido, entre eles, o aumento da complexidade para o leitor.

O interesse por trás da proposta deste trabalho, que tem a complexidade linguística no centro das suas investigações, decorreu da minha experiência de mais de vinte anos como professora de redação de cursos preparatórios de candidatos para concursos públicos no Brasil. Partiu-se da observação dos usos que os alunos faziam dos textos-estímulo das provas de redação, que eram muitas vezes inadequados ou insuficientes. Em alguns casos, as redações não apresentavam nenhuma pista que as aproximasse da proposta temática exposta nos textos-estímulo da prova.

Percebeu-se também que os alunos possuíam mais dificuldades com os textos-estímulo das provas de redação elaboradas pela banca Fundação Carlos Chagas (FCC), comparativamente aos textos das provas de redação organizadas por outras bancas. Muitas vezes, os alunos, por não compreenderem a proposta exposta nos textos-chave, fugiam completamente ao tema proposto, embora desenvolvessem textos bem estruturados, de acordo com os padrões escolares, e eram desclassificados nos concursos elaborados pela banca.

Pela experiência com as dúvidas dos alunos, ficou evidente que, entre os problemas para o não entendimento das propostas de redação e para os usos inadequados dos textos-estímulo das provas, está a dificuldade que os alunos têm de penetrar na organização linguística desses textos.

Com essas considerações, chega-se à questão central deste trabalho, que é a escolha preferencial de textos-estímulo multiplamente complexos, em concursos públicos de alta demanda.

Nesse encaminhamento, o objetivo central deste trabalho é analisar as propostas de redação presentes em processos seletivos de concursos para cargos de alto nível da administração pública, organizados pela banca examinadora da Fundação Carlos Chagas, partindo de uma revisão bibliográfica composta por significativos autores na área. Para tanto, estabelecem-se dois objetivos específicos:

- (a) identificar e avaliar as construções gramaticais que conferem aos textos-estímulo complexidade tanto estrutural quanto semântica, de modo a especificar, construcionalmente, fatores de complexidade;
- (b) cotejar textos-estímulo de provas que exigem curso superior e textos-estímulo de provas que exigem curso médio, a fim de verificar se esses textos apresentam diferentes níveis de complexidade linguística.

O encaminhamento das análises, a partir dos objetivos traçados, busca convergir na hipótese central de que o que pode dificultar a interpretação desses textos-comando não é somente o conteúdo proposicional em si, mas o modo como esse conteúdo é construído.

O trabalho está organizado em sete capítulos. Nesta Introdução, estão o objeto da análise, as considerações iniciais da dissertação, assim como seus objetivos e sua hipótese. No capítulo 1 ('As bases teóricas: princípios funcionalistas gerais'), são expostos os princípios teóricos que direcionam as reflexões desta pesquisa, partindo-se de um estudo da língua em função, além de serem discutidas questões como texto e linguagem, dada a necessidade de se examinar a natureza da complexidade linguística no texto. No capítulo 2 ('O problema em questão: as complexidades na linguagem'), é exposta a teoria que embasa a dissertação, pondo-se em discussão a visão teórica da complexidade na teoria linguística geral, bem como a visão de complexidade como um princípio constitutivo dos componentes sintático e semântico da gramática, em específico. No capítulo 3 ('Material e Métodos'), é apresentado o *cópus* da dissertação pormenorizadamente, além de ser explicitado o método de análise das construções em exame. Nos capítulos de 04 a 07, analisam-se fatores de complexidade e as construções levantadas no *cópus* deste trabalho: as construções correlativas (Capítulo 04); as construções comparativas (Capítulo 05); as construções de moldura (Capítulo 06) e as construções de material interveniente (Capítulo 07). Por fim, são apresentadas as considerações finais do trabalho, seguidas das referências bibliográficas e dos apêndices.

## 1. AS BASES TEÓRICAS: PRINCÍPIOS FUNCIONALISTAS GERAIS

Como foi apontado na Introdução, a proposta deste trabalho é avaliar a complexidade – e a conseqüente dificuldade – das propostas de redação encontradas em processos seletivos de concursos públicos.

Também já foi mencionado que o ponto de partida deveria consistir na identificação e na avaliação de fatores que podem conferir a complexidade linguística que se observa em textos-estímulo, com base nos quais candidatos devem produzir redações. É possível dizer que, tais como configurados, no geral, esses textos podem ser vistos como ‘tropeços’ propositadamente colocados nas provas para dificultá-las.

Esse primeiro olhar para textos a serem examinados implica que este estudo não ponha sob análise, neutramente, por exemplo, a configuração sintática na qual o texto se apresenta, mas que ele avalie a natureza, em si, da complexidade de que ele se reveste, já que, como já registrado, aparentemente (ou suspeitadamente) os propositores do exame já lhe deram tal complexidade visando a dificultar o bom desempenho de muitos candidatos.

Assim, estando envolvidos, claramente, propósitos e intenções na determinação das escolhas dessa montagem ‘complexa’ dos textos-estímulo, a avaliação a ser feita reclama uma condução teórica que permita olhar os textos em análise por via de parâmetros que considerem a língua no complexo de seu funcionamento, ou seja, a língua instanciada nas suas condições de produção. Essa é, claramente “a direção funcionalista de análise, que, para a avaliação do que vale um texto, prevê a sua ancoragem no contexto de uso, que determina a seleção e a escolha das peças e dos esquemas construcionais que traduzam o propósito da interação” (NEVES, no prelo).

Esse arcabouço teórico é visto, aqui, pelo alinhamento das bases gerais de uma consideração funcionalista da linguagem (e, portanto, da gramática da língua), servindo-se de diferentes e complementares assentamentos pelos quais as gramáticas funcionais, ou gramáticas funcionalistas têm desenvolvido suas bases de análise da língua em função (NEVES, 1994).

Em Dik (1997), entende-se que uma língua natural é o instrumento de interação social, usado para estabelecer relacionamentos comunicativos (DIK, 1997, p. 3). Na visão funcionalista é claramente o uso que determina a organização linguística, tornando-se fundamental para a análise toda a situação comunicativa, incluídos o papel e o propósito dos interlocutores no contexto discursivo. Nessa linha, entende-se que ver a gramática sob a perspectiva funcionalista significa analisar a organização gramatical considerando-se o

processo de interação verbal, bem como explicando-se cada elemento usado pelos interlocutores por meio de sua função na comunicação linguística.

Entender a língua desse modo é considerar a capacidade de organizar as relações sociais (FURTADO DA CUNHA, 2013), ou seja, compreender a língua como uma atividade social que medeia a comunicação entre os sujeitos sociais, envolvidos aí os seus interesses e o contexto em que as manifestações linguísticas ocorrem. A contraparte disso é que, como mostra Pezzatti (2005), a língua deve ser vista como uma ferramenta para adaptação das formas às funções, as quais são, em última análise, funções que se prestam à interação.

Assim, é na análise do processo interativo da língua que a teoria funcionalista procura explicar regularidades do uso. Nessa perspectiva, o contexto comunicacional é determinante para a escolha que o falante faz das estruturas gramaticais, de modo a compor seus enunciados. No arranjo discursivo, é o contexto de uso que motiva e determina as diferentes estruturas sintáticas, o que implica uma relação de reciprocidade entre as regras gramaticais da língua e as situações reais de uso dessas regras. Como pontua Neves (2018b), observar os usos linguísticos é repelir o tratamento ingênuo que uniformiza os itens da língua, “desconhecendo que o funcionamento de algumas classes de itens pode explicar-se nos limites da oração, por exemplo, mas o de outras só pode resolver-se no funcionamento discursivo-textual” (NEVES, 2018b, p. 15).

Já os teóricos das décadas de 1960 e 1970 levaram os estudos linguísticos para além dos limites da frase, podendo-se, particularmente, resgatar, na década de 1960, Benveniste (1966), que incorporou a enunciação como objeto de estudo, especialmente nas suas reflexões sobre a capacidade do enunciador de instituir-se como sujeito dos enunciados. Na década de 1970, Coseriu (1973) já mostra consistentemente que a língua não pode ser isolada dos fatores externos de seu funcionamento, isto é, de tudo o que constitui a sua fisicidade, a historicidade e a liberdade expressiva dos falantes. A lição central é que a língua tem de ser entendida, em primeiro lugar, como função, para além do sistema, porque é no cumprimento da função que ela se incorpora no sistema. Também na década de 1970, como aponta Neves (2018b, p. 25), “Halliday (1970, 1973a, 1973b, 1977) faz a sua proposição de funções (ou, mais precisamente, de ‘metafunções’) da linguagem”, proposição que foi mantida nas obras subsequentes de exposição da teoria, e que é constantemente invocada, nos trabalhos sobre língua e linguagem, em geral. E ainda nessa década de 1970, Simon Dik assenta as bases funcionais da sua gramática (DIK, 1978).

Nessa direção, as expressões linguísticas têm de ser consideradas, portanto, a partir da situação de uso no evento linguístico. Como mostra Dik (1997, p. 26), tais expressões linguísticas são redes complexas, caracterizadas por relações funcionais que operam nos níveis

de sintaxe, semântica e pragmática, e esses três componentes codeterminam tanto a forma quanto o conteúdo e o efeito dessas expressões linguísticas. Fatores extralinguísticos são considerados, pois, como motivadores das construções linguísticas. Na visão funcional, como diz Neves (2018b, p. 30), tem-se em consideração “o uso das expressões linguísticas na interação verbal, o que necessariamente envolve a pragmatização do componente sintático-semântico do modelo linguístico.” Assim, as explicações sobre a língua levam em consideração não apenas o linguístico, mas também o extralinguístico, provindo das situações reais de comunicação.

Conforme Dik (1997, p. 8), no paradigma funcional a sintaxe é instrumental em relação à semântica e a semântica é instrumental em relação à pragmática, não sendo possível, portanto, um tratamento da sintaxe feito independentemente. Essa proposição está apreendida e resumida na indicação de Neves (2018b, p. 138) de que “a língua é concebida, em primeiro lugar, como instrumento de interação social entre seres humanos, usado com o objetivo principal de estabelecer relações comunicativas entre os usuários”.

Também em Givón (1995) entende-se que a sintaxe tem a forma que tem em função de estratégias de organização da informação que os falantes operam na interação discursiva. Assim, ela vai do modo pragmático para o modo sintático, e, para compreender-se o fenômeno sintático, é necessário estudar a língua em uso em seus contextos discursivos, pois é nesse espaço que se constrói a significação, com a gramática. Nas palavras de Neves (2018b, p. 137), “a sintaxe codifica dois domínios funcionais distintos, mas proximamente relacionados: a semântica (proposicional) e a pragmática (discursiva)”.

Os trabalhos funcionalistas sustentam-se, pois, na ideia de que a estrutura linguística só pode ser descrita satisfatoriamente considerando-se a língua em função, o que se abriga de um lado, na visão hallidayiana de linguagem como um recurso para construir e interpretar significados em contextos sociais (Halliday, 2014). Por outro lado, essa consideração da língua em função também é evidente nos teóricos funcionalistas cuja visão parte do evento comunicativo, e que, quanto à produção de linguagem, centram sua atenção na interação verbal como forma de atividade cooperativa que se estrutura em torno de regras sociais, normas ou convenções (Dik (1997); nesse sentido, conforme já apontado aqui, nas referências à visão dikiana do paradigma funcional, as regras linguísticas são puramente instrumentais, em relação aos objetivos comunicativos da interação verbal. Afinal, nessa mesma inspiração pragmática vem a indicação de Givón (2009) de que a compreensão satisfatória do mecanismo gramatical depende da consideração de fatores como “comunicação”, “interação social”, “cultura”. É o que está resumido em Fuzer; Cabral, 2014, p. 26: “o contexto em que o texto se desenvolve está

encapsulado no texto através de uma relação sistemática entre o meio social e a organização funcional da linguagem”.

Para o tema que este trabalho desenvolve, tais visões funcionais das construções gramaticais da língua são essenciais. Trata-se do exame da complexidade dos textos das provas de redação de concurso, que são objeto de análise, e o que fica evidente é que essa complexidade não pode ser analisada simplesmente pela forma de expressão dos enunciados, a atenção tem de ir aos propósitos e às condições de produção, absolutamente determinadoras da natureza e do grau da complexidade. Não seja esquecida a própria condição artificial de produção, dado que esses textos, destinados à decodificação por parte do candidato, na prova de concurso, são apresentados desvinculados de qualquer contexto interlocutivo (e muitas vezes resultam de uma manipulação de textos originariamente reais). Ressalte-se que o material linguístico dessas provas, que será mais bem detalhado adiante, no capítulo 3, compõe-se de “textos” não regulares de linguagem, peças normalmente adaptadas de sua publicação original. Em provas desse tipo, cabe ao candidato ao cargo público interpretar o “texto”, que lhe é dado avulso, sem a menção de quem o teria construído, em quais circunstâncias e com que objetivo. Abstrair o tema desses textos de apoio – em geral modificados – para o desenvolvimento de sua redação é uma tarefa que demanda, então, grande competência de leitura do candidato.

É o que se mostra no exemplo a seguir, em que o texto de apoio que se oferece ao candidato foi adaptado de sua versão original, sem se relacionar a nenhum contexto de situação, que seria fundamental para a sua compreensão.

Existe uma aldeia global do ponto de vista técnico, mas, do ponto de vista da recepção, a diversidade é extraordinária, e isso significa que pode acontecer o inverso do que a comunicação pretende. O objetivo dela é aproximar as pessoas. No entanto, quando elas se aproximam, percebem que existem mais diferenças do que semelhanças. A dificuldade da comunicação não é gerir a semelhança, mas a diferença. (**Adaptado de:** WOLTON, Dominique. *Apud* MILAN, Betty. *O Século: entrevistas*. São Paulo: EMM, 2017. Formato digital)

Entendendo-se que o conhecimento do contexto de produção linguística é primordial para poder-se explicar por que, e para que, certas coisas foram escritas (como propõe qualquer condução funcionalista de análise), pode-se considerar absolutamente dispar o oferecimento desses pretensos “textos” como estímulo / provocação de nova produção linguística, dada a sua própria condição. Fica negada uma eficiente interação de linguagem entre o propositor da prova

e o candidato, já que não fica configurado cenário interacional básico, onde ocorre naturalmente o uso da linguagem. Como explicita Neves (2018b, p. 132),

na interação, o falante quer levar a que o destinatário, a partir da expressão linguística, reconstrua a intenção com que a mensagem foi construída, o que se processa não apenas pela interpretação do significado dos signos e das estruturas, mas ainda pelo conhecimento da situação e pelo conhecimento de mundo, ou seja, pela informação pragmática”. (NEVES, 2018b, p. 138)

Uma indicação essencial quanto à conveniência da invocação dessa visão teórica da linguagem, cujo principal enfoque é levar a que se descreva a linguagem em termos dos requisitos pragmáticos da interação verbal, pode ser buscada na “não autonomia” do sistema linguístico, muito claramente postulada em Givón (1995, p. 9), que aponta os princípios basilares dos pressupostos funcionalistas, aqui apresentados segundo a recolha que deles faz Neves (2018b, p. 137):

- (i) a linguagem é uma atividade sociocultural;
- (ii) a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;
- (iii) a estrutura é não-arbitrária, motivada e icônica;
- (iv) mudança e variação estão sempre presentes;
- (v) o sentido é contextualmente dependente e não atômico;
- (vi) as categorias não são discretas;
- (vii) a estrutura é maleável e não rígida;
- (viii) as gramáticas são emergentes;
- (ix) as regras das gramáticas permitem desvios.

Assim se pode resumir a explicação da autora:

- (i) não há uma visão descontextualizada formal que isola elementos do sistema;
- (ii) as relações gramaticais se conformam às necessidades comunicativas e discursivas;
- (iii) o falante cria novos rótulos para os referentes da língua, modifica as estruturas conforme motivos estimulados por uma realidade;
- (iv) as formas linguísticas podem percorrer processos de mudança;
- (v) as expressões linguísticas adquirem seus significados no contexto;
- (vi) verifica-se uma fluidez categorial;
- (vii) a estrutura é constituída pelos falantes, no momento da interação discursiva, não é rígida;
- (viii) as estruturas gramaticais podem emergir das diversas situações comunicativas;
- (ix) a gramática é constituída em contextos discursivos específicos da língua em uso.



Assim, a língua não pode ser descrita como um sistema autônomo porque, como acrescenta Neves (2018b, p. 137), sendo a língua um “organismo vivo”, a gramática que a rege “só pode ser entendida por referência a parâmetros como cognição e comunicação / processamento mental, interação social e cultura / mudança, variação, aquisição e evolução” (NEVES, 2018b, p. 137).

A integração dos componentes sintático, semântico e pragmático também se situa na base da Gramática sistêmico-funcional de Halliday e Matthiessen (2014), que explica os modos pelos quais a linguagem é usada, com seus diferentes propósitos, e em diferentes situações que moldam a sua estrutura. Nessa teoria, a marca fundamental para a compreensão da língua é o uso que os interlocutores dela fazem em diferentes situações comunicativas. A gramática se configura como sistêmica, porque considera a língua como uma rede de sistemas interligados, cada sistema compondo-se de alternativas (morfológicas, semânticas, sintáticas) que se organizam conforme a função pretendida no uso da língua. Trata-se, pois, de uma proposta também funcional, particularmente fixada “na noção de ‘função’ estabelecida como o papel da linguagem na vida dos indivíduos, a serviço das demandas diversas” (NEVES, 2018b, p. 140).

A visão sistêmico-funcional (Halliday; Matthiessen, 2014) entende que, em nossas atividades que envolvem linguagem, ou seja, quando falamos ou escrevemos, produzindo textos para expressar sentidos, o sistema da língua não se restringe a uma regulação por regras, ele se organiza como um conjunto de escolhas e seleções, por onde o falante escolhe, por exemplo, entre declarar, ou argumentar, para persuadir, assim como escolhe entre um sujeito de 1ª pessoa (ele próprio), ou de 2ª pessoa (seu interlocutor), ou de 3ª pessoa, etc., e assim por diante.

Nessa concepção, a prática social do discurso – o texto – é tanto um produto quanto um processo. Como processo, o texto é um contínuo de escolhas semânticas que então se materializam, uma movimentação através de redes de significação possíveis, e é também uma troca social de significados, já que constitui um evento de interação. Enquanto produto, ele é resultado, pode ser gravado, impresso e, uma vez registrado, pode ser estudado e tem uma estrutura que torna possível sua análise em termos sistêmicos (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2014). Entende-se por aí que, para uma análise segura, necessário se faz combinarem-se as duas concepções de texto: como um produto e como um processo, relacionando-se essas duas visões com a noção de sistema linguístico que subjaz ao texto.

Dessa forma, é no Funcionalismo que estão os princípios teóricos a partir dos quais este trabalho pode direcionar suas reflexões para o campo do contexto interativo e do propósito interpessoal, a partir do que se obtém trabalhar seguramente com dados reais de fala ou escrita, nunca dissociados de sua função no ato da comunicação.

O que se apresentou neste capítulo constitui os pressupostos básicos e gerais que direcionam esta pesquisa, que trata da complexidade linguística de textos-estímulo. No que diz respeito ao embasamento da teoria linguística para este trabalho, o funcionalismo apresenta uma sólida teoria que possibilita avaliar a natureza da complexidade desses textos, por via de parâmetros que considerem a língua em seu uso efetivo. A seguir, discute-se a visão teórica da complexidade linguística, que possibilite a operacionalização das análises dos textos-estímulo das provas de concurso.

## 2. O PROBLEMA EM QUESTÃO: AS COMPLEXIDADES NA LINGUAGEM

### 2.1 A questão da complexidade na teoria linguística geral

Diz Culicover (2013) que o modo pelo qual se concebe a questão da complexidade desempenha um papel fundamental no modo pelo qual se teoriza a linguagem, particularmente no que diz respeito ao tipo de explicação que se provê para o modo como se entende que as línguas do mundo são como são (CROFT, 2015). Explica o autor que, apesar de ser tão discutida na teoria linguística, essa noção está longe de ter uma conceituação precisa, e muito do que se faz em pesquisa linguística ainda assume uma noção leiga de complexidade, o que se revela no modo como determinadas questões sobre linguagem são teoricamente concebidas. Culicover (2013, p. 10) oferece exemplos disso em declarações como:

- a mudança linguística acontece porque as estruturas novas são mais simples do que as antigas”;
- as crianças adquirem e produzem palavras que se referem a objetos do seu cotidiano antes de palavras que se referem a noções temporais ou modais, muito provavelmente porque estes conceitos são mais complexos do que aqueles;

É interessante notar que, nessa lista de assunções gerais de Culicover (2013), questões de processamento e de mudança linguística são geralmente explicadas em termos de complexidade (ou, no reverso, de simplicidade). No entanto, para cada uma dessas assunções tem-se uma noção de complexidade diferente, como alerta o autor, argumentando que a noção de complexidade é determinada independentemente do seu domínio de aplicação (no processamento, na mudança linguística, em qualquer outro), de modo a evitar explicações linguísticas circulares.

Certamente, nesta dissertação não se pretende discutir pormenorizadamente a problemática do termo **complexidade**. Mas, neste capítulo, objetiva-se delimitar uma noção de complexidade que permita a operacionalização das análises de textos de provas de concurso, o que constitui o objeto de estudo.

Na direção dessa proposta, primeiramente, põe-se em discussão a visão teórica da complexidade na literatura linguística, a fim de conceituá-la como uma propriedade de entidades organizadas e de sistemas semióticos, em paralelo com o caso da gramática (DAHL, 2004; GIVÓN, 2009). Em seguida, discute-se a complexidade como um princípio constitutivo dos componentes sintático e semântico da gramática.

## 2.2 A complexidade como uma propriedade contínua da gramática

Como apontado no início deste capítulo, a noção de complexidade é uma das pedras angulares da teoria linguística geral, e geralmente é tratada a partir de noções correlatas, como **simplicidade**, **economia** e **marcação** (CULICOVER, 2013), as quais asseguram sua relevância na própria discussão sobre linguagem. Particularmente relevante para esta pesquisa é a noção de **marcação**, discutida na próxima seção, como um tipo específico de manifestação da complexidade na sintaxe da língua. Para isso, entretanto, cumpre apresentar as bases gerais sobre as quais se constrói a noção de complexidade, o que se faz a seguir.

Um excelente ponto de partida para a discussão da complexidade como uma propriedade da linguagem está em Givón (2009), que entende a complexidade como uma propriedade de entidades organizadas, de organismos e de sistemas. Nesse entendimento, desde que não tenham estruturação interna, as entidades individuais são maximamente simples. Uma vez que essas entidades se organizam como um todo e estabelecem entre si relações, tem-se um **sistema**, complexo por natureza.

No que diz respeito à linguagem e, mais especificamente, à gramática, diz Givón (2009) que a origem da complexidade se explica por domínios de desenvolvimento desses sistemas: um domínio **diacrônico**, que compreende a dimensão histórica da linguagem; um domínio **ontogenético**, que compreende a dimensão da aquisição da linguagem; e um domínio **filogenético**, que compreende a própria evolução da linguagem na espécie humana. Com base em evidências de estudos de gramaticalização e de processamento linguístico, sugere o autor que o percurso de desenvolvimento, nos três domínios, parece seguir o mesmo percurso de complexidade. O percurso de complexidade crescente se inicia com a **palavras**, que se combinam de modo a formar **orações simples**.

Se se pensar a relação entre palavras e orações simples segundo a proposta de Givón (2009), descrita no primeiro parágrafo desta seção, o que se verifica é que as palavras correspondem àquelas entidades maximamente simples, e que, postas em relação (o que diz respeito à sintaxe), elas se combinam de modo a formar uma oração simples, refletindo-se nisso os mecanismos sistêmicos de construção sintática.

Para explicar a origem da complexidade sintática na gramática das línguas, Givón (2009, p. 10) estabelece a hierarquia que se mostra em (01).

(01) palavras >

orações simples >

cadeias oracionais (parataxe) >

orações complexas/encaixadas

Na proposta do autor, essa hierarquia de desenvolvimento de complexidade é estabelecida, obviamente, de um ponto de vista diacrônico, com o respaldo de estudos sobre aquisição de linguagem. O fato de a hierarquia captar de um ponto de vista diacrônico a complexidade não impede que tal hierarquia seja usada para explicar a complexidade que, sincronicamente, se verifica na gramática das línguas. Dessa forma, estruturas tradicionalmente conhecidas como **período simples** são menos complexas que aquelas conhecidas como **período composto**.

Givón (2009, p. 10) expande essa hierarquia para mostrar tendências gerais do desenvolvimento (e da aquisição) da gramática das línguas naturais, como se mostra na transcrição em (02).

(02) a. palavras antes de orações;

b. orações de apenas uma palavra antes de orações com duas ou mais palavras;

c. discurso de uma única oração antes de discurso com mais de uma oração;

d. orações em cadeia antes de orações subordinadas/encaixadas;

e. objetos nominais antes de complementos oracionais;

f. modificadores restritivos sintagmáticos antes de modificadores restritivos oracionais;

g. comunicação pré-gramatical (*pidgin*) antes de comunicação gramatical;

h. atos de fala manipulativos antes de atos de fala declarativos ou interrogativos;

i. modalidade deôntica antes de modalidade epistêmica;

j. referência espaciotemporal à interação antes de deslocamento espaciotemporal.

Insiste-se, aqui, em que tendências de desenvolvimento histórico da linguagem, tal como apresentadas em (02), podem servir, também, à explicação da complexidade sincrônica da gramática das línguas naturais. Assim, nesta pesquisa, essa hierarquia é operacionalizada, de modo que se possa verificar, nos textos de provas de concurso público, diferentes tipos de complexidade na estruturação sintática.

O que tanto a hierarquia de complexidade, em (01), quanto a tendência geral de desenvolvimento da gramática das línguas naturais, em (02), permitem compreender é que a complexidade constitui uma propriedade constitutiva da linguagem humana. No entanto, não

se trata de uma propriedade discreta, o que configuraria complexidade como o oposto de simplicidade, mas trata-se de uma propriedade de caráter contínuo, isto é, sem limites internos precisos. É essa visão de complexidade que se admite nesta pesquisa, considerando-se que a vantagem desse entendimento está: (i) na possibilidade de, dentro do domínio da sintaxe, equacionar a complexidade ao fenômeno de marcação (ii) e, mais amplamente, na possibilidade de mostrar a interação entre os componentes sintático, semântico e pragmático no uso da língua (CONEGLIAN, Inédito).

### **2.3 A complexidade no componente sintático: de como a complexidade da estrutura interage com a complexidade das relações**

Na seção anterior procurou-se mostrar a complexidade como uma propriedade constitutiva do sistema linguístico (a gramática) argumentando-se que entendê-la como uma propriedade geral do sistema permite captar a interação entre os seus diferentes. Nesta seção, seguindo-se esse entendimento, discute-se um caso particular de complexidade sintática, que se verifica na **marcação** de estruturas gramaticais nos diferentes componentes da gramática (desde a morfologia até a pragmática), explicitando-se a inter-relação entre a complexidade da estrutura, constitutiva dos enunciados, e a complexidade das relações, propriamente do campo da sintaxe.

De modo geral, a **marcação** diz respeito a propriedades gramaticais assimétricas (ou desiguais) de elementos gramaticais de mesmo estatuto, como inflexões, palavras de uma mesma classe, e paradigmas sintáticos (CROFT, 2003, p. 87). Um tipo muito particular de marcação em um paradigma sintático diz respeito à ordem dos termos na oração (NEVES, 2018b) a qual tem relação com o modo pelo qual os constituintes frasais são dispostos na estrutura da oração. Tem-se, por exemplo, na gramática do português, que o artigo precede o substantivo, na estrutura do sintagma nominal. E tem-se em consenso, no português, que a ordem não marcada da oração é aquela em que aparecem sujeito, verbo e seus complementos (PEZATTI, 2012).

A marcação é um fenômeno estatisticamente determinado (CROFT, 2003) e, assim, a marcação ou não marcação de uma estrutura é sempre relativa a um universo quantitativo, isto é, sempre estabelecida sobre tendências gerais. Especialmente no domínio da sintaxe, a

dificuldade de se estabelecer a diferença entre marcação e não marcação reside no nível de abstração das relações<sup>2</sup>.

Nessa linha, o princípio da marcação diz respeito à “presença vs ausência de uma propriedade nos membros de um par contrastante de categorias linguísticas” (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2003, p. 60). Segundo Givón (2001), a decisão de considerar determinada forma ou estrutura linguística como mais, ou menos, marcada que outra é tomada com base em alguns critérios: (i) a complexidade formal dessa estrutura: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a estrutura não marcada correspondente; (ii) a frequência com que ocorre: a categoria marcada tende a ser menos frequente, portanto, cognitivamente mais saliente, do que a categoria não marcada correspondente (fundo); e (iii) a complexidade cognitiva: a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa – em termos de esforço mental, demanda de atenção e tempo de processamento - do que a estrutura não marcada (GIVÓN, 2001, p. 28).<sup>3</sup>

Desse modo, as formas mais marcadas são aquelas mais complexas formalmente, menos frequentes, e com tempo de processamento cognitivo maior. Segundo Furtado da Cunha *et al.* (2003), há uma tendência geral, nas línguas, de que esses três critérios de marcação coincidam. Nesse sentido, as categorias que são estruturalmente mais marcadas, portanto, tendem também a ser substantivamente mais marcadas. Conforme pontua Neves (2018b, p.23, explicitando Givón, 1990, 1991), numa concepção rígida, a estruturação é orientada pelos propósitos, e a expressão é motivada pelas funções.

Como exemplo para o princípio da marcação, tem-se a distinção entre uma conversa espontânea e o discurso formal dos textos selecionados para as provas de concursos, objeto de estudo e de análise deste trabalho. No discurso formal, em função de os assuntos serem mais abstratos, o escritor tende a concentrar atenção não só no que diz, mas no modo como diz, produzindo, assim, ocorrências gramaticais mais complexas do que em uma conversação espontânea, que normalmente é processada com mais facilidade e rapidez.

---

<sup>2</sup> Para uma discussão a respeito disso, vejam-se Croft (2003, cap. 4) e Haspelmath (2006).

<sup>3</sup> “(a) Structural complexity: The marked structure tends to be more complex (or larger) than the corresponding unmarked one. (b) Frequency distribution: The marked category (figure) tends to be less frequent, thus cognitively more salient, than the corresponding unmarked category (ground). (c) Cognitive complexity: The marked category tends to be cognitively more complex – in terms of mental effort, attention demands or processing time – than the unmarked one”.

No *córpus* desta pesquisa, o fenômeno da marcação pode ser observado na ocorrência (03), em que as estruturas correlatas, expedientes linguísticos formalmente mais complexos que a conjunção aditiva “e”, não apenas indicam a adição de argumentos, mas também contribuem para marcar a direção argumentativa do texto. Pode-se entender que, ao enunciar o termo “opinião” e logo depois “o lugar de onde consideramos o mundo”, o enunciador pretende conferir ao texto maior força argumentativa:

- (02) Ponto de vista **não é apenas** a opinião que desenvolvemos sobre determinado assunto, **mas também** o lugar a partir de onde consideramos o mundo e que influencia de maneira cabal nossas percepções e ações. (T-M-11-b)

Têm-se, em (03), pares correlativos que, como pontua Rosário (2018), são “bem menos prototípicos do que o ‘e’, a conjunção por excelência para a indicação da noção de adição mais neutra do ponto de vista semântico” (ROSÁRIO, 2018, p. 59). Tem-se também nesse caso de correlação, em relação aos critérios que definem itens linguísticos marcados e não marcados, um arranjo sintático de maior complexidade estrutural.

Para relacionar o fenômeno da marcação à complexidade das relações sintáticas, considere-se, também, a distinção entre orações em cadeia (coordenadas) e orações subordinadas/encaixadas, tal como mostrado na escala givoniana em (2d). As orações em cadeia não necessariamente apresentam algum tipo de marca gramatical que indique a sua vinculação. Um exemplo disso são as tradicionais ‘coordenadas assindéticas’, que não apresentam conjunção expressa na combinação de orações, por outro lado, as orações subordinadas/encaixadas apresentam algum expediente gramatical que marque essa relação entre a principal e a encaixada. No português, por exemplo, isso pode ser alcançado por meios morfossintáticos, na correlação entre tempo e modo verbais das orações e na presença de uma partícula subordinativa, como *que*.

Embora, sob um ponto de vista funcional, considere-se que o fenômeno da articulação das orações é um fenômeno discursivo, e que, em muitos casos, possíveis leituras hipotáticas não são necessariamente explicitadas através de conectivos (DECAT, 2001), determinar se a inter-relação entre a complexidade da estrutura, constitutiva dos enunciados, interfere na complexidade das relações, propriamente do campo da sintaxe, requer maior aprofundamento. Entende-se, assim, que pode existir uma relação estreita entre a presença de expedientes gramaticais e a complexidade das estruturas em si, bem como que a marcação é sempre obtida a partir das relações que as construções gramaticais estabelecem umas com as outras.



No *cópus* desta pesquisa, o fenômeno da marcação se vê também em ocorrências como (04) e (05), em que as estruturas destacadas em **negrito** rompem com a ordem normal dos constituintes da oração. Em (04), o satélite (circunstancial) que indica acréscimo aparece em posição inicial, o que neste trabalho se classifica como **moldura** (CASTILHO, 1990); em (05) tem-se um sintagma adverbial de comparação entre o sujeito e o verbo, o que neste trabalho se classifica como **material interveniente**<sup>4</sup>.

(04) **Para além da fidelidade e integridade da informação**, problema que se impunha com os veículos tradicionais da mídia, hoje, com a internet, o homem enfrenta um novo desafio: distinguir, de uma profusão de informações supérfluas, as que lhe importam na formação de um pensamento que garanta sua identidade e papel social. (T-M-11-a)

(05) A persuasão, **como uma das finalidades do discurso, seja ele publicitário, jurídico ou mesmo artístico**, pressupõe que é preciso convencer o outro... (T-S-33-a)

No que diz respeito à constituição dos enunciados, verifica-se que estruturas que abrem uma moldura (04) e que se interpõem entre termos constituintes da oração (05), por si sós, tornam estruturalmente complexo o enunciado.

Considerando-se que essas ocorrências (04) e (05) aparecem em textos-comando de provas de concurso público, fica evidente que tal nível de complexidade na constituição do enunciado pode constituir um grande complicador para o candidato, que tem de ler e interpretar o texto num curto período de tempo e situado naquela situação tensa de quem se submete a exame classificatório de grande concorrência. Nesse sentido, o que pode complicar a interpretação de textos-comando não é somente o conteúdo proposicional em si, mas o modo como esse conteúdo é construído. Assim, é pertinente, neste ponto, lembrar a indicação de Halliday (1994) de que tão importante quanto entender o que um texto diz é entender como um texto diz o que diz.

Ocorre, afinal, que o componente sintático pode exibir, na sua organização, um tipo de complexidade que se acresce à complexidade que está no componente semântico da gramática. Essa é a questão que se desenvolve na próxima seção.

---

<sup>4</sup> As categorias de “moldura” e “material interveniente” configuram, aqui, fatores de análise. Veja-se o capítulo sobre Metodologia para a listagem desses fatores.

## 2.4 A complexidade no componente semântico: o peso informativo das propriedades semânticas do enunciado

Se no que tange o componente sintático a complexidade deve ser vista tanto no modo como se estabelecem as relações entre os termos constituintes quanto na própria estrutura resultante, no que diz respeito ao componente semântico a complexidade deve ser vista tanto no tipo de representação mental dos eventos quanto na natureza da relação entre eles (GIVÓN, 2009; KORTMANN, 1991).

Segundo Givón (2009, p. 12), é possível correlacionar o tipo de representação semântica com os sistemas gramaticais responsáveis por sua instanciação linguística, como mostra o Quadro 01.

**Quadro 01** – Correlação entre representação cognitiva e sistemas de instanciação gramaticais

Entidade cognitiva	Sistema gramatical	Unidade gramatical
Conceito	Semântica lexical	Palavra
Eventos e estados	Semântica proposicional	Oração
Cadeia de eventos	Pragmática discursiva	Cadeias oracionais

Fonte: Adaptado de Givón (2009, p. 10)

A partir desse quadro, note-se que a complexidade sintática (Unidade gramatical) corresponde à complexidade semântica (Entidade cognitiva). Nesse contexto, orações simples instanciam eventos e estados simples (período simples, 06), enquanto um complexo oracional (cadeias oracionais) pode instanciar uma combinação de eventos (correlação, em 07).

(06) A internet criou novos dispositivos de comunicação e de informação [...] (T-M-31-b)

(07) O planejamento da rede de mobilidade **não apenas** enfrenta desafios, como, por exemplo, a conexão entre espaços públicos e principais destinos, **mas também** questões como a integração social de uma comunidade. (T-S-44-b)

No que diz respeito à cadeia de eventos, as representações cognitivas e os meios de expressão linguística são tão variados quanto a própria experiência humana que motiva essas representações e esses meios de expressão. Nesse complexo, as relações podem ser de tempo, de causa, de condição, de concessão, entre outras. Kortmann (1997) identificou mais de 30

relações semânticas dessa natureza, expressas nas línguas do mundo. E ele ainda mostrou que essas relações também se organizam numa escala de relações semânticas (KORTMANN, 1991), como se vê na Figura 01, que leva em conta as pressuposições e os acarretamentos que a elas se atrelam.

**Figura 01** – Escala de informatividade das relações semânticas

mais informativo (mais forte)	↑	concessão	
		contraste	
		condição	
		instrumento	finalidade
		causa	resultado
		tempo anterior	tempo posterior
menos informativo (mais fraco)		modo	
		exemplificação/especificação	
		tempo simultâneo	
		adição	

Fonte: Kortmann (1991, p. 121)

Para justificar a organização da macroestrutura do espaço semântico das relações interssentenciais (figura 01), o autor apresenta fatos ontogenéticos e filogenéticos, segundo os quais juntores locativos e temporais, por exemplo, desenvolvem-se mais cedo do que juntores concessivos. A partir disso, o estudo de Kortmann (1991) revelou que certas relações oferecem um percurso pragmático de aumento interpretativo e, conseqüentemente, indicam o percurso da mudança linguística e o nível de complexidade cognitiva dos juntores. Tais fatos mostram que o curso geral de aquisição dos juntores pode ser indício do aumento do grau de complexidade cognitiva.

No cópús deste trabalho, verificam-se essas relações semânticas em ocorrências como (08), (09) e (10), nas quais os trechos em negrito estabelecem molduras dentro das quais o leitor deve interpretar a proposição do enunciado (MATTHIESSEN & THOMPSON, 1988).

(08) Relação semântica de tempo simultâneo

Assim, **enquanto os direitos relativos ao investimento estrangeiro foram se reforçando cada vez mais nas regras estabelecidas para a economia global**, pouca atenção vem sendo dada aos direitos dos trabalhadores. (T-M-30-c)

(09) Relação semântica de finalidade

**Para que isso seja possível**, as cidades devem proporcionar acesso a espaços públicos e serviços de qualidade a todas as pessoas, garantindo que possam passear, descansar, brincar e se exercitar em praças, parques e equipamentos. (T-S-44-a)

(10) Relação semântica de tempo simultâneo submetido a concessividade

**Mesmo quando os fotógrafos estão muito mais preocupados em espelhar a realidade**, ainda são assediados por imperativos de gosto e de consciência. (T-M-12)

## 2.5 Um resumo da questão, no contexto do trabalho

Este capítulo se iniciou com a indicação de que o tratamento da questão da complexidade está longe de ser consensual nas diferentes propostas de análise linguística.

Privilegiando uma visão funcionalista de complexidade, ancorada no terreno discursivo-textual, neste trabalho entende-se que a complexidade é uma propriedade inerente às línguas naturais que se define como contínua. Essa visão permite que sejam distinguidos níveis de complexidade nos diversos componentes da gramática, particularmente nos componentes sintático, semântico e pragmático.

Em linhas gerais, pode-se resumir as questões discutidas neste capítulo segundo as seguintes indicações (CONEGLIAN, Inédito):

- a) é possível mensurar a complexidade sintática e a semântica, uma vez que a complexidade é uma propriedade contínua da gramática;
- b) é possível mensurar a complexidade sintática e a semântica separadamente, mas é evidente uma sobredeterminação entre os dois componentes;

No capítulo 3, em que se explicitam os fatores de análise de textos-estímulo, estão listadas as categorias construcionais que se põem sob exame neste trabalho, partindo-se do pressuposto de que essas categorias exibem diferentes graus de complexidade gramatical.

### 3. MATERIAL E MÉTODOS

#### 3.1 A natureza do corpus: os textos-estímulo das provas de concursos públicos

Nesta pesquisa, o material linguístico de análise – ou seja, exatamente o ‘objeto’ de estudo – tem características particulares muito marcantes, dada a sua destinação, que é bem singular, em relação a qualquer outro acionamento de linguagem verificado em condições naturais de uso da língua.

É artificial a própria condição de produção, absolutamente díspar, por estar desvinculada do fundamental ‘propósito’ que dirige a natural ‘inter-ação’ de ‘pessoas’ que se comunicam. Na formulação das questões, em provas desse tipo, o que se encontra não são ‘textos’ regulares de ‘linguagem’, destinados a levar a ‘compartilhamento’ a mensagem de um dos interagentes da comunicação para outro, ambos na mesma situação. O pequeno ‘texto’ que aí se encontra é uma peça linguisticamente estruturada, geralmente retirada de uma publicação original, que simplesmente se destina à leitura (e interpretação) por parte de cada um dos indivíduos que estejam sentados dentro de um recinto, naquela situação institucionalizada na sociedade civil que é a de uma prova de concurso.

Nessa conjuntura, cada leitor deve interpretar tal ‘texto’ avulso (sem nenhum ‘contexto’ interlocutivo), com a finalidade exclusiva de compor, ele próprio, outro texto, com as elucubrações que esse estímulo lhe sugerir e as sugestões de sua memória. Do mesmo modo, também esse texto não se fará com vista a nenhum interlocutor real em linguagem, ele nem terá um ‘destinatário’ interpretante, esperará apenas a leitura e a crítica do corretor da prova. Trata-se, pois, de um texto que se compõe exteriormente a um ato de linguagem vivo e natural: nele o candidato toma o papel de ‘criador’ de texto dentro de um mundo paralelo de linguagem que o obrigou a abstrair a própria noção de interpessoalidade que define a prática linguística. Em decorrência, são protocolares (mais do que artificiais) tanto a composição do sentido quanto o seu revestimento em palavras, pois a relação entre quem escreve e quem lê, no caso, não é a relação autêntica entre um emissor e um receptor em linguagem.

Seja ponto de partida para as reflexões esta prova de redação de concurso público aleatoriamente destacada como exemplo. Assim se inicia o texto-estímulo que inicia uma prova de redação de concurso público da Agência de Fomento do Amapá (AFAP), cargo de advogado, em 2019:

Dadas as múltiplas possibilidades de compartilhamento informacional entre diferentes pessoas, oriundas de diferentes culturas e conhecedoras de diferentes áreas do saber, muito se fala sobre a formação de uma inteligência coletiva na rede. **(T-M-15)**

Nesse primeiro momento, antes mesmo do início da produção da redação, a competência de leitura do candidato está sendo avaliada, porque ele deve extrair do texto-estímulo, pertinentemente, a proposta temática para a composição do seu texto. Assim, caso o candidato não tenha compreendido o texto-estímulo e não consiga depreender a proposta temática, ele corre o risco de ser desclassificado do concurso por fugir ao tema (critério determinante).

Dessa forma, a avaliação do tema, nesse tipo de prova, prevê a avaliação da competência de leitura do candidato, verificada a partir da proposta temática contida no texto-estímulo escrito que compõe as orientações para a realização da redação.

As provas de redação são compostas por um ou até por mais desses textos de apoio, como no caso da prova do DETRAN transcrita, na sua íntegra, a seguir:

**Quadro 02** – Modelo de prova do DETRAN-SP

<b>DETRAN-SP – B – Oficial Estadual de Trânsito / 2019</b>
<b>1</b>
<p>O trânsito é um local onde a educação precisa estar presente o tempo todo, inclusive, pensando na manutenção da segurança das vidas que estão envolvidas nele. Portanto, a educação destinada ao trânsito é o desenvolvimento das capacidades intelectuais, morais e físicas das pessoas [...]. Não se trata apenas de circulação de pessoas e veículos, mas de questões de cidadania, meio ambiente e cultura de maneira geral.</p> <p>(Disponível em: <a href="https://www.educamaisbrasil.com.br">https://www.educamaisbrasil.com.br</a>. Adaptado)</p>
<b>2</b>
<p>O Código de Trânsito Brasileiro (CTB) define os direitos e deveres de toda a população nas vias de circulação e estradas. A regra geral é sempre a mesma, o maior cuida do menor.</p> <p>(Disponível em: <a href="https://www.brasil.gov.br">https://www.brasil.gov.br</a>)</p>
<p>Considerando as ideias expostas em <b>1</b> e <b>2</b> redija um texto dissertativo-argumentativo a respeito do tema <b>Educação para o trânsito – fortalecimento da cidadania</b></p>

Uma observação muito pertinente que deve ser feita na mesma direção é que, muitas vezes, esses textos de apoio que são oferecidos ao candidato apresentam-se modificados, adaptados de sua versão original para as provas, sendo, portanto, apenas “fragmentos” retirados da real linguagem e, por esse motivo, já nascem difíceis para a compreensão do aluno, pois sequer há menção de quem teria construído tal texto e com que propósito. É bem o caso do exemplo a seguir:

**Quadro 03 – Modelo de prova da SPPREV**

**SPPREV – Analista em Gestão Previdenciária/2019**

Em visita aos Estados Unidos, em 1970, Margaret Thatcher fez o seguinte pronunciamento:

“Uma das razões por que valorizamos indivíduos não é porque sejam todos iguais, mas porque são todos diferentes. Permitamos que nossos filhos cresçam, alguns mais altos que outros, se tiverem neles a capacidade de fazê-lo. Pois devemos construir uma sociedade na qual cada cidadão possa desenvolver plenamente seu potencial, tanto para seu próprio benefício quanto para o da comunidade como um todo.”

A premissa crucial que leva a afirmação de Thatcher a parecer quase evidente em si mesma – a suposição de que a “comunidade como um todo” seria adequadamente servida por todo cidadão dedicado a seu “próprio benefício” – acabou por ser admitida como ponto pacífico. Assim, no fim do século passado, tornou-se aceita a noção de que, ao agir egoisticamente, de algum modo as pessoas beneficiariam as outras.

(Adaptado de: ZYGMUNT, Bauman. *A riqueza de poucos beneficia todos nós?* Rio de Janeiro: Zahar, 2015, p.30)

**II**

Segundo a ortodoxia econômica, uma boa dose de desigualdade leva a economias mais eficientes e crescimento mais rápido. Isso se dá porque retornos mais altos e impostos menores no topo da escala – segundo afirmam – fomentaria o empreendedorismo e engendrariam um bolo econômico melhor.

Assim, terá dado certo a experiência de fomento da desigualdade? Os indícios sugerem que não. A disparidade de riqueza atingiu dimensões extraordinárias, mas sem o progresso econômico prometido.

(Adaptado de: LANSEY, Stewart *apud* ZYGMUNT, Bauman. *A riqueza de poucos beneficia todos nós?* Rio de Janeiro: Zahar, 2015, p. 24-25)

Considerando os textos acima, escreva uma dissertação argumentativa em que você discuta a seguinte questão: **A realização individual fomentaria maior igualdade social?**

No caso dessa prova, a partir da temática proposta no texto que acompanha o comando, o aluno deve redigir uma dissertação sobre a pergunta explicitamente delineada: “A realização individual fomentaria maior igualdade social?”. Em situações como essa, o aluno precisa primeiro vencer adequadamente o processamento da leitura dos textos de apoio e do comando que apresenta o pedido da redação, para depois construir sua redação, na qual será possível ao avaliador observar a interpretação que o aluno apresenta.

Há também casos em que a situação se torna ainda mais complicada, pois se oferece ao candidato apenas o texto de apoio, sem a presença de um comando que explicita o tema pretendido da redação, como no exemplo a seguir:

**Quadro 04** – Modelo de prova da AFAP

**AFAP – A – ADVOGADO/2019**

Não há uma descoberta científica que não seja importante. Alguns diriam que uma descoberta científica importante deve ser algo que possa ser aplicado, que precisa trazer algum benefício para a humanidade. Mas não podemos nos esquecer das pesquisas conduzidas pela curiosidade dos pesquisadores. Elas são fundamentais para aumentar nosso conhecimento sobre como o universo ao nosso redor funciona.

(Adaptado de: SKIPPER, Magdalena. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br>)

Considerando o texto acima, desenvolva um texto dissertativo-argumentativo. Justifique seu ponto de vista.

Em situações como essa, a proposta da redação não vem disposta em uma frase-tema que expresse objetivamente o assunto sobre o qual o candidato deve discorrer: o tema da redação deve ser depreendido exclusivamente do texto-estímulo, mais uma responsabilidade de complexa decisão que é delegada ao candidato.

Em todos os casos, a prova de redação exige que o aluno compreenda bem o texto oferecido como apoio, pois é necessário que ele processe adequadamente o que leu, para produzir seu texto nos limites da proposta oferecida no texto de apoio. Algumas das provas (e especialmente as de algumas das instituições específicas, por exemplo, a Fundação Carlos Chagas), oferecem para suas provas de redação – em especial para o processo seletivo de cargos de alto nível e com grande concorrência de candidatos – textos com enunciados revestidos de grande complexidade formal.



### 3.2 A delimitação de fatores de análise: os procedimentos metodológicos

Nas provas de redação que exigem alto nível de compreensão e de desempenho, destaca-se o uso de expedientes linguísticos que acrescentam grande complexidade aos enunciados a ser interpretados, e uma questão interessante que já pode ser adiantada é que são justamente esses textos que mais provocam queixas de candidatos.

No concurso para o Tribunal Regional de São Paulo (TRE/SP), realizado em 2017, por exemplo, a prova de redação era composta pelo seguinte texto-estímulo:

**Quadro 05** – Modelo de prova do TRE-SP

<b>TRE-SP – TÉCNICO JUDICIÁRIO DA ÁREA ADMINISTRATIVA / 2017</b>
<p>O equilíbrio entre os corpos sociais é bastante difícil e exige que não se simplifiquem ou meramente se oponham campos como religiosidade, direitos humanos e diferentes culturas. Frente a tamanha complexidade, se as leis não abarcam todos os casos sem incorrer em injustiça, resta-nos talvez o princípio da equidade.</p> <p><b>Com base no texto acima, redija um texto dissertativo-argumentativo defendendo seu ponto de vista.</b></p>

Nesse texto-estímulo, o uso do adjunto adverbial de causa, que aparece em uma posição de moldura da frase, seguido de uma oração adverbial condicional factual, é apenas um dos expedientes linguísticos que dificultam a compreensão do enunciado. Para elaborar a sua redação, o candidato precisa ter posse clara da temática discutida nesse texto, mas, para tal, necessita desvendar esses arranjos linguísticos de características construcionais muito complexas.

São construções como essas que este trabalho selecionou para análise, as quais, por exibirem algum grau de complexidade (conforme a noção discutida na seção 2), quando presentes nos textos-estímulo, podem ser complicadoras para a sua interpretação. No **Quadro 06**, a seguir, especifica-se quais são as construções eleitas para análise, bem como os fatores de análise para cada caso.

**Quadro 06** – Categorias e fatores para análise do corpus

<p><b>(01) Construções correlativas</b></p> <p>(i) Tipo de expressão correlativa</p> <p>(ii) Nível estrutural da correlação</p> <p><b>(02) Construções comparativas</b></p> <p>(i) Tipo de expressão comparativa</p> <p>(ii) Nível estrutural da comparação</p> <p><b>(03) Construções de moldura</b></p> <p>(i) Natureza sintática da moldura</p> <p>(ii) Natureza semântica da moldura</p> <p><b>(04) Construções com material interveniente entre constituintes imediatos</b></p> <p>(i) Tipo de material interveniente</p> <p>(ii) Natureza sintática do material interveniente</p>
---

### 3.3 A seleção do corpus e o método de análise

A fim de cumprir a meta proposta neste trabalho, procedeu-se à compilação de um corpus, formado por textos-estímulo de provas elaboradas pela banca FCC, entre os anos de 2011 e 2019, para concursos públicos de alta demanda.

Buscaram-se textos de até seis, sete linhas, não só por ser recorrente a seleção pela banca de pequenos fragmentos de textos para a composição de suas provas, mas também por ser esse um critério de padronização das análises a serem desenvolvidas neste trabalho.

Para as análises, escolheram-se, então, 100 provas de concursos, sendo 50 provas de nível médio e 50 provas de nível superior. Como, em alguns casos, as provas contêm mais de um texto, o corpus é formado de 147 textos-estímulo. Utilizaram-se as etiquetas T-M para os textos de provas de nível médio e T-S para os textos de provas de nível superior. Em caso de textos que compunham a mesma prova, utilizaram-se as extensões “a”, “b” e “c”.

Conforme dito na seção anterior, geralmente os textos-estímulo são tirados de publicações. No entanto, nem todas as fontes desses textos são citadas nas provas. Por esse motivo, preferiu-se, na composição do corpus, não incluir a fonte dos textos.

Como procedimento inicial de análise, fez-se, no *cópus*, a coleta de ocorrências das categorias eleitas para análise. Para cada categoria, foram definidos, também, fatores de análise, conforme especificados no Quadro 06. A fase final consistiu em registrar as ocorrências coletadas, relacionadas a cada uma das categorias, para posterior quantificação dos dados que dessem suporte às análises.

Nos 147 textos analisados no *cópus*, foram encontradas 162 construções, divididas em quatro categorias, que são discutidas, exemplificadas e quantificadas a partir do capítulo a seguir.

#### 4. ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES CORRELATIVAS, COM FOCO NA COMPLEXIDADE ESTRUTURAL E SEMÂNTICA

Ao tratar da correlação, Módolo (1999, p.7) pontua que “em primeiro lugar, as orações se correlacionam funcionalmente, resultando depois uma disposição sintática, em que um termo da primeira oração encadeia-se com outro termo da segunda oração”.

Módolo (1999) explica a correlação como uma conexão sintática de uso relativamente frequente, especialmente útil para conferir vigor a um raciocínio, sendo encontrada principalmente em textos apologéticos e enfáticos, “que se destacam mais por expressarem opiniões, defenderem posições, angariarem apoio, do que por informarem com objetividade os acontecimentos” (MÓDOLO, 1999, p. 3-4).

No cópús deste trabalho, o fenômeno da correlação pode ser visto em ocorrências, como:

- (01) As funções mais vulneráveis a tais avanços seriam as de rotina, **tanto** manuais **quanto** intelectuais. (T-S-18)
- (02) Ponto de vista **não** é **apenas** a opinião que desenvolvemos sobre determinado assunto, **mas também** o lugar a partir de onde consideramos o mundo e que influencia de maneira cabal nossas percepções e ações. (T-M-11-b).

Em (01) e (02), verificam-se construções correlatas prototípicas, com marcadores de relação tanto na primeira parte como na segunda (NEVES, 2018a). No exemplo (01), o arranjo sintático da correlação combina duas palavras, sendo que o elemento “tanto” destaca o primeiro elemento do cotejo e o elemento “quanto” introduz o segundo elemento do cotejo, e o efeito semântico final é aditivo correlativo.

Neste trabalho, entende-se que a correlação por si só pode complexificar a estrutura do enunciado, e que, em muitos casos, a ela se acrescentam outros recursos para conferir complexidade a uma determinada construção. No caso de (02), tem-se um ótimo exemplo dessa interação entre os fatores de complexidade na organização da informação do enunciado. No que diz respeito ao plano da forma, a correlação coordena os dois núcleos vocabulares “opinião” e “lugar”, ambos atuando sintaticamente como predicativos do mesmo sujeito. Além disso, aos vocábulos coordenados subordinam-se três orações adjetivas restritivas, formando-se um arranjo em que, dentro do escopo do “não apenas”, há uma relativa restritiva (“que desenvolvemos sobre determinado assunto”) e, dentro do escopo do “mas também”, há mais

duas orações relativas restritivas (“a partir de onde consideramos o mundo”/ “que influencia de maneira cabal nossas percepções e ações”). Desse modo, combinam-se, por meio da expressão correlativa, dois períodos compostos por subordinação. Mas, nesse exemplo, a complexidade extrapola a constituição do enunciado em si e passa para a organização textual-discursiva.

‘É digno de nota o modo como se configura construcionalmente o enunciado, por se construir na fórmula “não só ..., mas também ...”, em “uma direção marcada que vai do primeiro membro coordenado para o segundo, com a ordem marcando o foco” (NEVES, 2018a, p. 823). Considerando-se que o segundo elemento da correlação funciona como o argumento mais forte, em *crescendum*, ou seja, o elemento inesperado, reservado em prol de um maior convencimento (ROSARIO, 2018), pode-se inferir que, em (02) , ao definir “ponto de vista”, o enunciador pressupõe que sua caracterização como “a opinião que desenvolvemos sobre determinado assunto” seja relativamente consensual entre os leitores, alocando a informação “o lugar de onde consideramos o mundo”, mais “surpreendente”, no final do período.

Assim, a complexidade em (02) tem natureza tanto sintática, no que diz respeito ao arranjo sintático da correlação, quanto semântico-pragmática, no que se refere à gradação enfática crescente do primeiro ao segundo termo do predicativo.

Isso posto, a partir da próxima seção, são apresentadas as tipologias da correlação já trazidas na literatura sobre o assunto, que serão discutidas e exemplificadas com as ocorrências do *cópus*.

## **4.1 Os tipos de construções correlativas e sua ocorrência no *cópus* desta pesquisa**

### **4.1.1 Correlação comparativa**

Conforme Módolo (2008), na correlação comparativa, pode-se estabelecer, entre duas realidades ou conceitos, uma relação de igualdade (tanto... quanto), superioridade (mais... do que) ou inferioridade (menos... do que). Ainda segundo o autor, a tipologia das correlatas comparativas é numerosa e variada.

Ao tratar das conjunções subordinativas adverbiais, Neves (2000) explica que as construções correlativas comparativas apresentam basicamente dois formatos: (i) uma oração principal que contenha uma intensificação relativa de um processo, uma qualidade ou uma circunstância, ou uma quantificação relativa de um elemento, acompanhada de uma oração comparativa que expressa o segundo termo da comparação, de mesma natureza que o primeiro;

ou (ii) uma oração principal em que um termo é destacado, por uma marca formal, como primeiro membro do cotejo, acompanhada de uma oração comparativa que traz o segundo termo do cotejo, também destacado por uma marca formal.

No cópua desta pesquisa, tem-se correlação comparativa em ocorrências como:

- (03) Aprende-se **mais** na internet **do que** na sala de aula. (T-S-38)
- (04) Poucas áreas do conhecimento humano tiveram nas últimas décadas desenvolvimento **tão** extraordinário **como** a Medicina. (T-S-02-a)
- (05) No entanto, quando elas se aproximam, percebem que existem **mais** diferenças **do que** semelhanças. (T-M-08)

Em (03), (04) e (05), tem-se a primeira forma de construção, em que ocorre uma intensificação de processo, qualidade, circunstância ou quantificação de elemento (NEVES, 2000).

No exemplo (03), a oração principal apresenta a intensificação de um processo e a oração comparativa expressa o segundo termo da comparação, de mesma natureza que o primeiro, estabelecendo-se uma relação de superioridade entre duas realidades. Em (04), o advérbio “tão” intensifica o adjetivo “extraordinário”, estabelecendo uma relação de igualdade, combinado a “como”. Por outro lado, em (05), tem-se a quantificação relativa do substantivo “diferenças”, que se combina a “do que”, estabelecendo uma relação de superioridade entre duas realidades, por meio da expressão correlativa “mais... do que”.

Das 54 construções correlativas coletadas no cópua, foram encontradas 14 (25,9%) correlativas comparativas. Das 14 construções correlativas comparativas, cotejando-se os textos-estímulo de provas que exigem nível médio e textos-estímulo de provas que exigem nível superior, a fim de verificar se esses textos apresentam diferentes níveis de complexidade, encontram-se os resultados sistematizados na Tabela 01.

**Tabela 01** – Construções correlativas comparativas em textos de nível médio e textos de nível superior

Construções correlativas comparativas (em textos de nível médio e nível superior)					
T-M		T-S		Total	
Nº	%	Nº	%	Nº	%
04	28,6	10	71,4	14	100

Fonte: A autora (2021)

Como se observa na Tabela 01, há uma diferença considerável entre os dois grupos, com um maior número de ocorrências de construções correlativas comparativas em textos de provas que exigem nível superior. Uma dessas ocorrências compõe o texto de apoio da prova para o cargo de analista ministerial, de nível superior, do Ministério Público de Pernambuco, realizada em 2 de dezembro de 2018, que aparece transcrita, na sua íntegra, a seguir:

**Quadro 07** – Modelo de prova para o Ministério Público de Pernambuco

**Ministério Público de Pernambuco – Analista Ministerial – Informática**

Toda cultura incorpora um ideal de felicidade: a vida das nações, **não menos que** a dos indivíduos, é vivida, em larga medida, na imaginação. **Além da dimensão pragmática**, uma discussão das perspectivas da cultura no século XXI deve essencialmente perguntar: qual é a constelação de valores que ilumina nosso sonho coletivo? Existe uma utopia ou forma de vida ideal que energiza a alma de um povo na atualidade?

(Adaptado de: Eduardo Giannetti. O elogio do vira-lata. São Paulo: Cia. das Letras, 2018, ed. digital)

**Com base nas ideias expostas acima, escreva um texto dissertativo-argumentativo. Justifique seu ponto de vista.**

Nesse texto-estímulo, que é um ótimo exemplo da interação entre fatores de complexidade na organização da informação do enunciado, o peso refutativo da relação comparativa (“**não menos que**”) acrescenta complexidade à correlação, que, por sua vez, está inserida entre constituintes imediatos, sujeito e verbo (“a vida das nações, **não menos que a dos indivíduos, é vivida...**”). Soma-se a isso o adjunto adverbial, que aparece em posição de moldura da frase seguinte (“Além da dimensão pragmática”). E tudo isso ocorre na proposta de um tema de muita abstração, que é o dos valores de um povo. A partir dessa temática proposta no texto, o candidato deve redigir uma dissertação sobre as duas perguntas delineadas ao final: “qual é a constelação de valores que ilumina nosso sonho coletivo? Existe uma utopia ou forma de vida ideal que energiza a alma de um povo na atualidade?”. Mas, para tal, necessita desvendar seus arranjos linguísticos de características construcionais bastante complexas.

#### 4.1.2 Correlação substitutiva

Conforme Rosário (2018), na correlação, duas partes relacionam-se entre si de modo que a enunciação de uma (chamada de prótase) prepara para a enunciação da outra (chamada de apódose). Assim, consideram-se correlações prototípicas aquelas que apresentam em sua estrutura a prótase e a apódose.

Nesse sentido, as estruturas compostas por padrões sintáticos tais como “não..., mas”, “não..., e sim”, “não..., mas sim”, além de outros encontrados no *cópus* deste trabalho, chamadas de substitutivas (ROSARIO, 2012), apresentam prototipicamente prótase e apódose. Nelas, a enunciação da primeira parte, negativa, induz a uma contraproposta ao argumento negado, positiva (HALLIDAY & HASAN, 1976; ROSARIO, 2012). Como explicam Halliday e Hassan (1976), tais construções aproximam-se das adversativas, com o sentido especial de “em oposição ao que acabou de ser dito”<sup>5</sup>.

O quadro 8, a seguir, apresenta e exemplifica, com ocorrências do *cópus*, os padrões construcionais de correlação substitutiva encontrados.

---

<sup>5</sup> Tradução da pesquisadora. Original inglês: “as against what has just been said”<sup>5</sup> (HALLIDAY & HASSAN, 1976, p. 254).



**Quadro 8** - Padrões sintáticos das expressões correlativas substitutivas ocorrentes no corpus

não..., mas sim	(06) Para McClelland, são os valores, as motivações humanas e a necessidade de autorrealização que movem indivíduos na busca de atividades empreendedoras: “um desejo de realizar as coisas da melhor maneira, <b>não</b> exatamente pelo reconhecimento social ou prestígio, <b>mas, sim</b> , pelo sentimento íntimo de necessidade de realização pessoal. (T-S-40)
não..., e sim	(07) O pior dos homens é aquele que põe em prática sua deficiência moral tanto em relação a si mesmo quanto em relação aos seus amigos, e o melhor dos homens <b>não</b> é aquele que põe em prática sua excelência moral em relação a si mesmo, <b>e sim</b> em relação aos outros, pois esta é uma tarefa difícil. (T-S-08)
não..., mas	(08) A violência contra as mulheres <b>não</b> é um fenômeno tópico, muito menos específico dos espaços públicos, <b>mas</b> estrutural, multidimensional, disseminado, enraizado e, correntemente, recôndito. (T-M-27-a)
não... só	(09) O direito à cidade <b>não</b> pode ser concebido como um simples direito de visita ou de retorno; <b>só</b> pode ser formulado como direito à vida urbana. (T-S-07-a)
não ... apenas	(10) O maior inimigo do riso é a emoção. A indiferença é seu ambiente natural. Isso <b>não</b> significa negar, por exemplo, que não se possa rir de alguém que nos inspire piedade, ou mesmo afeição: <b>apenas</b> , no caso, será preciso esquecer por alguns instantes essa afeição, ou emudecer essa piedade. (T-M-35-b)

Fonte: A autora (2021)

Das 54 estruturas correlativas coletadas no corp3s, encontraram-se 22 (40,7%) correla33es substitutivas. Das 22 constru333es correlativas substitutivas, comparando-se os textos-est33mulo de provas de n33vel m33dio e textos-est33mulo de provas de n33vel superior, encontraram-se os seguintes resultados:

**Tabela 02** – Constru333es correlativas substitutivas em textos de n33vel m33dio e textos de n33vel superior

Constru333es correlativas substitutivas (em textos de n33vel m33dio e n33vel superior)					
T-M		T-S		Total	
N33	%	N33	%	N33	%
09	40,9	13	59,1	22	100

Fonte: A autora (2021)

Os dados obtidos revelam que as constru333es correlativas substitutivas atingem o maior n33mero de ocorr33ncias (acima de 50%) nos textos das provas de n33vel superior, confirmando a hip33tese de que essas provas, na busca de serem altamente seletivas em seus resultados, apresentam textos revestidos de grande complexidade.

Das estruturas correlativas substitutivas analisadas no corp3s, destacam-se as ocorr33ncias presentes no texto-est33mulo da prova para o cargo de analista judici33rio, de n33vel superior, do Tribunal Regional do Trabalho da 21ª Regi333o, realizada em 10 de dezembro de 2018, que vem reproduzida na 33ntegra a seguir.

**Quadro 09** – Modelo de prova do TRE-RN

**TRT 21ª Regi333o (RN)/2017 – Cargo: Analista Judici33rio – 33rea Judici33ria**

Provisoriamente n33o cantaremos o amor, que se refugiou mais abaixo dos subterr33neos. Cantaremos o medo, que esteriliza os abra33os, n33o cantaremos o 33dio porque esse n33o existe, existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro, o medo grande dos sert33es, dos mares, dos desertos, o medo dos soldados, o medo das m33es, o medo das igrejas, cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas, cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte, depois morreremos de medo e sobre nossos t33mulos nascer333o flores amarelas e medrosas.

(Carlos Drummond de Andrade, “Congresso Internacional do Medo”)

**Com base nas ideias expostas acima, escreva um texto dissertativo-argumentativo. Justifique seu ponto de vista.**

Nessa prova, reproduz-se o poema “Congresso Internacional do Medo”. No texto, que pode ser considerado um bom exemplo da força expressiva das correlações substitutivas, fala-se sobre o “medo”, que prevalece, em substituição ao “amor”. O poema já se inicia com uma correlação substitutiva, em que se enuncia a primeira parte, negativa (“Provisoriamente não cantaremos o amor...”), que induz a uma contraproposta ao argumento negado, presente apenas na frase seguinte (“Cantaremos o medo...”), e, nesse caso, com a partícula “sim” implícita. No desenrolar do texto, retoma-se tal construção correlativa substitutiva mais duas vezes (“não cantaremos o ódio ... cantaremos o medo”; “porque esse não existe... existe apenas o medo...”). Trata-se, pois, de mais uma ilustração de como o arranjo sintático-pragmático das correlatas substitutivas pode conferir maior vigor ao raciocínio expresso.

#### 4.1.3 Correlação aditiva

A correlação aditiva é aquela que estabelece uma relação de adição entre as partes combinadas. Nesse processo, “as construções formam-se com segmentos binários (duas orações ou dois sintagmas)” (NEVES, 2018a, p. 823).

Segundo Módolo (2008), existem quatro tipos de construções correlativas aditivas: (i) constituído de uma única partícula na segunda parte correlacionada (não só... mas, não só... como, não só... porém); (ii) constituído de duas partículas na segunda parte correlacionada (não só... mas também, não só... mas ainda, não só... como também); (iii) constituído de três partículas na segunda parte correlacionada, por cruzamento sintático (não só... senão que também, não somente... senão que também); e (iv) com termo intensificador interferindo no primeiro elemento da correlação (não tão-somente... mas, não tão-somente... mas ainda) (MÓDOLO, 2008, p. 1095).

No cópulo desta pesquisa, foram encontradas construções dos tipos (i) e (ii), com exemplos apresentados a seguir:

- (11) O regramento social dentro de uma cultura plural e mesmo entre culturas distintas **não** se pauta **apenas** em noções abstratas de justiça e igualdade, **mas** em noções concretas, extraídas da experiência, das necessidades e anseios das pessoas. (T-S-38-b)
- (12) Isso porque os últimos anos têm revelado um avanço descomunal **não somente** em termos de automação – com previsão de diminuição de 51% dos postos de

trabalho nas próximas décadas –, **mas** na evolução da chamada “inteligência artificial”. (T-S-18)

- (13) O planejamento da rede de mobilidade **não apenas** enfrenta desafios, como, por exemplo, a conexão entre espaços públicos e principais destinos, **mas também** questões como a integração social de uma comunidade. (T-S-44-b)

Em (11) e (12) e (13), observa-se relação de adição entre os termos relacionados, por meio de expressões correlativas. Quanto às particularidades das formações correlativas apresentadas, em (11) e (12), tem-se o primeiro tipo de correlativa aditiva, no qual as sentenças correlacionadas apresentam uma relação de adição por meio de uma única partícula na segunda parte correlacionada, a partir de uma a partir de uma denotação negativa de restrição, nos termos de Módolo (2008).

Por outro lado, em (13), tem-se uma formação constituída por dois elementos na segunda sentença, na qual a negativização predicativa, que apresenta marca de exclusão (“apenas”) no polo negativo, traz marca de inclusão (“também”) no polo positivo.

Em todos os casos, a forma pela qual linguisticamente essas proposições são instanciadas, por meio de uma correlação negativa, é digna de nota, pois mostra como a correlação “guarda estreita relação com a negação. Afinal, é por meio da negação de um elemento, acompanhada da inclusão de outros, que se instaura a correlação aditiva” (ROSARIO, 2012, p. 143). Na mesma direção, ao tratar do arranjo sintático da correlação negativa, Neves (2010, p. 145) afirma que

Uma marca polar negativa – por exemplo, não só ou senão no primeiro membro – implica/obriga a sequência de uma contraparte que insista em uma marca positiva para acréscimo, restabelecimento ou compensação de uma noção cuja presença foi minimizada, mal valorizada, ou, mesmo, negada. Esse acréscimo é feito, no caso de não só, por mas, como e outros.

Do total de 54 estruturas correlativas encontradas no cópulo, 10 (18,5%) são aditivas. Das 10 correlativas aditivas, confrontando-se textos de nível médio e de superior, encontraram-se os seguintes resultados:

**Tabela 03** – Construções correlativas aditivas em textos de nível médio e textos de nível superior

Construções correlativas aditivas (em textos de nível médio e nível superior)					
T-M		T-S		Total	
Nº	%	Nº	%	Nº	%
03	30	07	70	10	100

Fonte: A autora (2021)

A partir dos dados obtidos, apura-se que as provas de nível superior atingem o número mais alto de ocorrências, tal como verificado nas estruturas correlativas comparativas e substitutivas (ver Tabelas 01 e 02), o que indica uma possível, e coerente, tendência de estruturas complexas predominarem em textos de provas de nível superior.

Das estruturas correlativas aditivas coletadas no corpus, destacam-se as ocorrências presentes no texto-estímulo da prova para o cargo de analista administrativo, de nível superior, da Secretaria da Administração do Amapá (SEAD), realizada em 2 de dezembro de 2018, reproduzida na íntegra a seguir.

**Quadro 10** – Modelo de prova do SEAD - AP

<b>SEAD AP – Analista Administrativo</b>
<b>I</b>
Com o incêndio do Museu Nacional <b>não</b> pusemos a perder <b>somente</b> pesquisas e peças antiquíssimas de um valor que não pode ser medido, <b>mas</b> registros fonográficos de povos indígenas cujas línguas já não existem e que constituíam <b>não apenas</b> um documento linguístico, <b>mas</b> compunham o retrato de uma cultura.
<b>II</b>
O regramento social dentro de uma cultura plural e mesmo entre culturas distintas <b>não</b> se pauta <b>apenas</b> em noções abstratas de justiça e igualdade, <b>mas</b> em noções concretas, extraídas da experiência, das necessidades e anseios das pessoas.
<b>Com base no que se afirma em I e em II, redija um texto dissertativo-argumentativo a respeito do tema: O papel da memória na compreensão de uma sociedade.</b>

Essa prova é mais um exemplo modelar para se constatar a complexidade de que esses textos-estímulo de provas de concursos públicos de alta demanda se revestem. Os dois textos escolhidos para compor essa prova são pequenos fragmentos adaptados, e ambos carregam a complexidade das estruturas correlativas aditivas (destacadas em **negrito**), que, como se viu, são construções que não só apresentam muita expressividade, de forte caracterização argumentativa, mas que também se destacam pela complexidade estrutural que conferem aos enunciados a ser interpretados.

#### 4.1.4 Correlação alternativa

Em Módolo (2008), entende-se que as correlatas alternativas são aquelas que se caracterizam pela repetição de expressões como “seja... seja”, “ora... ora”, “ou... ou”, relacionando-se por um tipo de conexão de “valor alternativo, quer para exprimir a incompatibilidade dos conceitos envolvidos, quer para exprimir a equivalência entre eles” (MÓDOLO, 2008, p. 1096).

No *cópus*, encontra-se exemplo de correlação alternativa em:

- (14) **Seja** para a garantia da segurança nas áreas públicas ou em propriedades particulares, **seja** para a fiscalização do trânsito, o uso de câmeras de monitoramento é uma realidade, que, no entanto, ainda levanta polêmica. (T-M-18)

Na coordenação alternativa estabelecida pelas conjunções “seja... seja”, em (14), observa-se que o uso das conjunções alternativas leva a uma leitura inclusiva, de cunho aditivo (o uso de câmeras de monitoramento é uma realidade para a garantia da segurança *e* para a fiscalização do trânsito). Nota-se, ainda, nessa ocorrência, uma grande porção de texto na prótase, com sintagmas nominais também coordenados por meio da conjunção “ou” (“nas áreas públicas **ou** em propriedades particulares”), que, nesse caso, pode carrear, do mesmo modo que a correlação, uma leitura inclusiva (o uso de câmeras de monitoramento é uma realidade para a garantia da segurança nas áreas públicas *e* em propriedades particulares).

Ao tratar das conjunções coordenativas, Neves (2000) explica que, quanto ao modo de construção, a alternância pode se dar entre elementos de composição de uma palavra, entre palavras, entre sintagmas, entre orações ou entre enunciados. No *cópus* deste trabalho, encontraram-se registros de correlação de palavras (15), de sintagmas (16) e de orações (17).

- (15) A persuasão, como uma das finalidades do discurso, **seja** ele publicitário, jurídico **ou** mesmo artístico, pressupõe que é preciso convencer o outro, trazendo-o para o diálogo, consumo ou mesmo para o autoquestionamento, a partir de seus próprios interesses. (T-S-33-a)
- (16) Desde o seu surgimento, a publicidade, que procura estar em sintonia com a visão dos grupos sociais aos quais se destina, extrapola a finalidade meramente comercial e ajuda a criar e a consolidar estereótipos, **sejam** de uma nação **ou** grupo de indivíduos. (T-M-36-a)
- (17) Considera-se que a justiça, e somente ela entre todas as formas de excelência moral, é o bem dos outros; de fato, ela se relaciona com o próximo, pois faz o que é vantajoso para os outros, **quer se trate de um governante**, **quer se trate de um companheiro da comunidade**. (T-S-08)

Do total de 54 estruturas correlativas encontradas no *cópus*, 4 (7,4%) são alternativas. Das 4 correlativas alternativas, cotejando-se textos de nível médio e de superior, encontraram-se os seguintes resultados:

**Tabela 04** – Construções correlativas alternativas em textos de nível médio e textos de nível superior

Construções correlativas alternativas (em textos de nível médio e nível superior)					
T-M		T-S		Total	
Nº	%	Nº	%	Nº	%
03	75	01	25	04	100

Fonte: A autora (2021)

A partir dos dados obtidos, apura-se que os textos de provas que exigem nível médio apresentam a maioria das ocorrências de estruturas correlativas alternativas (75%). Por sua vez, os textos das provas de nível superior apresentam apenas uma ocorrência dessa categoria. Tal diferença entre textos de nível médio e textos de nível superior, com maior número de ocorrências em textos de nível médio, também se verá nas estruturas correlativas que serão analisadas a seguir.

#### 4.1.5 Correlação proporcional

Segundo Neves (2018a), as construções correlativas proporcionais são aquelas que indicam uma proporção entre o que é expresso na oração principal e o que é expresso na proporcional e formam-se com expressões do tipo “tanto mais/menos” na oração principal, e “quanto mais/menos” na oração proporcional. Desse modo, em (18), o que se diz é que, na mesma proporção em que aumenta o tempo que se despende em mídias de relacionamento, aumenta o sentimento de solidão nas pessoas.

- (18) Foi recentemente publicado no American Journal of Preventive Medicine um estudo com adultos jovens, de 19 a 32 anos de idade, apontando que, **quanto maior** o tempo despendido em mídias sociais de relacionamento, **maior** a sensação de solidão das pessoas. (T-M-23)

Entre as construções do cópuz, foram encontradas correlações proporcionais entre sintagmas (19) e entre orações (20).

- (19) Além disso, esse estudo demonstrou também que **quanto maior a frequência de uso, maior a sensação de isolamento social**. (T-M-23)
- (20) A autonomia do sujeito tem relação estreita com o conhecimento de sua própria natureza e de suas necessidades, em um movimento que **tanto mais se opõe à lógica da generalização quanto mais singulares nos percebemos**. (T-S-28-b)

Entre as 54 estruturas correlativas do cópuz, encontraram-se somente 3 (5,7%) proporcionais. Das 3 correlativas proporcionais, cotejando-se textos de nível médio e de superior, foram obtidos os seguintes resultados:

**Tabela 05** – Construções correlativas proporcionais em textos de nível médio e textos de nível superior

Construções correlativas proporcionais (em textos de nível médio e nível superior)					
T-M		T-S		Total	
Nº	%	Nº	%	Nº	%
02	66,7	01	33,3	03	100

Fonte: A autora (2021)



A partir dos dados obtidos, observa-se maior presença de ocorrências de correlações proporcionais em textos de provas de nível médio, com apenas uma ocorrência desse tipo de construção em texto de provas de nível superior. Tal ocorrência compõe o texto da prova para admissão em todos os cargos que exigiam nível superior para o Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região (SP), que ocorreu em 2108, e aparece reproduzida na íntegra a seguir:

**Quadro 11** – Modelo de prova do TER 2ª Região - SP

<b>TRT 2ª Região (SP) - Cargos: AJAJ, AJAA e Oficial de Justiça</b>
<b>I</b>
<p>Em sua Genealogia da Moral, Nietzsche lança a pergunta sobre a origem do bem e do mal, ou melhor, das noções de bem e mal, de certo e errado, e de sua aplicabilidade universal, pondo em causa, assim, uma ligação que, para ele, existia entre a filosofia e as religiões, e que se estendia mesmo para a organização dos Estados e dos sistemas econômicos, a crença em um bem absoluto.</p>
<b>II</b>
<p>A autonomia do sujeito tem relação estreita com o conhecimento de sua própria natureza e de suas necessidades, em um movimento que tanto mais se opõe à lógica da generalização quanto mais singulares nos percebemos.</p>
<p><b>Com base nos dois excertos acima, elabore um texto dissertativo-argumentativo. Justifique sua resposta.</b></p>

Além de ocorrerem na proposta de um tema de grande abstração, que é o das relações entre governantes e governados, os textos dessa prova, no que diz respeito à constituição dos seus enunciados, apresentam arranjos linguísticos de características construcionais complexas. Entre os expedientes linguísticos que exibem algum grau de complexidade, observam-se estruturas que abrem moldura (“Em sua Genealogia da Moral, Nietzsche lança...”), que se

interpõem entre constituintes da oração (“uma ligação que, **para ele**, existia entre a filosofia) e que se correlacionam proporcionalmente (em um movimento que **tanto mais** se opõe à lógica... **quanto mais** singulares...”). E o que se observa, mais uma vez, é a interação dos componentes sintático, semântico e pragmático na configuração de textos-estímulo de provas de concurso de alta demanda.

#### 4.1.6 Correlação consecutiva

As construções correlativas consecutivas são aquelas que, segundo Neves (2018a), apresentam na primeira oração uma intensificação da predicação ou uma intensificação (ou quantificação) de um dos seus elementos – substantivo, adjetivo ou advérbio – e uma segunda oração que expressa a sua consequência.

No cópuz deste trabalho, entre as 54 estruturas correlativas do cópuz, foi encontrada somente 1 (1,8%) correlativa consecutiva, apresentada a seguir:

- (21) A revolução na época foi **tão** grande **que** alguns autores afirmam que a prensa de papel de Gutenberg tirou o mundo de vez da Idade Média, com o despertar definitivo da ciência e do jornalismo profissional. (T-M-22)

No exemplo (21), há uma intensificação do estado das coisas na oração principal, que gera uma consequência, presente na outra oração. Nesse caso, diz-se que a causa para o mundo ter evoluído da idade média foi a magnitude da revolução da época, gerada pela prensa de papel de Gutenberg.

Cotejando-se as provas de nível médio e nível superior, quanto à ocorrência de expressões correlativas consecutivas, têm-se os resultados da Tabela 06, a seguir.

**Tabela 06** – Construções correlativas consecutivas em textos de nível médio e textos de nível superior

Construções correlativas consecutivas (em textos de nível médio e nível superior)					
T-M		T-S		Total	
Nº	%	Nº	%	Nº	%
01	100	0	0	01	100

Fonte: A autora (2021)

A partir dos dados na Tabela 06, apura-se apenas uma ocorrência de correlação consecutiva, em prova de nível médio. Por sua vez, nas provas de nível superior não há expressões correlativas consecutivas. Tal resultado contrapõe-se à maioria das expressões correlativas encontradas no conjunto do *cópus*, como se vê a seguir na Tabela 07, que resume, afinal, os resultados de todos os tipos de construções correlativas coletadas em textos de provas de nível médio e de provas de nível superior.

**Tabela 07** – Construções correlativas quanto ao tipo de expressão correlativa em textos de nível médio e textos de nível superior

Tipo de expressão correlativa	T-M		T-S		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Substitutiva	09	40,9	13	59,1	22	40,7
Comparativa	04	28,6	10	71,4	14	25,9
Aditiva	03	30	07	70	10	18,5
Alternativa	03	75	01	25	04	7,4
Proporcional	02	66,7	01	33,3	03	5,7
Consecutiva	01	100	0	0	01	1,8
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>40,8</b>	<b>32</b>	<b>59,2</b>	<b>54</b>	<b>100</b>

Fonte: A autora (2021)

No conjunto do *cópus*, verifica-se maior número de construções correlativas em provas de nível superior. Merecem destaque os resultados obtidos quanto às ocorrências de expressões correlativas substitutivas e comparativas, que também apresentaram maior frequência em provas de nível superior. Esse resultado deve ser analisado tendo como base a escala de informatividade de Kortmann (1991, p. 121), segundo a qual as relações semânticas de contraste e comparação apresentam altos níveis de complexidade semântica, levando-se em conta os acarretamentos e as pressuposições que a elas se atrelam. A partir dos resultados obtidos, ratifica-se a previsão de que estruturas linguísticas complexas tendem a predominar em textos de provas de nível superior.

#### 4.2 Os níveis estruturais da correlação

Se montar correlações é distribuir marcas correlativas (NEVES, 2010), como se viu nas seções anteriores, resta observar que a natureza sintática do material combinado na correlação pode complexificar ainda mais a estrutura do enunciado. Considerando-se que a correlação pode ser de todos os níveis (NEVES, 2018a), no *cópus* deste trabalho, identificaram-se

construções correlativas com combinação não só de sintagmas, como em (22), (23) e (24), mas também de orações, como em (25).

- (22) No entanto, quando elas se aproximam, percebem que existem **mais** diferenças do que semelhanças. (T-M-08)
- (23) Isso porque os últimos anos têm revelado um avanço descomunal **não somente** em termos de automação – [com previsão de diminuição de 51% dos postos de trabalho nas próximas décadas] –, **mas** na evolução da chamada “inteligência artificial” (AI). (T-S-18)
- (24) Com o incêndio do Museu Nacional, **não** pusemos a perder somente pesquisas e peças antiquíssimas de um valor [que não pode ser medido], **mas** registros fonográficos de povos indígenas [cujas línguas já não existem] e [que constituíam não apenas um documento linguístico], **mas** compunham o retrato de uma cultura. (T-S-38-a)
- (25) A internet criou novos dispositivos de comunicação e de informação, numa verdadeira abertura do espaço público, **não apenas** conferindo maior visibilidade aos diferentes pontos de vista sobre um mesmo acontecimento, **mas também** superando a oposição entre “aqueles que sabem” e “aqueles que devem escutar”. (T-M-31-b)

É interessante notar como o estatuto dos segmentos correlacionados bem como os arranjos sintáticos que neles são estabelecidos podem acrescentar grande complexidade aos enunciados a ser interpretados.

Em (22), por meio de uma correlação comparativa, cotejam-se dois sintagmas nominais, que exercem a função de núcleos do sujeito da forma verbal “existem”.

No caso de (23), em uma correlação aditiva, combinam-se dois complementos nominais, com “inserção parentética” de um sintagma nominal (entre colchetes, no texto) entre o primeiro e o segundo par correlativo.

Por outro lado, em (24), montam-se dois arranjos correlativos. Por meio da primeira correlação aditiva, combinam-se dois complementos verbais. Quanto aos aspectos sintáticos, no interior do primeiro correlator, insere-se material interveniente (“**não** pusemos a perder somente”). Ainda no escopo desse correlator, ao substantivo “valor” integra-se uma oração relativa restritiva, que delimita seu sentido (“valor que não pode ser medido”). No escopo do segundo correlator, tem-se um sintagma nominal representado por um grande porção de texto,

que abriga três orações relativas restritivas, sendo que a primeira delas delimita o sentido do substantivo “povos” (“cujas línguas já não existem”). E é entre as outras duas orações relativas, cujo papel é o de delimitar o sentido do substantivo “registros”, que se instaura a segunda correlação aditiva (“que constituíam **não apenas** um documento linguístico” e “**mas** compunham o retrato de uma cultura”), criando-se, assim, uma intensificação semântica progressiva (NEVES, 2018a), que, nesse caso, ocorre entre predicções que se sucedem.

No caso de (25), a organização da informação do enunciado também ajuda a entender que a complexidade nasce das relações que se estabelecem tanto sintática quanto semanticamente. Nesse caso, o uso de expressões correlativas combinando duas sentenças complexas (“**não apenas** conferindo maior visibilidade aos diferentes pontos de vista sobre um mesmo acontecimento ..., **mas também** superando a oposição...” ) é apenas um dos expedientes linguísticos que podem dificultar a compreensão do enunciado. Ainda no que diz respeito ao plano da forma, tem-se, na apódose, a inserção de duas orações relativas restritivas, coordenadas entre si (“aqueles que sabem” e “aqueles que devem escutar”). Por fim, no que se refere ao componente semântico, a relação adverbial de consequência, expressa pelas duas orações reduzidas de gerúndio, acrescenta outras camadas de complexidade a esse enunciado.

Em todos os casos, pode-se aferir, conforme afirma Rosário (2012), que a extensão dos elementos que se combinam por meio de estruturas correlativas pode variar desde um curto sintagma verbal, como em (22), até grandes extensões de texto, como em (23), (24) e (25).

Na análise do cópuz, foram encontradas 54 expressões correlativas, o que corresponde a 16,5% das construções pesquisadas neste trabalho. Das 54 construções correlativas, em 35 (64,8%) delas, os elementos coordenados eram orações e, em 19 (35,2%) construções, foram combinados sintagmas.

Cotejando-se as provas de nível médio e nível superior, quanto ao nível estrutural da correlação, obtiveram-se os seguintes resultados:

**Tabela 08** – Construções correlativas quanto ao nível estrutural da correlação em textos de nível médio e textos de nível superior

Nível estrutural da correlação	T-M		T-S		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Entre orações	12	34,3	23	65,7	35	64,8
Entre sintagmas	10	52,6	09	47,4	19	35,2
Total	22	40,7	32	59,3	54	100

Fonte: A autora (2021)

Para o conjunto das ocorrências de expressões correlativas do cópuz, verifica-se que, embora as construções correlativas entre sintagmas apresentem número mais alto de

ocorrências em provas de nível médio (52,6%), as construções correlativas entre orações são mais frequentes em provas de nível superior (65,7%), resultado que se se espera, quando se considera que esses textos compõem provas de processo seletivo de cargos de alto nível.

## 5. ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS, COM FOCO NA COMPLEXIDADE SINTÁTICA E PRAGMÁTICA

O texto a seguir é um bom exemplo para compreender a complexidade de que se reveste o mecanismo da comparação, “poderosa chave de arquitetura textual, já que elaboramos nossos raciocínios e conduzimos nossa argumentação com base em discriminações (...)” (NEVES, 2011, p. 70).

- (01) O modo como se constrói a memória é um objeto de estudo para historiadores. O historiador pode dispor-se a intervir em sua construção, **do mesmo modo que** intervém o político, o jornalista ou o educador. Aquele historiador que quer colocar seu ofício a serviço de uma causa cidadã deverá decidir se o **mais** eficaz é uma versão moral, simples e contundente, em que fique claro quem são os amigos e quem são os inimigos, ou uma versão crítica, complexa e matizada. Neste caso, as lições serão **menos** evidentes, mas a compreensão das circunstâncias que condicionam a ação será **mais** clara, de modo que, com o tempo, sua mensagem será **mais** eficaz. (T-S-36-a)

Nesse caso, para discorrer sobre o ofício de um historiador, fazem-se comparações durante todo o correr do texto, iniciando-se pelo cotejo do modo como o historiador pode lidar com a construção da memória, intervindo na sua construção, e o modo como “o político, o jornalista ou o educador” constroem suas experiências, igualando-os qualitativamente. Em seguida, comparam-se as duas possíveis versões da memória que o historiador pode construir: a “versão moral, simples e contundente” e a “versão crítica, complexa e matizada”. Comparam-se, assim, tais entidades segundo determinadas propriedades (“mais eficaz”, “menos evidentes”, “mais clara”), a fim de valorizar a eficácia desta em relação àquela. Constrói-se, portanto, nesse texto, toda a argumentação por meio de uma multiplicidade de cotejos.

O que se observa em construções como as destacadas em (01) é, do ponto de vista sintático, a interdependência de dois elementos e, do ponto de vista semântico, o estabelecimento de um cotejo entre esses dois elementos, com a presença de um elemento comum às entidades comparadas (NEVES, 2018a).

Conforme Neves (2000), as construções comparativas oracionais são compostas de uma oração principal e uma oração comparativa, que constitui um segundo termo da comparação em relação à oração principal. Dessa forma, o constituinte comparado, presente na oração

principal, é o primeiro termo da comparação e o constituinte com o qual se faz a comparação, presente na oração comparativa, é o segundo termo da comparação.

Assim, em (02), há duas entidades (“os movimentos antivacina” e “os vírus”) que entram em interdependência na construção, a fim de que se faça um cotejo entre elas (no que diz respeito à sua periculosidade), que, nesse caso, ocorre por meio de uma relação de igualdade.

- (02) De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), os movimentos antivacina são *tão perigosos quanto os vírus*, porque ameaçam reverter o progresso alcançado no combate a doenças evitáveis por vacinação, como o sarampo e a poliomielite. (T-M-26-b)

Também em (03), comparam-se duas entidades (“alguns” e “outros”), referentemente a uma propriedade (“altos”), mas, desta vez, por meio de uma relação de desigualdade.

- (03) Permitamos que nossos filhos cresçam, alguns mais altos que outros, se tiverem neles a capacidade de fazê-lo. (T-S-42-a)

Nas construções comparativas de (02) e (03), seja por meio de uma relação de igualdade (“tão... quanto”), seja por desigualdade (“mais... que”), comparam-se dois elementos em relação a uma propriedade comum, que, em ambos os casos, veio representada por um sintagma adjetivo (“perigosos”, “altos”).

No âmbito da gramática tradicional, em geral, o mecanismo da comparação é estudado no capítulo que trata do “Grau dos Adjetivos”, no qual se analisam os adjetivos em construções comparativas. No cópula desta pesquisa, encontraram-se diversas ocorrências de construções comparativas que apresentam a intensificação de adjetivo na oração principal, como a que também se observa na ocorrência (04).

- (04) A taxa de desocupação (19,6%) entre os jovens é *três vezes superior à da população adulta* (maiores de 25 anos), de 6,3%. (T-S-43-b).

No caso de (04), tem-se a forma sintética latina de comparativo de superioridade (“-or”), em que o adjetivo “superior” equivale a “mais alta”. Quanto ao arranjo sintático da construção, relacionam-se dois elementos (sublinhados), por meio de um adjetivo (em itálico), antecedido



por uma intensificação (em negrito) e o segundo termo da comparação vem introduzido pela preposição “a”, não constituindo uma oração.

Essa é uma das ocorrências do *córpus* em que a comparação faz parte da estrutura semântica do adjetivo, tal como se observa em (02) e (03). Entretanto, o estudo do mecanismo da comparação não contempla somente o uso de adjetivos em construções comparativas. Neves *et al.* (2002, p.137) entendem que o estudo da comparação deve contemplar a realidade dos processos de constituição do enunciado, principalmente no que diz respeito à língua escrita, que “parece acionar um número muito maior de tipos estruturais para fazer comparações do que a língua falada”.

No *córpus* desta pesquisa, encontram-se ocorrências com outros modos de construção comparativa, além dos já exemplificados em (02) a (04), como se ilustra com as ocorrências de (05) a (07).

- (05) Aprende-se **mais** na internet **do que** na sala de aula. (T-S-39)
- (06) No Brasil, **como em praticamente todo o mundo**, o envelhecimento gradativo da população parece um processo sem volta. (T-M-47-b)
- (07) No entanto, **como ocorre com o termo “celulite”**, esses mesmos sufixos têm sido usados para nomear condições normais do corpo humano. (T-M-34b) ver os comentários e achar uma que correlacione orações

Em (05), (06) e (07), observam-se construções comparativas, ora como o cotejo de diferentes (05), ora como o cotejo de iguais (06) e (07). Quanto às particularidades dos tipos estruturais utilizados nas comparações, em (05), tem-se uma construção correlativa comparativa em que a oração principal apresenta uma intensificação relativa de um processo e a oração comparativa expressa um segundo termo da comparação, de mesma natureza que o primeiro. Em (06) e (07), observam-se construções comparativas, em que a oração principal não apresenta nenhum elemento marcado por intensificação e a oração subordinada inicia-se pela conjunção “como”. No caso de (06), os membros comparados são sintagmas adverbiais e, no caso de (07), os dois membros postos em cotejo são orações.

Percebe-se que, em todos os casos, seja com a articulação de sintagmas (05) seja com a articulação de orações (06), a construção comparativa apresenta, além do uso de adjetivos, outras possibilidades de realização, “que estão à disposição dos usuários, para escolha, segundo suas intenções, na busca de resultados de sentido, e segundo a conjuntura da interação” (NEVES, 2011, p. 71).

## 5.1 Os tipos de construções comparativas e sua ocorrência no *cópus* desta pesquisa

Diz Neves (2000) que, quanto ao modo de construção, as construções comparativas são de dois formatos principais: construções comparativas correlativas e construções comparativas não-correlativas.

### 5.1.1 As construções comparativas com correlação

Segundo Neves (2018a), a relação comparativa por correlação é aquela em que tanto na primeira oração (que traz o primeiro elemento da comparação) quanto na segunda (que traz o segundo elemento da comparação) ocorre uma marca de relação, como em:

- (08) O smartphone para os jovens da geração entre 17 e 30 anos é **tão importante quanto um plano de saúde** e, entre as prioridades, o dispositivo perde apenas para a casa própria. (T-S-15-a)

Nessa ocorrência, a relação comparativa se estabelece explicitamente em pares de orações construídas em correlação, com marca de relação nas duas orações. Na primeira oração, a marca de relação é uma intensificação do adjetivo “importante”, operada pelo advérbio “tão”, criando-se a comparação de igualdade, e, na segunda oração, a marca de relação é um elemento de subordinação, a conjunção subordinativa comparativa “quanto”.

Além da intensificação de uma qualidade, como se viu em (08), as construções comparativas correlativas podem apresentar outros tipos de construção (NEVES, 2000). No *cópus* deste trabalho, encontraram-se ocorrências de construções correlativas comparativas também com intensificação de processo (08), intensificação de advérbio (09) e (10) e quantificação de substantivo (11).

- (09) Vivemos hoje **mais e melhor do que** no passado, e a tendência, considerando-se os avanços de todas as áreas médicas, é a melhoria gradativa e ininterrupta da saúde e do bem-estar de todos. (T-S-02-b)
- (10) O conforto, a higiene, sim... No entanto, um ranchinho de barro e sapé vai  *muito melhor*  com a paisagem. Um ranchinho de barro e sapé parece brotado da terra, faz

parte da natureza, não contradiz as árvores e o céu. E é, também, tão humano... (T-M-42-a)

- (11) O tempo que os jovens passam assistindo a vídeos na internet vem crescendo em **maiores** proporções, enquanto a televisão recebe cada vez **menos** *atenção*.

Em (09), (10) e (11), têm-se construções comparativas por correlação bastante variadas do ponto de vista estrutural. Quanto à organização sintática, em (09), monta-se um arranjo com duas estruturas comparativas, coordenadas entre si (“mais e melhor”), e cada uma das duas orações que se relacionam nesse arranjo traz um elemento comparado: a primeira apresenta o elemento na base da comparação (oração principal) e a outra, dependente da primeira e iniciada pela locução conjuntiva “do que”, apresenta o elemento com o qual se faz a comparação. A intensificação operada pelo advérbio “mais” nas duas estruturas comparativas, relativamente a um processo (“vive-se **mais**”) e a uma circunstância (“**melhor**” = mais bem), cria a desigualdade nas comparações.

Segundo Neves (2018a), a existência de um elemento comum responde por uma característica muito comum nas comparações: a elipse no segundo termo comparado como um recurso da construção comparativa responde por ele. É o que também se observa em (09), que tem o verbo da oração comparativa elíptico, elemento comum às duas orações (“vive-se mais e melhor do que [*se vivia*] no passado”).

No caso de (10), tem-se-marca de relação comparativa apenas em uma oração (“... um ranchinho de barro e sapé vai muito **melhor** com a paisagem”), operada pelo advérbio de intensidade “mais”, que intensifica um outro advérbio de modo (“mais *bem* = **melhor**”), criando-se uma desigualdade na comparação. Além disso, a oração adverbial comparativa está totalmente elíptica e a sua recuperação, neste caso, constitui um processo bastante complexo<sup>6</sup>. O segundo membro elíptico dessa estrutura comparativa está presente em uma frase anterior do texto e precisa ser recuperado por meio de uma contraposição envolvida (“no entanto”), construindo-se a seguinte estrutura em correspondência com as informações reconstruídas no contexto: “um ranchinho de barro e sapé vai muito melhor com a paisagem [do que o conforto e a higiene]”. Ainda nessa construção comparativa, o advérbio de intensidade, que funciona como marcador de contraste, é também intensificado, por meio de outro marcador “muito” (“muito melhor”), acentuando-se ainda mais o contraste entre os elementos da comparação.

<sup>6</sup> Veja-se a seção 5.1.3, sobre o caráter referencial das construções comparativas, com a apresentação e exemplificação, por meio de ocorrências dos *cópus*, dos modos possíveis de reconstrução do elemento da comparação totalmente elíptico.

Em (11), note-se que o uso de *mais* de uma construção comparativa é apenas um dos expedientes linguísticos que pode dificultar a compreensão do enunciado. Nesse caso, montam-se duas construções comparativas, por meio de um contraste com desigualdade e superioridade na primeira, com a intensificação de um adjetivo (“*mais* grandes” = **maiores**), e desigualdade e inferioridade na segunda, com a quantificação de um substantivo (“*menos* atenção”). Em ambas as estruturas comparativas, observa-se elipse total do segundo elemento da comparação, que, nos dois casos, pode ser recuperado no contexto (“O tempo que os jovens passam assistindo a vídeos na internet vem crescendo em maiores proporções [do que o tempo que os jovens passam assistindo à televisão vem crescendo]”) e (“a televisão recebe cada vez menos atenção [do que os vídeos na internet]”).

Das 41 construções comparativas coletadas no *cópus*, 20 delas são construções comparativas com correlação. Cotejando-se os textos-estímulo de provas que exigem nível médio e textos-estímulo de provas que exigem nível superior, a fim de verificar se esses textos apresentam diferentes níveis de complexidade, têm-se os resultados da Tabela 09, a seguir.

**Tabela 09** – Construções comparativas com correlação em textos de nível médio e textos de nível superior

Construções comparativas correlativas (em textos de nível médio e nível superior)					
T-M		T-S		Total	
Nº	%	Nº	%	Nº	%
07	35	13	65	20	100

Fonte: A autora (2021)

Como se pode observar, a Tabela 9 indica uma diferença considerável entre os dois grupos. No que diz respeito às construções comparativas com correlação, no total de ocorrências em exame, os textos de provas que exigem nível superior apresentam a grande maioria das ocorrências (65%). Merece observação a diferença significativa de 30% que os separa dos textos de provas que exigem nível médio, confirmando-se a hipótese da escolha preferencial, nas provas de mais alto nível, de textos-estímulo que apresentam o expediente linguístico da correlação comparativa, potencial complicador para a interpretação desses textos.

### 5.1.2 As construções comparativas sem correlação

No *cópus* desta pesquisa, encontraram-se também construções comparativas sem correlação, como:

- (12) Todos os indicadores apontam que os brasileiros estão viajando **como** nunca, sobretudo ao exterior. (T-M-46)

Em (12), tem-se uma construção comparativa sem correlativa, que é aquela que não tem nenhum elemento da oração principal marcado por quantificação relativa e tem a oração comparativa iniciada por conjunção ou locução conjuntiva (NEVES, 2000). No caso dessa construção comparativa sem correlação, comparam-se predicções, montando-se um período composto por subordinação, com a oração principal “os brasileiros estão viajando” e oração subordinada adverbial comparativa com elipse do verbo, (“como nunca [viajaram]”).

Segundo Neves (2000), existem os seguintes subtipos de construções comparativas não-correlativas: (i) comparação entre indivíduos; (ii) comparação entre propriedades; (iii) comparação entre circunstâncias; (iv) comparação entre predicados; e (v) comparação entre predicções (NEVES, 2000, p. 902).

No *cópus* desta pesquisa, foram encontradas construções com comparações entre indivíduos (13), entre propriedades (14), entre circunstâncias (15) e entre predicções (16).

- (13) Os transtornos mentais são comuns demais para que continuemos a vê-los com preconceito. São *doenças* **como** quaisquer outras, mas que têm a peculiaridade de afetar o órgão do corpo que nos diz quem somos. (T-S-50)
- (14) As funções mais vulneráveis a tais avanços seriam as de rotina, **tanto** manuais **quanto** intelectuais. (T-S-18)
- (15) Pois devemos construir uma sociedade na qual cada cidadão possa desenvolver plenamente seu potencial, **tanto** para seu próprio benefício **quanto** para o da comunidade como um todo. (T-S-42-a)
- (16) Poucas áreas do conhecimento humano tiveram nas últimas décadas *desenvolvimento* tão *extraordinário* **como** a Medicina. (T-S-02)

Quanto à estruturação sintática desses arranjos comparativos, em (12), são comparados dois indivíduos em relação a uma propriedade comum. Combinam-se sintagmas nominais (“transtornos mentais” e “quaisquer outras”) referentemente a um outro sintagma nominal (“doenças”), na função sintática de predicativo de sujeito, atuando como a propriedade comum entre os participantes.

No caso de (13), cotejam-se propriedades (“manuais” e “intelectuais”) em relação ao mesmo indivíduo (“funções”). Segundo Neves (2000), se o cotejo entre propriedades não implica intensificação, como é o caso de (13), as duas qualidades se entendem como somadas (“tanto manuais quanto intelectuais” = não só manuais como também intelectuais).

A relação semântica de comparação que se aproxima à de adição também é observada em (14). Nesse caso, comparam-se circunstâncias, representadas em sintagmas adverbiais (“para seu próprio benefício” e “para o da comunidade como um todo”), com o elemento “tanto” precedendo o primeiro sintagma adverbial e o elemento “quanto” precedendo o segundo. O efeito de sentido é o de adição, pois segundo Neves (2000), quando o cotejo de sintagmas adverbiais não implica quantificação, ambos também se entendem como somados (“tanto para seu próprio benefício quanto para o da comunidade como um todo” = não só para seu próprio benefício como também para o da comunidade como um todo).

Por fim, em (15), comparam-se predicções. Conforme Neves (2000), na comparação entre duas orações em que está envolvida intensificação de algum elemento da oração principal, como ocorreu em (15), normalmente ocorre a elipse de algum termo na segunda oração: “Poucas áreas do conhecimento humano tiveram (...) desenvolvimento tão extraordinário **como** a Medicina [teve]”.

Das 41 construções comparativas coletadas no corpú, 21 delas são construções comparativas sem correlação. Cotejando-se os textos-estímulo de provas que exigem nível médio e textos-estímulo de provas que exigem nível superior, a fim de verificar se esses textos apresentam diferentes níveis de complexidade, obtêm-se os seguintes resultados:

**Tabela 10** – Construções comparativas sem correlação em textos de nível médio e textos de nível superior  
Construções comparativas sem correlação (em textos de nível médio e nível superior)

T-M		T-S		Total	
Nº	%	Nº	%	Nº	%
13	61,9	08	38,1	21	100

Fonte: A autora (2021)

Como mostra a Tabela 10, o número de expressões correlativas comparativas sem correlação é maior em textos de provas que exigem nível médio do que em textos de provas que exigem nível superior. Fato que merece observação, na apreciação desses resultados e na análise das ocorrências do corpús, é que algumas dessas ocorrências compõem provas de concursos em que esses cargos de nível médio registraram o maior número de inscritos, comparativamente aos outros cargos, de nível superior. Duas dessas provas vêm transcritas, na sua íntegra, a seguir:

**Quadro 12** – Modelo de prova do Tribunal Regional do Trabalho

**Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região – Técnico Judiciário**

**I**

A violência contra as mulheres não é um fenômeno tópico, **muito menos** específico dos espaços públicos, mas estrutural, multidimensional, disseminado, enraizado e, correntemente, recôndito. (FANINI, Michele Asmar. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br>)

**II**

Não se corrigem do dia para a noite preconceitos ou abusos relacionados a questões de gênero e enraizados na sociedade. Enquanto isso, é importante que sejam oferecidas formas de minorar o dano das vítimas. A respeito do vagão rosa, afirma Olgamir Amância, titular da Secretaria da Mulher do DF: “Ele desperta a atenção da população. Mas certamente, como somos a maioria, um vagão não é o suficiente”. (Adaptado de: LEAL, Aline. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br>)

**III**

No conceito do “vagão rosa” as mulheres são colocadas na posição de objetos de desejo ou objetos de posse. E os homens são vistos **como** vítimas do próprio desejo, sem a necessidade de se responsabilizar por ele. Acho curioso que homens não façam protestos contra o “vagão rosa”: a ideia nele embutida sobre o que é ser um homem é ofensiva ao extremo. (BRUM, Eliane. Disponível em: <http://brasil.elpais.com>)

**Com base nos excertos acima, escreva um texto dissertativo-argumentativo, justificando seu ponto de vista.**

Nessa prova de redação para o concurso do Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região para cargo de nível médio, com grande número de inscritos<sup>7</sup>, dos três textos oferecidos como apoio para o candidato, dois deles são marcados por construções comparativas (destacadas em negrito nos textos).

Outra prova de concurso de nível médio com alta demanda, que registrou grande número de inscritos para esse cargo, foi a do concurso para o Tribunal Superior do Trabalho<sup>8</sup> (TST), realizada em 19 de novembro de 2017, também reproduzida, na íntegra, a seguir:

**Quadro 13** – Modelo de prova do TRE-SP

**Tribunal Superior do Trabalho – Técnico Judiciário –**

**Área Administrativa**

Dadas as múltiplas possibilidades de compartilhamento informacional entre diferentes pessoas, oriundas de diferentes culturas e conhecedoras de diferentes áreas do saber, muito se fala sobre a formação de uma inteligência coletiva na rede. Entretanto, se o mundo virtual serve **como** mecanismo privilegiado de projeção do ser humano, **tal qual** um espelho, ele também virtualmente reflete os aspectos pouco promissores da realidade palpável.

(SILVA, Rosane Leal da *et al.* Disponível em:  
<http://direitosp.fgv.br/publicacoes/revista>)

**Com base contexto descrito acima, desenvolva um texto dissertativo-argumentativo, expondo seu ponto de vista.**

Como se vê, a prova de admissão para o cargo de Técnico Judiciário do TST continha apenas um fragmento de texto, breve, porém marcado por duas construções comparativas, entre outras estruturas léxico-gramaticais bastante complexas.

<sup>7</sup> Segundo a Justiça do Trabalho do TRT da 1ª Região, inscreveram-se para esse concurso 97.069 candidatos, sendo 64.949 para o cargo de nível médio (66,9% de todos os inscritos). Disponível em < [https://trt1.jus.br/ultimas-noticias/-/asset\\_publisher/IpQvDk7pXBme/content/trt-rj-divulga-numero-de-inscritos-em-concurso-de-servidor-2/21078](https://trt1.jus.br/ultimas-noticias/-/asset_publisher/IpQvDk7pXBme/content/trt-rj-divulga-numero-de-inscritos-em-concurso-de-servidor-2/21078) > Acesso em: 03 fev. 2021.

<sup>8</sup> Segundo a Justiça do Trabalho do TST, inscreveram-se para esse concurso 105.370 candidatos, sendo que, para o cargo de Técnico Judiciário, Área Administrativa, foram 54.354 (51,6% de todos os inscritos). Disponível em < [http://www.tst.jus.br/noticias/-/asset\\_publisher/89Dk/content/concurso-para-servidores-do-tst-tem-105-mil-inscritos](http://www.tst.jus.br/noticias/-/asset_publisher/89Dk/content/concurso-para-servidores-do-tst-tem-105-mil-inscritos) > Acesso em: 06 fev. 2021



Ambas as provas aqui reproduzidas na íntegra compõem exames que exigem apenas nível médio do candidato. Por outro lado, considerando-se tratar de um processo seletivo com grande concorrência de inscritos, pode-se entender a escolha preferencial de textos com enunciados revestidos de grande complexidade formal, entre eles a comparação.

## 5.2 Os níveis estruturais das construções comparativas e sua ocorrência no *cópus* desta pesquisa

Considerando-se que, no que tange o componente sintático, a complexidade deve ser vista não só no modo como se estabelecem as relações entre os termos constituintes, mas também na própria estrutura resultante, neste trabalho buscou-se identificar e analisar construções comparativas de todos os níveis estruturais.

Segundo Neves (2018a), nas construções comparativas, os dois membros que são postos em cotejo (sublinhados nas ocorrências a seguir), por meio de conjunções ou locuções conjuntivas (em negrito), não necessariamente são orações, como nos casos de (17) e (18), podem ser simples sintagmas, como nos casos de (19) e (20).

- (17) No entanto, **como** ocorre com o termo “celulite”, esses mesmos sufixos têm sido usados para nomear condições normais do corpo humano. (T-M-34b)
- (18) No conceito do “vagão rosa” as mulheres são colocadas na posição de objetos de desejo ou objetos de posse. E os homens são vistos **como** vítimas do próprio desejo, sem a necessidade de se responsabilizar por ele. (T-M-27-c)
- (19) No Brasil, **como** em praticamente todo o mundo, o envelhecimento gradativo da população parece um processo sem volta. (T-M-47-b)
- (20) Numa sociedade e numa cultura assim, nós sofremos com o suprimento excessivo de todas as coisas, **tanto** os objetos de desejo, **quanto** os de conhecimento, e com a assombrosa velocidade dos novos objetos que chegam e dos antigos que se vão. (T-S-10-a)

Conforme Neves *et. al.* (2002), um dos problemas de delimitação na análise das estruturas comparativas diz respeito à determinação do nível em que se estabelece a comparação. Se no caso de (17) fica evidente o estatuto oracional dos dois membros da

comparação, em (18), o segundo membro da comparação não tem a expressão canônica de uma oração, em função da elipse do verbo (“os homens são vistos como [são vistas] vítimas do próprio desejo”). Por sua vez, em (19) e (20), identificam-se comparações de sintagmas, que podem ser preposicionados, como no caso de circunstantes comparados (19), ou não preposicionados, como no caso dos indivíduos comparados (19).

Das 41 construções comparativas coletadas no corpus, em 24 (80,9%) delas, os elementos postos em cotejo são sintagmas e, em 17 construções (19,1%), foram combinadas orações. Cotejando-se as provas de nível médio e as de nível superior, quanto ao nível estrutural dos membros da comparação, têm-se os resultados da Tabela 11, a seguir.

**Tabela 11** – Construções comparativas quanto ao nível estrutural dos membros da comparação em textos de nível médio e textos de nível superior

Nível estrutural das construções comparativas (em textos de nível médio e nível superior)						
Nível estrutural da comparação	T-M		T-S		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Entre sintagmas	11	45,8	13	54,2	24	80,9
Entre orações	09	52,9	08	47,1	17	19,1

Fonte: A autora (2021)

Como se pode observar, a Tabela 11 não indica uma diferença considerável entre os dois grupos. Por um lado, as construções comparativas que combinam sintagmas são mais frequentes em provas de nível superior, com uma distância percentual de 8,4 pontos separando as provas de nível superior das provas de nível médio. Por outro lado, as estruturas comparativas com combinação de orações são mais frequentes nas provas de nível médio, porém com uma distância percentual menor (de 5,8 pontos) em relação às de nível superior.

### 5.3 O caráter referencial das construções comparativas e sua ocorrência no corpus desta pesquisa

Neste trabalho, entende-se que a comparação pode ser um complicador para a interpretação do conteúdo proposicional do enunciado. Acresce-se a esse caráter complicador uma possível complexidade estrutural no que diz respeito ao funcionamento textual dessas

constituições, uma vez que, em muitos casos, a complexidade extrapola a constituição do enunciado em si e passa para a própria constituição textual-discursiva, como se vê em 21.

- (21) No entanto, **como ocorre com o termo “celulite”, esses mesmos sufixos têm sido usados para nomear condições normais do corpo humano.** (T-M-34-b)

Segundo Neves (2011), a comparação é um processo fundamental de constituição do enunciado, um dos mecanismos mais presentes e fortes na construção da coesão textual. Em (21), constrói-se uma rede referencial, em que o primeiro membro da comparação, presente na oração nuclear, posposta à oração adverbial comparativa, apresenta uma palavra de natureza fórica, o pronome “esses”, que, por sua vez, faz referência a uma porção do texto anterior. Estabelece-se, assim, um jogo referencial, nos termos de Neves (2011), que faz entender, mais uma vez, que a complexidade nasce das relações que se estabelecem tanto no componente sintático quanto no semântico e pragmático.

Nesta pesquisa, além de ocorrências com referenciação demonstrativa no primeiro ou no segundo membro da comparação, como (21), identificaram-se casos com existência de elipse nos termos comparados, a qual ocorre, como já dito, em função da existência de um elemento comum na base da construção comparativa (NEVES, 2018a). Considerando-se que a elipse é inegavelmente uma marca referencial (HALLIDAY & HASAN, 1976), analisaram-se desde casos em que apenas parte do segundo membro da comparação está elíptica (22), até casos em que o segundo membro da comparação está totalmente elíptico (23).

- (22) No entanto, quando elas se aproximam, percebem que existem mais diferenças do que semelhanças. (T-M-08)
- (23) O tempo que os jovens passam assistindo a vídeos na internet vem crescendo em maiores proporções, enquanto a televisão recebe cada vez **menos** atenção. (T-S-15-b)

Em (22), a elipse que ocorre na oração adverbial comparativa é apenas do elemento comum aos dois membros da comparação (“existem mais diferenças do que [existem] semelhanças”). No caso de (23), nas duas estruturas comparativas que foram montadas no texto, o segundo membro da comparação está totalmente elíptico, e, por esse motivo, sua recuperação constitui um processo mais complexo do que em (22): “O tempo que os jovens passam

assistindo a vídeos a internet vem crescendo em maiores proporções (do que o tempo que eles passam assistindo à televisão vem crescendo)” e “a televisão recebe cada vez mais menos atenção (do que a internet recebe)”.

O processo de recuperação de um membro elíptico na comparação não é apenas complexo, mas é também variado (NEVES *et. al.*, 2002). No *cópus* desta pesquisa, foram identificadas construções em que a recuperação do elemento elíptico da comparação se dá no contexto precedente (24), (25) e (26), bem como construções em que a recuperação do membro elíptico da estrutura comparativa só se dá no conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte (26).

- (24) A inserção produtiva dos jovens consolida-se como um grande desafio. Trata-se de um público mais vulnerável, que enfrenta dificuldades de inserção no mercado de trabalho e tende a encontrar ocupações precárias, situação agravada, em muitos países, pela fragilidade da formação educacional de grande parte da população. (T-S-43-a)
- (25) Mobilidade urbana é, também, a capacidade de as pessoas se deslocarem de um lugar para outro para realizar suas atividades de forma confortável, segura e em tempo hábil. É **mais do que meios de transporte e trânsito**. (T-M-43)
- (26) Segundo a ortodoxia econômica, uma boa dose de desigualdade leva a economias mais eficientes e crescimento mais rápido. (T-S-42-b)

Em (24), (25) e (26), observam-se elipses de membros da comparação. Na ocorrência (24), há elipse total da oração comparativa. A recuperação do segundo membro da comparação, não expresso, tem de ser feita com base na frase anterior (“A inserção produtiva dos jovens consolida-se como um grande desafio. Trata-se de um público mais vulnerável [do que o público não jovem]”)

Ao tratar da elipse nos membros da comparação, Neves *et. al.* (2002) pontuam que “muito mais rara e complicada é a elipse no primeiro membro da comparação” (NEVES *et. al.*, 2002, p. 136). É o que se observa no caso de (25), em que o primeiro membro da comparação vem elíptico na oração principal e, graças à ativação do mecanismo comparativo, ele pode ser recuperado na frase anterior (“[Mobilidade urbana] é mais do que meios de transporte e trânsito”).

Por fim, em (26), monta-se um arranjo sintático com duas estruturas comparativas, as duas com elipse total do segundo membro da comparação, e, em ambas, não se recupera

facilmente o membro elíptico, apenas no conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte (“... leva a economias mais eficientes [do que as da atualidade] e crescimento mais rápido [do que o que se tem atualmente]”).

Em outros exemplos do *cópus*, chega-se até ao requinte de montagens com estruturas comparativas negativizadas, de alta complexidade construcional, como se observa em (27) e (28):

- (27) Toda cultura incorpora um ideal de felicidade: a vida das nações, **não menos que a dos indivíduos**, *é vivida*, em larga medida, na imaginação. (T-S-32)
- (28) Pressupor que sabemos com clareza quais sejam nossas necessidades talvez seja temerário, mas o contrário disso **não é menos problemático**, uma vez que põe em risco nossa autonomia e nossa representatividade em um contexto social. (T-S-33-b)

Segundo Neves *et al.* (2002), nas estruturas correlativas, as orações comparativas nunca são negativas, o que se mostra compatível com a sua tendência para a elipse. É o que se observa nas ocorrências (27) e (28), nas quais marcas de negação aparecem nas orações principais de ambas as construções comparativas.

Quanto à estrutura comparativa de (27), ocorre uma elipse parcial no segundo membro da comparação (“**não menos que a** [vida] dos indivíduos”). A comparação de igualdade se torna ainda mais complexa pela negativização do advérbio de intensidade, em função da necessidade de negar a desigualdade (“**não menos**”) para se chegar à igualdade.

No caso de (28), o uso de um elemento de natureza fórica no primeiro membro da comparação (“o contrário disso”), que faz referência à oração anterior, é apenas um dos expedientes linguísticos que podem dificultar a compreensão desse enunciado. Há ainda a elipse total da oração comparativa correlativa, que deve ser recuperada também na oração precedente (“o contrário disso não é menos problemático do que [pressupor que saibamos com clareza quais sejam nossas necessidades]”), formando-se, assim, a rede referencial do texto.

O peso refutativo da relação comparativa acrescenta uma nova camada de complexidade ao jogo referencial em (28). Segundo Neves (2018a), a complexidade formal de textos negativizados reflete de certo modo a complexidade ligada ao esquema mental de exigência de pressuposições, como se observa nesse caso também, em que a relação de igualdade precisa ser depreendida da relação de desigualdade marcada negativamente (“**não é menos** problemático”).

Desse modo, tanto em (27) quanto em (28), à natureza complexa das estruturas comparativas correlativas e à natureza complexa do caráter referencial da comparação soma-se a natureza complexa dos textos negativizados, o que ratifica a interação entre esses componentes na configuração da complexidade de textos-estímulo de provas de concursos de alta demanda.

## 6. ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES DE MOLDURA, COM FOCO NA COMPLEXIDADE ESTRUTURAL E SEMÂNTICA

O texto a seguir é o texto-estímulo que inicia a prova de redação do concurso público para o Tribunal Regional do Trabalho da 9ª região, realizado em 29 de novembro de 2015. A partir dele, o candidato precisa abstrair adequadamente um tema para o desenvolvimento de sua redação.

(01) **Apesar da presunção de veracidade que confere autoridade, interesse e sedução a todas as fotos**, a obra que os fotógrafos produzem não constitui uma exceção genérica ao comércio usualmente nebuloso entre arte e verdade. **Mesmo quando os fotógrafos estão muito mais preocupados em espelhar a realidade**, ainda são assediados por imperativos de gosto e de consciência. [...] O problema não é que as pessoas se lembrem através das fotografias, mas que se lembrem apenas das fotografias.

Para elaborar a sua redação, o candidato precisa ter posse clara da temática discutida no texto, porém, para isso, necessita decodificar o enredamento que se cria nesse pequeno texto-estímulo adaptado, com seus períodos emoldurados por relações concessivas.

Imagine-se na condição de um candidato a um cargo público, concorrendo com outros milhares de candidatos, diante desse pequeno texto avulso, para, a partir dele, desenvolver redação. Imagine-se tendo que o ler e o interpretar para compor seu próprio texto, em um curto período de tempo, com as elucubrações que esse texto lhe sugerir.

No texto, emolduram-se os dois primeiros períodos com construções concessiva e temporal concessiva, respectivamente, as quais funcionam, sintaticamente, como adjuntos adverbiais nas orações que iniciam. E ambas as construções concessivas expressam, semanticamente, obstáculos que não conseguem frustrar a ocorrência dos fatos declarados no conjunto das outras duas orações com as quais também se constrói o texto.

Construções como essas do texto que abre o capítulo estabelecem molduras dentro das quais o leitor deve interpretar a proposição do enunciado e representam, em geral, segundo Matthiessen e Thompson (1988), satélites na relação retórica do tipo núcleo-satélite, combinando-se às orações nucleares para modificar, expandir o núcleo informacional contido na cláusula-núcleo ou em outra porção do texto.

No corpus deste trabalho, construções de moldura de frase podem ser vistas em ocorrências, como:

(02) **Recentemente**, manifestações artísticas têm dividido opiniões no Brasil: há quem as considere inapropriadas e quem as defenda por oporem-se ao status quo. (T-M-16-b)

(03) **No aspecto prático**, a situação do imigrante é de extrema vulnerabilidade, especialmente no âmbito profissional. (T-M-09-c)

(04) **Segundo afirmou o neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis**, “as grandes empresas adoram a noção de que o ser humano vai se tornar obsoleto. (T-S-12)

Seja sob a forma de advérbios (02), locuções adverbiais (03) ou orações adverbiais (04), tais construções satélites (destacadas em negrito), quando aparecem antepostas ao núcleo da informação, têm o intuito de orientar o receptor para o que vem em seguida (CASTILHO, 1990), como se pode perceber também em:

(05) **De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS)**, os movimentos antivacina são tão perigosos quanto os vírus, porque ameaçam reverter o progresso alcançado no combate a doenças evitáveis por vacinação, como o sarampo e a poliomielite. (T-M-26-b)

(06) **Sem humor**, não será plena a livre expressão. (T-S-23)

(07) **Durante a Idade Média**, pode-se dizer que os jornais e o jornalismo tiveram o seu maior salto tecnológico: a prensa de papel inventada pelo alemão Johannes Gutenberg possibilitou que o trabalho que antes era realizado manualmente pudesse ser feito por máquinas, tornando a publicação de livros e de jornais muito mais ampla e rápida. (T-M-22)

Em (05), (06) e (07), verificam-se estruturas que abrem molduras, sob a forma de sintagmas nominais, dentro das quais se inserem determinados conteúdos.

Em (05), o sintagma adverbial de conformidade estabelece uma moldura dentro da qual o leitor deve interpretar o que se propõe na oração “os movimentos antivacina são tão perigosos quanto os vírus”.

No caso da construção condicional em (06), a preposição “sem”, que estabelece relação semântica de privação, inicia um sintagma nominal, formando-se uma construção condicional em um período simples. Segundo Dik (1997), as orações condicionais podem ser usadas pelo falante para “criar” um modelo mental, dentro do qual aquilo que é expresso na oração nuclear



é relevante ou verdadeiro. É o que se observa nessa construção, em que existe uma condição (o humor) e, na contraparte, existe algo que é condicionado e que se torna uma realização se e quando a condição é satisfeita (NEVES, 2018a).

Considerando-se que as expressões adverbiais temporais em posição anteposta ao núcleo servem à função discursiva de guia (CHAFE, 1984), verifica-se em (06) uma relação temporal de simultaneidade entre dois eventos, em que a moldura (“durante a Idade Média”) presta-se à função de orientação para a informação “os jornais e o jornalismo tiveram o seu maior salto tecnológico”.

Assim, em (05), (06) e (07), as molduras criadas servem como orientação para as informações seguintes. Por outro lado, no cópús desta pesquisa, identificaram-se ocorrências em que determinadas expressões adverbiais, quando deslocadas para a esquerda da oração, criam arranjos construcionais estruturalmente complexos, compostos por peças que se juntam na expressão linguística, como em:

(08) **No Brasil, como em praticamente todo o mundo**, o envelhecimento gradativo da população parece um processo sem volta. (T-M-47-b)

(09) “Não descobriste o remédio para a memória, mas apenas para a lembrança. O que ofereces aos que estudam é simples aparência do saber, não a própria realidade. **Depois de ouvirem um mundo de coisas, sem nada terem aprendido**, considerar-se-ão ultrassábios, quando, na grande maioria, não passarão de ignorantões...”. (T-M-29-b)

(10) **Para além da fidelidade e integridade da informação, problema que se impunha com os veículos tradicionais da mídia, hoje, com a internet**, o homem enfrenta um novo desafio: distinguir, de uma profusão de informações supérfluas, as que lhe importam na formação de um pensamento que garanta sua identidade e papel social. (T-M-11-a)

(11) **Se, nos séculos anteriores, a melancolia denunciava o desacordo do sujeito com a sua época e cultura, hoje, segundo especialistas**, esse lugar é ocupado pela depressão, tornando-a um sintoma social. (T-M-19)

Em (08), o que se diz na oração nuclear “o envelhecimento gradativo da população parece um processo sem volta” deve ser interpretado sem perder de vista o arranjo comparativo que constitui moldura na qual se articulam sintagmas adverbiais locativos (“No Brasil” e “em praticamente todo o mundo”), por meio da conjunção “como”, que estabelece relação de

igualdade nessa comparação, criando-se um espaço mental dentro do qual se deve interpretar a oração principal.

No caso de (09), é digna de nota a construção do último período do texto. Nele, monta-se uma moldura de complexidade sintática e semântica. No que diz respeito ao plano da forma, à oração nuclear “considerar-se-ão ultrassábios” subordinam-se três orações adverbiais, sendo que duas delas, antepostas, compõem a moldura do período. No que se refere ao componente semântico, iniciando a moldura tem-se uma oração subordinada adverbial temporal reduzida de infinitivo, com marcação de subsequência do estado de coisas em relação à oração principal. A esse respeito, retome-se o trabalho tipológico de Kortmann (1991), que traz evidências de que as relações semânticas de tempo se organizam em uma escala, na qual as relações de anterioridade ou posterioridade são cognitivamente e informativamente mais complexas do que as de simultaneidade. A essa oração adverbial temporal reduzida de infinitivo deslocada à esquerda do período, segue-se outra oração adverbial reduzida, iniciada pela preposição “sem”. Em função do valor contrastivo dessa preposição, cria-se uma “construção concessiva com polarização negativa” (NEVES, 2018a), que significa (“Depois de ouvirem um mundo de coisas, sem que tenham aprendido nada”), o que acentua ainda mais a complexidade semântica da construção.

Em (10), uma moldura complexa se forma por meio de uma locução adverbial (“Para além da fidelidade e integridade da informação”), com seus núcleos nominais abstratos de grande profundidade interpretativa (“fidelidade” e “integridade”) e ainda retomados por um aposto especificador (“problema que se impunha com os veículos tradicionais da mídia”), portanto um multiplicador de carga informativa adicional. A essa construção ainda se acrescentam dois outros sintagmas adverbiais, um com valor semântico de tempo (“hoje”) e outro com valor semântico de causa (“com a internet”), compondo-se, assim, a moldura multiplamente informativa a partir da qual a porção núcleo do texto “o homem enfrenta um novo desafio” deve ser interpretada.

Por fim, em (11), inicia-se a moldura com uma construção adverbial condicional factual de passado, que dá abertura para contraste temporal com o evento da oração nuclear de presente, o que, em si, não criaria dificuldade de interpretação. Entretanto, a mensagem assim emoldurada, extremamente abstrata, carrega a inusual metáfora de uma “melancolia” que “denuncia” “desacordo” do “sujeito” com “sua época”, formulação que não encontra nenhuma âncora que possa levar desse domínio alvo da metáfora ao domínio fonte que a inspirou (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980]).

Percebe-se, em todos esses casos, o quanto a criação de molduras pode favorecer o encadeamento retórico entre as partes do texto, porém, em função da complexidade estrutural de determinados arranjos construcionais que nelas se formam, pode dificultar bastante a compreensão do leitor, que precisa, muitas vezes, desvendar verdadeiras “equações” linguísticas.

Ocorre que tais arranjos construcionais que se montam em composições de moldura podem ainda exibir, na sua organização, um tipo de complexidade que se acresce a essa complexidade estrutural, uma complexidade que está no componente semântico da gramática. Essa questão é desenvolvida exemplificando-se com ocorrências do *córpus*, na próxima seção.

### 6.1 As construções de moldura quanto à natureza semântica da moldura

Considerando-se que a fonte de complexidade das construções deslocadas para a esquerda da oração pode residir não só no seu padrão construcional, mas também na natureza semântica do material que compõe a moldura, nesta pesquisa analisaram-se, particularmente, três molduras de natureza adverbial – causal, final e concessiva –, que podem ser complicadoras para a interpretação por parte dos candidatos. O ponto inicial para essa análise está na escala de Kortmann (1991), que parte das relações semânticas menos complexas, como a adição, até mais complexas, como a concessividade, entendendo-se, também em Kortmann (1991), que a operação cognitiva mais básica do domínio das relações semânticas de causa, condição e concessão (CCC) é a de condicionalidade, seguida, respectivamente, das noções de temporalidade, causalidade, consequência, finalidade e concessividade.

No *córpus* deste trabalho, faz-se uso da proposta de Kortmann (1991) para analisar as molduras causais, finais e concessivas. A opção por trabalhar com essas relações adverbiais se dá também pela sua ampla utilização nas molduras complexas identificadas no *córpus*.

Assim, considerem-se as molduras de natureza causal (12) e (13); final (14) e (15); e concessiva (16), que serão discutidas a seguir.

(12) **Com o incêndio do Museu Nacional**, não pusemos a perder somente pesquisas e peças antiquíssimas de um valor que não pode ser medido, mas registros fonográficos de povos indígenas cujas línguas já não existem e que constituíam não apenas um documento linguístico, mas compunham o retrato de uma cultura. (T-S-38-a)

(13) **Dadas as múltiplas possibilidades de compartilhamento informacional entre diferentes pessoas, oriundas de diferentes culturas e conhecedoras de diferentes áreas do saber**, muito se fala sobre a formação de uma inteligência coletiva na rede. (T-M-15)

(14) **Para impulsionar o desenvolvimento tecnológico**, é necessário avançar nas relações entre universidades e empresas, e apoiar maciçamente investimentos em pesquisa e inovação. O financiamento contínuo e em montantes adequados é, portanto, indispensável. (T-M-05-b)

(15) Cidades ativas são aquelas em que a população pode fazer escolhas mais saudáveis e sustentáveis. **Para que isso seja possível**, as cidades devem proporcionar acesso a espaços públicos e serviços de qualidade a todas as pessoas, garantindo que possam passear, descansar, brincar e se exercitar em praças, parques e equipamentos. (T-M-05-b)

(16) Podemos constatar que a literatura não tem hoje o papel que tinha no século 19. **Apesar do número enorme de romances publicados**, poucos são os que remodelam a imagem do indivíduo e da comunidade. [...] A literatura oferecia uma capacidade de alargar as formas de percepção do mundo e da comunidade, ela agia sobre a visão e o sentimento de praticamente qualquer um. Hoje não mais. (T-M-06-b)

Em (12) e (13), têm-se molduras com relação semântica de causa, que, segundo Neves (2018a), é aquela que pode estabelecer: (i) uma conexão causa-consequência ou causa-efeito entre dois eventos, em que essa relação se dá entre predicções, indicando causalidade efetiva/real; (ii) uma relação marcada por um conhecimento, julgamento ou crença do falante, existentes no domínio epistêmico, entre proposições; e (iii) uma relação entre o ato de fala e a expressão de causa que motivou esse ato linguístico. (NEVES, 2018a, p. 894).

Em (12), tem-se o primeiro tipo de relação de causalidade, em que a relação causa-consequência ocorre entre predicções, implicando subsequência temporal do efeito em relação à causa. O evento “o incêndio do Museu Nacional” indica causa efetiva para o evento “não pusemos a perder somente pesquisas e peças antiquíssimas..., mas registros fonográficos...”.

Em (13), observa-se uma construção causal que não se refere a “simples acontecimentos ou situações de um mundo” (NEVES, 2018a), como se viu em (11), mas que

está ligada ao domínio epistêmico, à avaliação do falante. Compõe a moldura uma oração adverbial reduzida de participio, cujo sujeito (“as múltiplas possibilidades de compartilhamento”) vem ainda explicitado por um sintagma adjetivo (“oriundas de diferentes culturas e conhecedoras de diferentes áreas do saber”), formando-se assim a moldura complexa com a qual o autor assenta a porção seguinte do seu discurso.

Em (14) e (15), observam-se orações adverbiais finais, que são aquelas que expressam um fim a atingir a partir do que está proposto em outra oração (NEVES, 2018a).

Conforme Thompson (1985), a adverbial de propósito anteposta fornece um quadro em que a porção do núcleo deve ser interpretada e pode criar um conjunto de expectativas a partir da porção textual precedente e do conhecimento partilhado dos interlocutores. Ainda segundo o autor, dentro desse conjunto de expectativas, cria-se não só um problema, mas também uma expectativa de solução. É o que se vê na ocorrência (14), em que a finalidade (“impulsionar o desenvolvimento tecnológico”) entra no discurso para responder a necessidades (“avançar nas relações entre universidades e empresas” e “apoiar maciçamente investimentos em pesquisa e inovação”).

Em (15), a oração adverbial final “Para que isso seja possível” não só fornece um quadro em que o leitor deve interpretar um conjunto de expectativas que a antecede (“cidades ativas são aquelas em que a população pode fazer escolhas mais saudáveis e sustentáveis”), como também o encaminha para a solução dessas expectativas (“as cidades devem proporcionar acesso a espaços públicos e serviços de qualidade a todas as pessoas”). Ao tratar das orações adverbiais finais, Neves (2018a) pontua que a oração final anteposta comporta, muitas vezes, uma interpretação ligada ao conhecimento partilhado dos interlocutores. É o que exatamente se observa em (15), em que a oração adverbial em posição de moldura, por meio do pronome de natureza fórica “isso”, cria expectativas a partir de uma informação que deve ser recuperada na frase anterior (“Cidades ativas são aquelas em que a população pode fazer escolhas mais saudáveis e sustentáveis”). Assim, mais uma vez, a complexidade extrapola o plano sintático, semântico e pragmático da oração adverbial colocada em posição de moldura e passa para a própria organização textual-discursiva.

No caso de (16), a moldura adverbial sintagmática concessiva expressa um obstáculo que não consegue frustrar a ocorrência do que se declara na oração “poucos são os que remodelam a imagem do indivíduo e da comunidade”. Segundo Neves (2018a), nas construções concessivas em geral, “um fato (ou noção) expresso na oração principal mantém-se asseverado, a despeito da proposição contida na oração concessiva” (NEVES, 2018a, p. 952). Nesse sentido, em termos argumentativos, a ocorrência (15) indica que o autor

pressupõe uma objeção à sua asserção, mas que tal objeção é desconsiderada, prevalecendo o que se declara na oração nuclear. A respeito da ordem, Neves (2018a) pontua que fatores de ordem comunicativa interferem na posição das orações concessivas, já que, quando as orações estão antepostas, a informação é mais conhecida pelo interlocutor, ocupando uma posição tópica, como também acontece na ocorrência a seguir:

(17) Os jogos Olímpicos de Pequim primaram pela grandiosidade dramática, pela sofisticação visual e pela ostentação tecnológica. **Apesar da repetição sistemática de um suposto espírito olímpico de confraternização e de superação**, impera a lógica do mundo da produção: a divisão entre vencedores e perdedores. (T-M-47)

Em (17), o sintagma adverbial concessivo deslocado à esquerda do período indica uma possível causa para que não ocorra o fato que está na última oração. Porém, essa causa se frustra, e o fato de “imperar a lógica do munda da produção” ocorre. No que diz respeito aos aspectos formais, a moldura adverbial concessiva é composta por um sintagma nominal, que tem como núcleo o substantivo “repetição”, seguido pelo adjunto adnominal “sistemática”. Ainda na composição da moldura, observa-se um sintagma nominal preposicionado “de um suposto espírito olímpico de confraternização e de superação”, que completa o sentido do substantivo “repetição”.

Similarmente a construções como (16) e (17), que criam relações em que o que vem expresso na oração principal se apresenta como contrário à expectativa criada pelo que se expressa em suas respectivas molduras, algumas construções temporais podem permitir interpretação concessiva (NEVES, 2018a), como em:

(18) **Mesmo quando os fotógrafos estão muito mais preocupados em espelhar a realidade**, ainda são assediados por imperativos de gosto e de consciência. (T-M-12)

Nesse caso, o que se diz na oração principal (“ainda são assediados por imperativos de gosto e de consciência”) apresenta-se como contrário à expectativa que se expressa na oração subordinada adverbial que compõe a moldura do período (“Mesmo quando os fotógrafos estão muito preocupados em espelhar a realidade”), em uma relação “em que fica bastante diluído o valor temporal propriamente dito” (NEVES, 2018a, p. 869). O valor concessivo da moldura fica também marcado pelo elemento adverbial “ainda”, presente na oração principal.

Além de construções de moldura como essa, em que o “quando” permite uma interpretação concessiva, no corpus deste trabalho identificou-se também relação semântica temporal com sentido concessivo em moldura iniciada pela conjunção “enquanto”:

(19) Ainda não existe uma legislação internacional sólida sobre as migrações internacionais. Assim, **enquanto os direitos relativos ao investimento estrangeiro foram se reforçando cada vez mais nas regras estabelecidas para a economia global**, pouca atenção vem sendo dada aos direitos dos trabalhadores. (T-M-30-c)

Em (19), verifica-se uma construção com moldura oracional temporal, que estabelece uma relação de contraste entre dois eventos simultâneos (“os direitos relativos ao investimento estrangeiro foram se reforçando” e “pouca atenção vem sendo dada aos direitos dos trabalhadores”). Segundo Kortmann (1991), alguns subordinadores temporais indicadores de tempo simultâneo, como ocorre em (19), são propensos à marcação de relações concessivas.

Na análise do corpus, foram encontradas 17 construções de moldura, o que corresponde a 10,5% das construções pesquisadas neste trabalho. Cotejando-se as provas que exigem nível médio e as provas que exigem nível superior, quanto à natureza semântica da moldura, encontraram-se os seguintes resultados:

**Tabela 12** – Construções de moldura quanto à natureza semântica em textos de nível médio e textos de nível superior

Natureza semântica da moldura	T-M		T-S		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Causa	07	70	03	30	10	58,8
Concessão	05	100	0	0	05	29,4
Finalidade	01	50	01	50	02	11,8
Total	13	76,5	04	23,5	17	100

Fonte: A autora (2021)

Como se observa, a Tabela 12 indica uma diferença considerável que separa os textos das provas que exigem nível médio dos textos das provas que exigem nível superior, com um maior número de construções de moldura dos três tipos semânticos em provas de nível médio.

É interessante notar que, entre as ocorrências de moldura coletadas no corpus, em provas que exigiam nível médio, algumas delas compõem provas de concursos públicos em que os processos seletivos para cargos de nível médio registraram o maior número de inscritos. Uma

das ocorrências compõe a prova para o cargo técnico do concurso do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, realizada em 12 de fevereiro de 2017, transcrita, na íntegra, a seguir:

**Quadro 14** – Modelo de prova do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

<p><b>TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DE SÃO PAULO</b></p> <p><b>Técnico Judiciário – Área Administrativa</b></p> <p>O equilíbrio entre os corpos sociais é bastante difícil e exige que não se simplifiquem ou meramente se oponham campos como religiosidade, direitos humanos e diferentes culturas. Frente a tamanha complexidade, se as leis não abarcam todos os casos sem incorrer em injustiça, resta-nos talvez o princípio da equidade.</p> <p><b>Com base no texto acima, redija um texto dissertativo-argumentativo defendendo seu ponto de vista.</b></p>
--

Nessa prova, além de se submeter a um concurso público de grande concorrência<sup>9</sup>, o candidato precisa produzir sua redação a partir desse único texto, que é complexo não só no que diz respeito ao conteúdo proposicional em si, visto que ocorre na proposta de um tema de grande abstração, mas também no que se refere ao modo como seu conteúdo é construído. No texto, chama a atenção a constituição do último período, emoldurado por uma relação de causalidade, na qual a proposição “frente a tamanha complexidade” indica uma causa do fato possível “resta-nos talvez o princípio da equidade”. A esse adjunto adverbial de causa segue-se uma oração adverbial condicional factual (“se as leis não abarcam todos os casos sem incorrer em injustiça”), acentuando-se, assim, ainda mais a complexidade da construção.

Assim, o texto-estímulo com que se finaliza essa seção é mais uma ilustração de como a presença das construções de moldura, aliada a outros fatores de complexidade, pode torná-lo bastante conveniente para um exame que se pretende altamente seletivo.

<sup>9</sup> Segundo dados do TRE/SP, inscreveram-se para esse concurso 138.698 candidatos, sendo 84.841 para o cargo de nível médio (61,2% de todos os inscritos), que concorreram a 5 vagas, previstas no edital, o que equivale a uma relação de 16.968 candidatos por vaga. Disponível em < <https://www.exponencialconcursos.com.br/tre-sp-organizadora-divulga-estatistica-de-inscritos> >



## 6.2 As construções de moldura quanto à natureza sintática da moldura e suas ocorrências no corpus

Ainda que seja possível mensurar a complexidade semântica e a complexidade sintática separadamente (CONEGLIAN, inédito), neste trabalho entende-se que há uma sobredeterminação entre os dois componentes. Nesse sentido, ao analisar as construções de moldura nas ocorrências do corpus, busca-se mostrar que a complexidade nasce da interação entre as suas propriedades semânticas e sintáticas.

No corpus deste trabalho, identificaram-se construções adverbiais em posição de moldura representadas em diferentes níveis estruturais:

(20) **Com o declínio das religiões históricas**, a ecologia, com o acento que ela coloca em questões como ‘a preservação da natureza’, ou mesmo de uma relação perdida do homem com esta mesma natureza, parece-me uma nova forma de messianismo. (T-S-48)

(21) **Ao contrário do revogado Estatuto do Estrangeiro**, a nova Lei de Migração (13.445/2017) é fruto da constatação de que gerar entraves burocráticos na regularização migratória não reduz o deslocamento de pessoas, mas degrada as condições de vida do migrante e prejudica empresas, trabalhadores e a sociedade em geral. (T-M-09-a)

(22) **Se de fato algumas das conquistas médicas representaram aumento da longevidade humana**, muitas vezes não consideraram o bem-estar com que os anos a mais de vida seriam vividos. (T-S-02-a)

(23) **Dadas as múltiplas possibilidades de compartilhamento informacional entre diferentes pessoas, oriundas de diferentes culturas e conhecedoras de diferentes áreas do saber**, muito se fala sobre a formação de uma inteligência coletiva na rede. (T-M-15)

Como se vê, as molduras adverbiais, ora representadas em sintagmas (20) e (21), ora representadas em orações, desenvolvidas (22) ou reduzidas (23), podem fornecer um quadro dificultador da compreensão do enunciado em que a porção núcleo deve ser interpretada.

Cotejando-se as provas de nível médio e as de nível superior, quanto ao nível estrutural dos membros da comparação, têm-se os resultados da Tabela 13.

**Tabela 13** – Construções de moldura quanto à natureza sintática da moldura em textos de nível médio e textos de nível superior

Construções de moldura quanto à natureza sintática (em textos de nível médio e nível superior)						
Natureza sintática da moldura	T-M		T-S		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sintagmática	10	83,3	02	16,7	12	70,6
Oracional	03	60	02	40	05	29,4

Fonte: A autora (2021)

Os dados obtidos na Tabela 13 revelam que as provas de nível médio apresentam, comparativamente às provas de nível superior, um maior número de ocorrências de molduras, não só sintagmáticas mas também oracionais, que são as mais complexas do ponto de vista estrutural. Assim, no que diz respeito à categoria das construções de moldura, a análise desses dados aponta para um nível maior de complexidade linguística em textos de provas de nível médio, contrariamente ao esperado.

Retome-se, afinal, o texto de abertura para ver o quanto a determinação da fonte de complexidade dos textos-estímulo analisados no corpus não pode ser feita de forma tão discreta, de modo a estabelecer um outro componente da linguagem como fonte. Quanto à estruturação sintática do texto, o primeiro período vem emoldurado por um sintagma adverbial concessivo, cujo núcleo (“presunção”), vem explicitado por dois adjuntos adnominais, um sintagmático (“de veracidade”) e outro oracional (“que confere autoridade, interesse e sedução a todas as fotos”). No segundo período, como já analisado neste capítulo, tem-se uma moldura representada por uma oração adverbial temporal, que apresenta marca concessiva.

E, em todos os casos, constata-se, mais uma vez, que a complexidade dos textos analisados neste capítulo deve ser verificada na interação entre os componentes sintático, no que se refere aos sintagmas adverbiais de grande extensão e orações adverbiais, desenvolvidas e reduzidas; semântico, no que diz respeito às propriedades semânticas do enunciado; e pragmático, no que toca a formação de molduras dentro das quais o leitor deve interpretar a proposição.

## 7. ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES COM MATERIAL INTERVENIENTE ENTRE CONSTITUINTES IMEDIATOS, COM FOCO NA COMPLEXIDADE ESTRUTURAL

Retome-se o texto apresentado na Introdução deste trabalho. Como se viu, ele inicia a prova de redação do concurso público para o cargo de analista ministerial do Ministério Público de Pernambuco, e dele deve ser extraída a proposta temática para que o candidato componha seu próprio texto. Ele é também um excelente exemplo para compreender a complexidade que se pode ter com a quebra na ordenação canônica de ordenação de constituintes imediatos.

- (01) “A persuasão, como uma das finalidades do discurso, seja ele publicitário, jurídico ou mesmo artístico, pressupõe que é preciso convencer o outro, trazendo-o para o diálogo, consumo ou mesmo para o autoquestionamento, a partir de seus próprios interesses. Diferentemente da coerção, que envolve uma relação vertical entre o mais forte e o mais fraco, a persuasão requer o exercício mental, e depois discursivo, de colocar-se no lugar do outro, de modo a entender suas necessidades e anseios.” (T-S-33-a)

A frase que o abre carrega a complexidade de um sujeito que se distancia do seu predicado. Para começar, retome-se o princípio da marcação, que, segundo Croft (2003), diz respeito a propriedades gramaticais desiguais de elementos gramaticais de mesmo estatuto e paradigmas sintáticos. Um tipo muito particular de marcação, no que diz respeito ao paradigma sintático, relaciona-se com a ordem dos termos na oração (NEVES, 2018a). Em português, considera-se, em geral, a ordem não marcada da oração é aquela em que aparece que põe em sequência sujeito, verbo e complementos (SVO). Isso quer dizer que, na ordem canônica das orações simples, o sujeito (S) precede o sintagma verbal, que, por sua vez, vem seguido do complemento, bem como de adjuntos ou outros constituintes.

Nesse sentido, o fenômeno da marcação é um ponto a ser observado na construção que abre o texto-estímulo de concurso apresentado no início deste capítulo : “A persuasão, **como uma das finalidades do discurso, seja ele publicitário, jurídico ou mesmo artístico, pressupõe** que ...”. O que se vê é que, nessa frase, com a introdução de material interveniente (destacado em negrito) entre o sujeito e o verbo da oração (sublinhados no trecho), se rompe com a ordem normal dos constituintes da oração.

Assim, assumindo-se que a ordem dos constituintes serve como um dos meios pelos quais relações e funções da estrutura subjacente podem ser formalmente expressas (DIK, 1997) e considerando-se que a ordem não marcada da oração é a sequência SVO, entende-se, neste trabalho, que, em princípio, a interposição de material entre o sujeito e o verbo, por representar uma quebra de continuidade da oração, pode tornar estruturalmente complexo o enunciado e pode afetar a boa compreensão do discurso.

Pontue-se que a quebra do padrão canônico da ordenação dos constituintes imediatos, com inserção de material entre eles, pode funcionar como o que Chafe (1984) chama de guia (*guidepost*, em inglês) para a interpretação do leitor, salientando informações que podem ajudar a compreensão do texto, como ocorre em:

(02) Nós – **historiadores** – somos uma corporação profissional cuja atividade procura estabelecer a verdade, mas sabendo que, estritamente, a verdade não existe, que se trata de conclusões provisórias. (T-S-36-b)

Em (02), a inserção parentética, marcada pelos travessões, é uma estratégia discursiva que funciona como facilitadora na construção de sentido do texto. Nesse caso, a inserção do aposto especificador, “historiadores”, entre o sujeito e o verbo, não cria nenhum tipo de dificuldade de interpretação, muito pelo contrário, representa papel particularmente relevante no estabelecimento da significação.

Por outro lado, e especialmente considerada a natureza sintática do material interveniente inserido entre o sujeito e o verbo, a interrupção da sequência entre constituintes pode criar bastante dificuldade para o interpretante, como ocorre em:

(03) Os discursos dos meios de comunicação, **que comumente são acusados de reforçar os conteúdos negativos de certos estereótipos sociais**, poderiam contribuir, no entanto, para a sua desconstrução. (T-M-36-b)

Nessa ocorrência, a estrutura interveniente, que se interpõe entre termos constituintes da oração, como em (02), tem natureza apositiva. A oração relativa explicativa, cujo antecedente é o sintagma nominal “discursos dos meios de comunicação”, não só apõe a esse sintagma uma explicação, mas também justifica registra (“no entanto”) a contraposição estabelecida na oração matriz (“no entanto”), que, sem essa indicação, precisaria ser

depreendida das predicções (“são acusados de reforçar os conteúdos negativos...” e “poderiam contribuir para a sua desconstrução”). No entanto, ao contrário de (02), uma estrutura como essa, por sua composição sintática, que abriga uma oração complexa, pode ser um grande complicador para o leitor.

Neste trabalho, a base para a análise das construções com material interveniente entre sujeito e verbo está na proposta de Givón (2009), já descrita na seção 2.2, que estabelece uma hierarquia de desenvolvimento da complexidade sintática da gramática das línguas do ponto de vista diacrônico, o que serve também à explicação da complexidade sintática da gramática do ponto de vista sincrônico. Na proposta do autor, o percurso crescente de complexidade se inicia com palavras, que se combinam de modo a formar uma oração simples. Assim, no nível mais baixo da escala, situam-se as palavras e as estruturas tradicionalmente conhecidas como “período simples”, que são menos complexas que aquelas conhecidas como “período composto”.

Nessa linha, utiliza-se aqui proposta de Givón (2009) para se considerar que também a quantidade de elementos intervenientes, ao distanciar consideravelmente o sujeito do seu predicado, pode tornar estruturalmente complexo o enunciado, como (04), em que se vê a interposição de um aposto especificador (em negrito no texto) composto de nove palavras, sendo quatro delas núcleos do sintagma, entre esses termos constituintes (sublinhados no texto)

(04) De acordo com este princípio, todos os valores sociais – **liberdades, oportunidades, renda e as bases sociais da autoestima** – devem ser distribuídos igualitariamente. (T-S-19)

Assim, como diretriz geral, nesta pesquisa, e observadas as ocorrências colhidas para análise, toma-se como complexo o material interveniente composto de mais de três palavras, por se considerar que não só a natureza sintática mas também a quantidade do material inserido entre os termos constituintes podem criar dificuldade para o interpretante.

No que diz respeito à natureza sintática do conjunto dos elementos intervenientes, no *cópus* deste trabalho, foram encontrados dois tipos, os quais foram classificados segundo critérios morfossintáticos, em: material interveniente de natureza apositiva (05) e (06), e restritiva (07); e material interveniente de natureza adverbial (08), que serão discutidos nas próximas seções.

(05) A experiência histórica nos leva a concluir que a igualdade em dignidade e em direito dos seres humanos não é um dado: é um construído da convivência coletiva, que

requer o acesso a um espaço público comum. Em outras palavras, é esse acesso ao espaço público – **o direito de pertencer a uma comunidade política** – que permite a construção de um mundo comum através do processo de asserção dos direitos humanos. (T-S-11)

(06) Desde o seu surgimento, a publicidade, **que procura estar em sintonia com a visão dos grupos sociais aos quais se destina**, extrapola a finalidade meramente comercial e ajuda a criar e a consolidar estereótipos, sejam de uma nação ou grupo de indivíduos. (T-M-36-a)

(07) Assim, os marcos civilizatórios afirmados no decorrer dos tempos nos pressionam psicologicamente a sentir repulsa por atos que implicam violência, mas que eram tolerados em outros tempos históricos. (T-M-25-a)

(08) Vivemos hoje mais e melhor do que no passado, e a tendência, **considerando-se os avanços de todas as áreas médicas**, é a melhoria gradativa e ininterrupta da saúde e do bem-estar de todos. (T-S-02-b)

### 7.1 Material interveniente de natureza apositiva e restritiva

O modelo de relações semântico-funcionais que Halliday (1985) propõe parece uma boa alternativa para a análise das construções com material interveniente de natureza apositiva, pois fornece parâmetros diferenciados de análise, cuja combinação pode indicar construções consideradas apositivas em um *continuum* que vai da parataxe ao encaixamento.

De acordo com o sistema lógico-semântico de Halliday (1985), as relações são agrupadas em dois tipos fundamentais: a expansão e a projeção. A expansão pode se manifestar-se de três formas: (i) por elaboração, quando um elemento expande o outro, reformulando-o, especificando-o em mais detalhes; (ii) por extensão, quando se acrescenta algum elemento novo, ou se apresenta-se uma exceção ou alguma alternativa; (iii) por um encarecimento, quando é fornecido algum traço circunstancial relativo a tempo, lugar, modo, causa ou condição.

Ainda segundo o autor, a aposição enquadra-se na relação lógico-semântica de expansão por elaboração, em que um elemento expande o outro, reformulando-o, especificando-o em mais detalhes ou exemplificando-o. No *corpus* desta pesquisa, foram encontradas construções apositivas interpondo-se entre sujeito e verbo, como em

(09) De acordo com este princípio, todos os valores sociais – **liberdades, oportunidades, renda e as bases sociais da autoestima** – devem ser distribuídos igualmente. (T-S-19)

A relação de elaboração em (09) é paratática, nos termos de Halliday (1985), o que se constata em função da simetria existente entre os elementos em aposição. Tem-se aí um caso prototípico de aposição, em que é possível permutar os termos, sem afetar a aceitabilidade da construção resultante: “... todos os valores sociais – liberdades, oportunidades, renda e as bases sociais da autoestima – devem ser distribuídos...” = liberdades, oportunidades, renda e as bases sociais da autoestima – todos os valores sociais – devem ser distribuídas igualmente.

Quanto às particularidades da construção, a expressão “todos os valores sociais”, sujeito da oração nuclear, é expandida por um segmento parentético de longa extensão, representado por um aposto especificador composto de quatro núcleos nominais abstratos (“liberdades”, “oportunidades”, “renda” e “bases”), sendo que um deles, o substantivo “bases”, é ainda explicitado por mais dois modificadores restritivos sintagmáticos (“sociais” e “da autoestima”), portanto multiplicadores de carga informacional.

Assim, do ponto de vista da complexidade estrutural, observa-se em (09) uma construção com maior elaboração sintática, em que ao sintagma nominal “todos os valores sociais” agregam-se outros quatro sintagmas nominais, distanciando-se consideravelmente o sujeito do predicado.

Se em construções com aposição prototípica, como (09), tem-se, conforme Halliday (1985), o cruzamento da relação lógico-semântica do tipo expansão por elaboração com a relação sintática simétrica de parataxe, em construções complexas com orações relativas apositivas, como (10), a aposição se manifesta por meio da relação assimétrica da hipotaxe.

(10) Desde o seu surgimento, a publicidade, **que procura estar em sintonia com a visão dos grupos sociais aos quais se destina**, extrapola a finalidade meramente comercial e ajuda a criar e a consolidar estereótipos, sejam de uma nação ou grupo de indivíduos. (T-M-36-a)

Em (10), tem-se material interveniente composto por oração relativa apositiva (“que procura estar em sintonia com a visão dos grupos sociais aos quais se destina”), que tem a função de expandir o termo “publicidade”, antecedente do pronome relativo na oração nuclear. Ainda na composição dessa estrutura interveniente, tem-se uma oração relativa restritiva, “aos

quais se destina”, que delimita o antecedente “grupos sociais”, formando-se, assim, uma estrutura complexa que rompe a ordem normal dos constituintes. Assim, tem-se em (10) uma construção de grande complexidade estrutural, não só pela natureza sintática do material interveniente, no que diz respeito às orações complexas que elaboram o núcleo do sujeito da oração principal, mas também pela quantidade de material inserido entre o sujeito e o predicado, composto por 15 palavras.

Segundo Neves (2018a), a oração relativa apositiva acrescenta uma informação acerca do antecedente a que se refere, não fazendo nenhuma delimitação, como também ocorre em (11):

(11) A construção de um mundo comum, baseado no direito de todo ser humano à hospitalidade universal e contestado na prática pelos refugiados, pelos deslocados, só começaria a se tornar viável – como aponta Hannah Arendt – se o direito a ter direitos tivesse uma tutela internacional, que o garantisse. (T-S-11)

No caso de (11), compõem o complexo interveniente duas orações relativas apositivas de participípio (tradicionalmente chamadas de orações adjetivas explicativas reduzidas de participípio), coordenadas entre si, que expandem um único referente “mundo”, não o delimitando, estando seu referente já está delimitado pelo adjetivo “comum” que o sucede. Com isso, as duas orações relativas de natureza apositiva, que elaboram o substantivo “mundo” e se interpõem entre o sujeito e o verbo, têm valor referencial próprio e podem ser omitidas sem grave prejuízo sintático e semântico da construção.

No cópua desta pesquisa, encontraram-se também construções com material interveniente estabelecendo articulação de orações por meio de um encaixamento (HALLIDAY, 1985), em que as orações estão unidas por um processo de constituição, no qual uma constitui a outra, como em (12) e (13):

(12) Heróis, mitos, músicas, roupas típicas e outras tradições nacionais **que confirmam a naturalidade histórica e definem os valores e as normas de comportamento características dos indivíduos nas nações** são, na verdade, invenções do período moderno... (T-S-24)

(13) A contradição **que a situação das redes sociais nos coloca** é uma contradição entre o poder do capital em um grau nunca alcançado e a privacidade individual. (T-M-20)



Em (12) e (13), observam-se orações relativas restritivas, que, segundo Halliday (1985), assim como as apositivas, envolvem a relação lógico-semântica de elaboração. No caso das orações restritivas, por possuírem um estatuto mais gramatical do que as orações relativas apositivas, tem-se uma articulação de orações se faz por meio de um encaixamento, que, segundo como explica Neves (2016), é “mecanismo de ‘constituência’ de uma oração que entra no eixo tático que vai formar a frase complexa” (NEVES, 2016, p. 228), funcionando como constituinte da estrutura do sintagma.

Quanto à estruturação sintática das construções apresentadas, em (12), observa-se tratar-se de uma construção complexa com duas orações relativas que elaboram o sujeito composto da oração matriz e o delimitam, ao realizarem um recorte semântico, na medida em que explicitam seu conteúdo. No caso de (13), a oração relativa restritiva tem como antecedente o sintagma nominal “contradição” e também o restringe. E, em ambos os casos, as orações relativas restritivas compõem construções de grande complexidade estrutural, não só por sua natureza sintática, no que se refere a orações encaixadas que se agregam ao núcleo do sintagma nominal, mas também no que diz respeito à quantidade de material inserido entre os termos constituintes da oração.

Na análise dos tipos de materiais intervenientes das construções do cópua, observa-se predominância de construções apositivas paratáticas em textos de provas de nível superior. Por outro lado, estruturas mais complexas, representadas pelas orações subordinadas/encaixadas, predominam em textos de provas de nível médio, como se pode observar na Tabela 14, a seguir:

**Tabela 14** – Construções com material interveniente I – quanto ao tipo de material interveniente

Tipo de material interveniente:	T-M		T-S		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Orações relativas restritivas	09	56,2	07	43,8	16	32
Orações relativas explicativas	05	55,6	04	44,4	09	18
Aposto	01	16,7	05	83,3	06	12
Total	27	54	23	46	50	100

Fonte: A autora (2021)

Tem-se, na Tabela 14, a predominância das orações relativas restritivas (56,2%) e orações relativas explicativas (55,6%) em provas de nível médio. Apenas na categoria material interveniente “aposto”, os textos de provas de nível superior atingem a grande maioria dos casos (83,3%).

Por fim, merece observação o fato de que, nos textos de provas de concursos, de todos os níveis, no que diz respeito à categoria material interveniente, predominam construções com orações relativas restritivas (encaixadas) em relação às orações relativas explicativas e às construções com aposto, o que atesta, mais uma vez, a complexidade de que esses textos se revestem.

## 7.2 Material interveniente de natureza adverbial

Neste trabalho, busca-se mostrar que a complexidade nasce da sobredeterminação entre o componente sintático do material interveniente, no que se refere aos modificadores sintagmáticos e oracionais que se agregam ao sujeito, e o seu componente semântico, no que diz respeito às relações semânticas que se estabelecem nesse material, que podem ser de tempo, de causa, de condição, de finalidade, entre outras.

No cópuz deste trabalho, verificam-se essas relações semânticas em ocorrências como (14), (15) e (16), nas quais os trechos em negrito funcionam como materiais intervenientes que interrompem a sequência entre constituintes imediatos, complexificando a estrutura dos enunciados, tanto na sua composição sintática quanto na sua composição semântica.

### (14) Relação semântica de tempo simultâneo

Produzida e, constantemente, reformulada pela maioria, a ação da lei, “**ao mesmo tempo em que aumentava a força dos poderes que eram naturalmente fortes, debilitava** cada vez mais os que eram naturalmente fracos”. (T-S-25)

### (15) Relação semântica de finalidade

Coagir jovens a adotar comportamentos preestabelecidos, **com vistas à simples manutenção da ordem e com finalidades predefinidas**, pode comprometer o surgimento de novas formas de pensar e viver. (T-M-17-b)

### (16) Relação semântica de condicionalidade

Vivemos hoje mais e melhor do que no passado, e a tendência, **considerando-se os avanços de todas as áreas médicas**, é a melhoria gradativa e ininterrupta da saúde e do bem-estar de todos. (T-S-02-b)

Como se vê, estruturas que se colocam entre sujeito e verbo, ora representadas em sintagmas de longa extensão, com 11 palavras (15), ora representadas em orações, seja desenvolvidas (14), seja reduzidas (16), ao subverterem a ordem canônica da estrutura oracional, respondem pela complexidade sintática e semântica dessas construções.

Das 50 construções com material interveniente coletadas no corpus, 19 delas (38%) têm natureza adverbial. Das 19 construções com material interveniente de natureza adverbial, confrontando-se textos de nível médio e de nível superior, obtiveram-se os seguintes resultados:

**Tabela 15** – Construções com material Interveniente II – quanto ao tipo de material interveniente

Tipo de material interveniente:	T-M		T-S		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Adjunto Adverbial	12	63,2	07	36,2	19	38

Fonte: A autora (2021)

Os dados obtidos na Tabela 15 revelam o maior número de ocorrências (63,2%) nos textos de provas de nível médio, comparativamente aos textos de provas de nível superior. Assim, a análise desses dados aponta para uma carga de maior complexidade linguística, no que diz respeito à categoria de material interveniente de natureza adverbial, em textos de provas que exigem nível médio, contrariando, mais uma vez, o que se espera de provas desse tipo.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, resume-se a proposta deste estudo na indicação de que a teoria funcionalista da linguagem, nas suas bases mais gerais (COSERIU, 1992; GIVÓN, 1984, 1995; HALLIDAY, 1994; DIK, 1997; NEVES, 2018b), sem vinculações particulares a um ou a outro modelo, possibilita explicar o modo pelo qual se configuram, gramaticalmente, textos-estímulo de provas de concurso de alta demanda. Com a orientação dessa teoria, especialmente no que respeita à possibilidade de avaliar-se o grau de complexidade textual das produções linguísticas, as análises de características específicas, que se projetam para o desenvolvimento deste trabalho, permitem avaliar do peso de determinados fatores que a própria teoria nos permitiu considerar intervenientes na qualidade complexa dos textos-estímulo encontrados.

A teoria funcionalista da linguagem que se adota para este estudo possibilita captar e discutir os fatores que respondem pela complexidade sintática e pela complexidade semântica desses textos-estímulo, o que os torna altamente convenientes para um exame que se pretende altamente seletivo.

Para a realização da investigação proposta neste trabalho, foram fixados e cumpridos os objetivos propostos, podendo-se sistematizar os resultados obtidos na investigação nos pontos que seguem:

1. Com base na análise dos textos-estímulo, identificaram-se construções gramaticais que exibem algum grau de complexidade sintática ou semântica, as quais podem ser complicadores para a sua interpretação. Assim, confirma-se a hipótese de que o que pode dificultar a interpretação dos textos-estímulo presentes nas provas de redação da banca examinadora Fundação Carlos Chagas não é somente o conteúdo proposicional do enunciado em si, mas também o modo como esse conteúdo é construído.

Para um apanhado geral dos resultados obtidos nas análises, verificam-se, na tabela a seguir, os dados quantitativos referentes às quatro categorias identificadas no *cópus* deste trabalho.

**Tabela 16** – Resultado quantitativo das Categorias eleitas para análise

Categorias									
Total de ocorrências		Construções correlativas		Construções com material interveniente		Construções comparativas		Construções com moldura	
Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
162	100	54	33,4	50	30,8	41	25,3	17	10,5

Fonte: A autora (2021)

Verifica-se, pela Tabela 16 que, das 162 construções analisadas no *córpus*, a categoria de construções correlativas é a categoria predominante (33,4%). As categorias de material interveniente e comparação também apresentaram grande número de ocorrências (30,8% e 25,3%, respectivamente). Por outro lado, a categoria de moldura adverbial apresenta baixa representatividade (10,5%).

Nas análises que se empreenderam neste estudo, outras categorias construcionais foram inicialmente consideradas, mas não discutidas, como a negação, em função da profundidade que a discussão da polarização dos enunciados requer, e a clivagem, em virtude da baixa frequência de ocorrências dessa categoria no *córpus*.

2. Para cada categoria, elegeram-se fatores de análise das construções com complexidade. Na análise das construções selecionadas, merece destaque a categoria de construções correlativas, que apresentou um alto nível de complexidade sintática, com predominância de orações complexas nas correlações (64,8%), bem como a categoria de material interveniente, também com prevalência de construções com material interveniente oracional (64%), mais complexo do ponto de vista estrutural do que o material interveniente sintagmático. Outra importante observação diz respeito à categoria das construções correlativas, em que se viu a predominância das construções substitutivas e comparativas, de alta complexidade semântica, segundo a escala de Kortmann (1991).

3. Cotejamos os textos-estímulo de provas que exigem curso superior e textos-estímulo de provas que exigem nível médio, buscando verificar se esses textos apresentavam diferentes níveis de complexidade sintática e semântica. O Quadro 15 a seguir apresenta o resultado desse levantamento.

**Quadro 15** – Categorias de análise em provas de nível médio e provas de nível superior

Categorias de análise:	T-M		T-S		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Correlação	22	40,8	32	59,2	54	33,4
Material interveniente	27	54	23	46	50	30,8
Comparação	20	48,8	21	51,2	41	25,3
Moldura	13	76,5	04	23,5	17	10,5
Total	82	50,6	80	49,4	162	100

Fonte: A autora (2021)

No início deste trabalho, esperava-se que, ao se cotejarem os dois tipos de texto, os textos de provas de nível superior fossem mais complexos linguisticamente, entretanto o que se observa, pelo Quadro 15, é o contrário: os textos de nível médio apresentam maior número de construções complexas (50,6%), embora com uma pequena diferença em relação aos textos de nível superior (49,4%).

Os resultados alcançados, descritos em 1 a 3, possibilitam levantar conclusões tanto no que diz respeito à complexidade construcional dos textos-estímulo em análise quanto no que toca a comparação entre textos de nível médio e superior.

Primeiramente, interpretou-se a correlação que comumente se faz entre complexidade e dificuldade. A complexidade linguística de texto-estímulo implica necessariamente dificuldade de interpretá-lo por parte dos candidatos? Dizer que um texto é linguisticamente complexo é o mesmo que dizer que ele é difícil? Ainda que as respostas a essas questões demandem uma discussão em que podem entrar em cena outros campos teóricos, como o da psicolinguística e do letramento, os quais envolvem aspectos de complexidade relativos ao leitor e suas competências, do ponto de vista da constituição do texto, a análise que se empreendeu neste trabalho permite tocar uma questão correlata, extremamente merecedora de atenção. Nem toda complexidade sintática ou semântica implica, necessariamente, complicação para a interpretação do conteúdo proposicional do enunciado.

Ao longo da investigação deste trabalho, as análises das construções sustentam essa proposição. No Capítulo 6, por exemplo, analisaram-se ocorrências com satélites que, quando antepostos ao núcleo sintático, formando molduras, não necessariamente dificultam a compreensão do leitor; muito pelo contrário, servem como orientação para o leitor interpretar o que se segue a elas (CASTILHO, 1990), como é o caso das molduras condicionais e de determinadas molduras temporais e conformativas. Do mesmo modo, no Capítulo 7, observou-se que, em determinadas construções, a quebra do padrão canônico da ordenação dos constituintes imediatos, com inserção de material entre eles, pode até ser uma estratégia

discursiva que funcione como facilitadora na construção de sentidos do texto, atuando como guia para a interpretação do leitor (CHAFE, 1984), como é o caso de determinadas construções com apostos especificativos identificadas no córpus.

Neste ponto, insista-se em que não se pretende, aqui, aprofundar o equacionamento entre correlação e dificuldade de interpretação. Espera-se apenas que as análises aqui empreendidas sejam representativas de que não há uma necessária correlação entre complexidade e complicação, até porque aquela se verifica no sistema da língua e esta é do nível da percepção de sentido.

O segundo ponto diz respeito ao cotejo dos textos-estímulo de provas que exigem curso médio e textos-estímulo de provas que exigem curso superior, na verificação dos diferentes níveis de complexidade linguística. Como se viu, os dados obtidos nessas análises revelaram um maior número de ocorrências de construções complexas nos textos de provas de nível médio, com uma pequena diferença em relação aos textos de provas de nível superior (1,2%).

O levantamento mostra uma distribuição equilibrada de construções com alto grau de complexidade em textos de provas de nível médio e de nível superior, contrariamente ao que se esperava. Naturalmente, interpretam-se esses os dados com certa cautela, uma vez que se trata do resultado de uma única pesquisa, com base em 100 provas. Outra amostra da mesma extensão, caso analisada com a mesma profundidade, poderia gerar um resultado diferente.

A pesquisa cumpriu sua meta de avaliação dos textos-estímulo para concursos quanto à natureza da complexidade linguística de suas formulações e à consequente dificuldade nitidamente buscada pelos formuladores de tais textos. Quanto a essa dificuldade, em si, é fácil observar que seria bem-vinda uma avaliação complementar que se fixe com partida na outra ponta de observação, ou seja, não a dos textos em si, mas a da percepção de sentido de tais textos pelos candidatos que os recebem. Com apoio teórico específico que se estabeleça, caberia avaliar o que representa a apresentação de tais textos a leitores situados em contexto de alta tensão como é o dos concursos. A questão é que muitos dos textos linguisticamente considerados de grande complexidade seriam perfeitos no seu contexto natural de produção, oferecidos a um parceiro de interlocução na funcionalidade do uso. Tem de ser registrado que muitas dessas noções já estão levantadas nas análises oferecidas neste trabalho, mas há abertura para um estudo para a questão da percepção de sentido desses textos.

Desse modo, considerado o contexto de provas de concursos que exigem alto nível de desempenho, não só os professores que elaboram as provas de redação, mas também os que preparam os alunos para essas provas precisam estar conscientes do grande desafio que se coloca diante do candidato que, para produzir uma argumentação de qualidade e adequada,

dentro de uma proposta válida de redação, precisa vencer adequadamente o processamento dos seus textos de apoio, muitas vezes revestidos de enunciados com complexidade linguística incomum.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966.
- CASTILHO, A. T. (Org.). *Gramática do Português Falado*, Vol I: A Ordem. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1990.
- CHAFE, W. *How people use adverbial clauses*. Proceedings of the tenth meeting of the Berkeley Linguistics Society. Berkeley, Berkeley Linguistics Society, 1984, p. 437-450.
- CONEGLIAN, A. V. L. *A história da noção de “complexidade” nos estudos sobre a linguagem*. Inédito.
- COSERIU, E. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Tradução espanhola. Madrid: Gredos, 1973.
- COSERIU, E. *Competencia lingüística*. Elementos de la teoría del hablar. Tradução espanhola de Francisco Meno Blanco. Madri: Gredos, 1992.
- CROFT, W. *Typology and universals*. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- CROFT, W. *Verbs. Aspect and causal structure*. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- CULICOVER, P. *Grammar and complexity: language at the intersection of competence and performance*. Oxford: Oxofrd University Press, 2013.
- DAHL, Ö. *The growth and maintanance of linguistic complexity*. Amsterdam: John Benjamins, 2004.
- DECAT, Maria Beatriz do Nascimento. A articulação hipotática adverbial no português em suo. In: DECAT, Maria Beatriz do Nascimento, et al (orgs.) *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.
- DIK, C. S. *Functional Grammar*. Dorderecht-Holland/Cinnaminson-U.S.A: Foris Publications, 1978.
- DIK, C. S. *The Theory of Functional Grammar*. Ed. by Kees Hengeveld. Part II - Complex and derived constructions (Functional Grammar Series 21). Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. *et. al.* (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. *et al.* Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013.

- FUZER, Cristiane & CABRAL, Sara Regina Scotta. 2014. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas: Mercado de Letras.
- GIVÓN, T. *Syntax I*. New York: Academic Press, 1984.
- GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*, V. II. Amsterdam: John Benjamins, 1990.
- GIVÓN, T. Serial Verbs and the Mental Reality of "Event": Grammatical vs. Cognitive Packaging. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). *Approaches to Grammaticalization*, v.1. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 81-127.
- GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- GIVÓN, T. *The genesis of syntactic complexity*. Amsterdam: John Benjamins, 2009.
- HALLIDAY, M. A. K. Language structure and language function. In: LYONS, J. (Ed.) *New horizons in Linguistics*. Harmondsworth: Penguin Books, 1970, p. 140-165.
- HALLIDAY, M. A. K. *Explorations in the functions of language*. London: Edward Arnold, 1973a.
- HALLIDAY, M. A. K. The Functional basis of language. In: BERNSTEIN, B. (Ed.). *Class, codes and control*. London: Routledge and Kegan Paul, 1973b, p. 343-366.
- HALLIDAY, M. A. K. Text as a semantic choice in social contexts. In: VAN DIJK, T. A.; PETÖFI, J. *Grammars and descriptions*. Berlin: Walter De Gruyter, 1977, p. 176-225.
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. 2a. edição. Baltimore, Maryland: Edward Arnold. 1994 [1985].
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M; *An introduction to functional grammar*. 4ª. ed. London: Hodder Education an hachette uk company, 2014.
- HASPELMATH, M. *Against markedness (and what to replace it with)*. *Journal of Linguistics*, n. 42, 2006, pp. 25-70.
- HAWKINS, J. A. *A performance theory of order and constituency*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- ISRAEL, M. *The Grammar of polarity: pragmatics, sensitivity, and the logic of scales*. Cambridge University Press, 2011.
- KORTMANN, B. *Free adjuncts and absolutes in English: problems of control and interpretation*. New York: Routledge, 1991.
- KORTMANN, B. *Adverbial subordination*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 2003 [1980].
- MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. A. The structure of discourse and ‘subordination’. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (eds.). *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1988, p. 275 – 329.
- MÓDOLO, M. *Correlação: estruturalismo versus funcionalismo*. (Pré) publications: forskning og undervisning. n. 168, februar. Romank Institut: Aarhus Universitet, Danmark, 1999.
- MÓDOLO, M. As construções correlatas. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. *Gramática do português culto falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, v. 2. p. 1089-1101.
- NEVES, M. H. M. *A estrutura argumental preferida em inquéritos do NURC*. Araraquara: Mimeo, 1994.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- NEVES, M. H. M. *Ensino de língua e vivência da linguagem: temas em confronto*. São Paulo: Contexto, 2010.
- NEVES, M. H. M. *Que gramática estudar na escola? 4 ed.* São Paulo: Contexto, 2011.
- NEVES, M. H. M. O texto na teoria funcionalista da linguagem. In: BATISTA, R. O. *O texto e seus conceitos*. São Paulo: Parábola, 2016, p. 93-102.
- NEVES, M. H. M. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Editora Unesp, 2018a.
- NEVES, M. H. M. *Texto e Gramática*. São Paulo: Editora Contexto, 2018b.
- NEVES, M. H. M. *et al.* Construções Comparativas. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (orgs.). *Gramática do Português Falado*, vol. VIII, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.
- PEZATTI, E. G. As construções conclusivas no português falado. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. C. S. (Org.). *Gramática do Português Falado*. 1ª ed. Campinas/São Paulo: ED. UNICAMP/FAPESP. v. 8, 2005, p. 185-225.
- PEZATTI, E. G. Ordenação de constituintes em construções categórica, tética e apresentativa. *D.E.L.T.A.*, 28:2, 2012, p. 353-385.
- ROSÁRIO, I. C. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. 2012. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012.
- ROSÁRIO, I. C. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2018.

Sites consultados:

[https://trt1.jus.br/ultimas-noticias/-/asset\\_publisher/IpQvDk7pXBme/content/trt-rj-divulga-numero-de-inscritos-em-concurso-de-servidor-2/21078](https://trt1.jus.br/ultimas-noticias/-/asset_publisher/IpQvDk7pXBme/content/trt-rj-divulga-numero-de-inscritos-em-concurso-de-servidor-2/21078). Acesso em: 03 fev. 2021.

[http://www.tst.jus.br/noticias/-/asset\\_publisher/89Dk/content/concurso-para-servidores-do-tst-tem-105-mil-inscritos](http://www.tst.jus.br/noticias/-/asset_publisher/89Dk/content/concurso-para-servidores-do-tst-tem-105-mil-inscritos). Acesso em: 06 fev. 2021.

<https://www.exponencialconcursos.com.br/tre-sp-organizadora-divulga-estatistica-de-inscritos>. Acesso em: 10 fev. 2021.

---

# ANEXO

---

### **Cópus selecionado para análise**

(1) Segundo uma revista internacional, vários cientistas dedicam-se, atualmente, à missão de prolongar ao máximo a vida humana (até 120 anos no mínimo). Investigam se a imortalidade não estaria de fato ao alcance do homem. A revista concede o benefício da dúvida a todas as utopias da ciência, mas alerta para diversos problemas, como os demográficos, econômicos e de ordem social. **(T-M-01)**

(2) Um condomínio é estruturalmente semelhante a outros redutos cercados, como a prisão, o shopping center e a favela. Seus muros não têm apenas a função defensiva de nos proteger: eles criam um senso de exclusividade. Vemos surgir síndicos e muros, mas também uma hipertrofia de regras, regulamentos e estatutos que exigem um contínuo processo de autoadequação. A expansão da vida em forma de condomínio tornou o medo, que justifica os muros, e a inveja, que é a satisfação dos que estão dentro e fantasiam que os de fora querem entrar, nossos afetos políticos dominantes. **(T-M-02)**

(3) Há, por trás do protocolo não escrito para o uso do espaço público, a aceção geral de que todos são iguais numa cidade e, logo, perante a lei. A divisão igualitária do espaço público é uma consequência prática da tal "Religião Civil" que Rousseau afirmou ser necessária para que o pacto social vingasse: a crença na ideia de que sairemos ganhando se cada um abrir mão de um pouco da sua liberdade em nome de um bem maior. **(T-M-03)**

(4) O equilíbrio entre os corpos sociais é bastante difícil e exige que não se simplifiquem ou meramente se oponham campos como religiosidade, direitos humanos e diferentes culturas. Frente a tamanha complexidade, se as leis não abarcam todos os casos sem incorrer em injustiça, resta-nos talvez o princípio da equidade. **(T-M-04)**

(5) Em comparação com outros países, o Brasil investe pouco em pesquisa. Mesmo assim, a ciência brasileira foi capaz de criar uma grande exportadora de aviões, transformar o país na maior potência agrícola mundial e inventar o bioetanol, contribuindo para o crescimento autônomo da sociedade e da economia brasileira. Ciência é investimento. **(T-M-05-a)**

(6) Para impulsionar o desenvolvimento tecnológico, é necessário avançar nas relações entre universidades e empresas, e apoiar maciçamente investimentos em pesquisa e inovação. O financiamento contínuo e em montantes adequados é, portanto, indispensável. **(T-M-05-b)**

(7) O mundo simbólico se amplia diariamente. A maior parte dos fenômenos, sejam de natureza política, econômica, social ou cultural, fazem parte de um registro contínuo do homem. Também a reinvenção

da realidade, por meio dos textos literários, amplia o nosso próprio mundo simbólico, desenvolve nossa capacidade de comunicar e criticar, enfim, é um ato contínuo de recriação e invenção. **(T-M-06-a)**

(8) Podemos constatar que a literatura não tem hoje o papel que tinha no século 19. Apesar do número enorme de romances publicados, poucos são os que remodelam a imagem do indivíduo e da comunidade. [...] A literatura oferecia uma capacidade de alargar as formas de percepção do mundo e da comunidade, ela agia sobre a visão e o sentimento de praticamente qualquer um. Hoje não mais. **(T-M-06-b)**

(9) Para o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, as pessoas se vendem como autênticas, porque *“todos querem ser diferentes uns dos outros”*, o que os força a “produzir a si mesmos”. E é impossível ser verdadeiramente diferente hoje, porque *“nessa vontade de ser diferente prossegue o igual”*. O resultado disso é que o sistema só permite que existam “diferenças comercializáveis”. *Outro sintoma do mesmo problema, para Han, é a onda de binge watching (maratonas de séries) – pessoas assistem continuamente só aquilo de que gostam, mais uma vez multiplicando o igual, nunca o diferente ou o outro.* **(T-M-07)**

(10) Existe uma aldeia global do ponto de vista técnico, mas, do ponto de vista da recepção, a diversidade é extraordinária, e isso significa que pode acontecer o inverso do que a comunicação pretende. O objetivo dela é aproximar as pessoas. No entanto, quando elas se aproximam, percebem que existem mais diferenças do que semelhanças. A dificuldade da comunicação não é gerir a semelhança, mas a diferença. **(T-M-08)**

(11) Numa era de intensa mobilidade humana, o discurso xenófobo esconde o fato de que as migrações podem representar ganhos (materiais e imateriais) para o desenvolvimento de uma sociedade. Ao contrário do revogado Estatuto do Estrangeiro, a nova Lei de Migração (13.445/2017) é fruto da constatação de que gerar entraves burocráticos na regularização migratória não reduz o deslocamento de pessoas, mas degrada as condições de vida do migrante e prejudica empresas, trabalhadores e a sociedade em geral. **(T-M-09-a)**

(12) De acordo com a Polícia Federal, em 2015 o Brasil abrigava cerca de 1,8 milhão de imigrantes. Por outro lado, o Ministério das Relações Exteriores estima que 3 milhões de brasileiros residam no exterior. **(T-M-09-b)**

(13) A grande utopia contemporânea é o respeito às diferentes culturas. No aspecto prático, a situação do imigrante é de extrema vulnerabilidade, especialmente no âmbito profissional. Não há unanimidade na aceitação prática e subjetiva das chamadas “minorias étnicas”. **(T-M-09-c)**

(14) Conforme uma frase do poeta inglês Wordsworth, “o menino é o pai do homem”: nossa primeira raiz, a mais funda, vem do garoto alegre ou maltratado em casa; da menina que se sentia amada ou brutalizada; até o fim guerreamos com aquelas arcaicas realidades ou fantasmas, e guerrear é parte do destino humano. Somos filhos das crianças que fomos. Nosso comportamento adulto é assim marcado, mas não fatalmente determinado. **(T-M-10-a)**

(15) As pesquisas sobre o desenvolvimento infantil deram um passo fenomenal, recentemente, ancoradas em um princípio: se é verdade que o cérebro de um adulto se forma na primeiríssima infância, se é verdade que o menino é o pai do homem, saber o que se passa com um bebê é crucial. Já se descobriu que, durante os primeiros anos de vida, o cérebro é extremamente sensível a novas experiências – para o bem e para o mal. Situações negativas podem causar alterações químicas e elétricas, prejudicando a arquitetura cerebral. **(T-M-10-b)**

(16) Para além da fidelidade e integridade da informação, problema que se impunha com os veículos tradicionais da mídia, hoje, com a internet, o homem enfrenta um novo desafio: distinguir, de uma profusão de informações supérfluas, as que lhe importam na formação de um pensamento que garanta sua identidade e papel social. **(T-M-11-a)**

(17) Ponto de vista não é apenas a opinião que desenvolvemos sobre determinado assunto, mas também o lugar a partir de onde consideramos o mundo e que influencia de maneira cabal nossas percepções e ações. **(T-M-11-b)**

(18) Apesar da presunção de veracidade que confere autoridade, interesse e sedução a todas as fotos, a obra que os fotógrafos produzem não constitui uma exceção genérica ao comércio usualmente nebuloso entre arte e verdade. Mesmo quando os fotógrafos estão muito mais preocupados em espelhar a realidade, ainda são assediados por imperativos de gosto e de consciência. [...] O problema não é que as pessoas se lembrem através das fotografias, mas que se lembrem apenas das fotografias. **(T-M-12)**

(19) Hoje, parece claro que o objetivo de uma gestão pública preocupada com a democratização cultural não é o de induzir os 100% da população a fazerem determinadas coisas, mas sim o de oferecer a todos – colocando os meios à disposição – a possibilidade de escolher entre gostar ou não de algumas delas. Isso exige uma mudança de foco fundamental, ou seja, não se trata de colocar a cultura ao alcance de todos, mas de fazer com que todos os grupos possam viver sua própria cultura. A tomada de consciência dessa realidade deve ser uma das bases da elaboração de políticas culturais, pois o “público” é um conjunto de públicos diferentes e esta diversidade de públicos exige uma pluralidade cultural que ofereça aos indivíduos possibilidades de escolha. **(T-M-13)**



(20) As redes sociais têm, em relação ao jornalismo tradicional, a vantagem de refletir a opinião de um grande público diversificado e motivar um debate imediato entre inúmeros sujeitos. A grande imprensa vem perdendo parte significativa da importância que teve até aqui. **(T-M-14)**

(21) Dadas as múltiplas possibilidades de compartilhamento informacional entre diferentes pessoas, oriundas de diferentes culturas e conhecedoras de diferentes áreas do saber, muito se fala sobre a formação de uma inteligência coletiva na rede. Entretanto, se o mundo virtual serve como mecanismo privilegiado de projeção do ser humano, tal qual um espelho, ele também virtualmente reflete os aspectos pouco promissores da realidade palpável. **(T-M-15)**

(22) Uns acreditam que a sensibilidade é subjetiva, e que a arte, para ser válida, deve ser universal e pautar-se em temas comuns a todas as culturas. Outros alegam que tais noções são históricas e que tal sensibilidade é parte de uma construção cultural que, via de regra, busca sua própria conservação. Aqueles pensam a arte como atemporal e imbuída de uma essência imutável; estes, como uma experiência eminentemente política e, muitas vezes, contestatória. **(T-M-16-a)**

(23) Recentemente, manifestações artísticas têm dividido opiniões no Brasil: há quem as considere inapropriadas e quem as defenda por oporem-se ao status quo. **(T-M-16-b)**

(24) Testar seus próprios limites e os limites da sociedade é muito comum na adolescência. Na raiz desse comportamento, está a construção de uma identidade individual e de um lugar de inserção coletiva. **(T-M-17-a)**

(25) A tolerância e a aceitação não são valores, mas práticas a serem cultivadas em um contexto de desenvolvimento pessoal. Coagir jovens a adotar comportamentos preestabelecidos, com vistas à simples manutenção da ordem e com finalidades predefinidas, pode comprometer o surgimento de novas formas de pensar e viver. **(T-M-17-b)**

(26) Seja para a garantia da segurança nas áreas públicas ou em propriedades particulares, seja para a fiscalização do trânsito, o uso de câmeras de monitoramento é uma realidade, que, no entanto, ainda levanta polêmica. Alguns avaliam negativamente a utilização do sistema de videomonitoramento, alegando que, segundo a Constituição Federal, a imagem do cidadão deve ser preservada. Outros acreditam que o uso de equipamentos de imagem não configura violação de privacidade, já que tal prática visa promover a segurança. **(T-M-18)**

(27) A palavra depressão tem sido usada para identificar formas variadas de mal-estar no mundo contemporâneo. Se, nos séculos anteriores, a melancolia denunciava o desacordo do sujeito com a sua

época e cultura, hoje, segundo especialistas, esse lugar é ocupado pela depressão, tornando-a um sintoma social. "Podemos pensar que o aumento [de casos] das depressões denuncia alguns impasses do sujeito contemporâneo; entre eles, a aceleração da experiência com o tempo e o imperativo da felicidade que, ao contrário do que parece, esvaziam a busca de um sentido para a vida", afirma a psicanalista Maria Rita Kehl. Kehl sugere que as condições de trabalho e as demandas impostas pelo capitalismo nos dias de hoje, com sua ênfase no consumo e no máximo aproveitamento do tempo, favorecem o aumento das depressões. **(T-M-19)**

(28) A contradição que a situação das redes sociais nos coloca é uma contradição entre o poder do capital em um grau nunca alcançado e a privacidade individual. Privacidade é necessária para a constituição do sujeito, não há subjetividade se não houver privacidade. Nós aprendemos a pensar a proteção da privacidade contra o Estado. Nós temos hoje um grau de invasão dessa privacidade, promovido por uma indústria e por uma tecnologia, que passa por cima das proteções individuais. **(T-M-20)**

(29) O que nossa época nos exige? Euforia, confiança, velocidade. Temos de ser proativos. O que ela nos promete? Se soubermos traçar nossas metas e construir nossa estratégia, atingiremos o sucesso. Se produzirmos e consumirmos, alcançaremos a felicidade. Ser feliz deixou de ser uma possibilidade esporádica para se tornar uma obrigação permanente. Para nós, seres desta época, nada menos que o gozo pleno. Fora disso, só o fracasso. E o fracasso, este é sempre pessoal. Se não alcançamos o que nos prometeram no final do arco-íris é porque cometemos algum erro no caminho. E fracassar, como sabemos, passou a ser não um fato inerente à vida, mas uma vergonha. **(T-M-21)**

(30) Durante a Idade Média, pode-se dizer que os jornais e o jornalismo tiveram o seu maior salto tecnológico: a prensa de papel inventada pelo alemão Johannes Gutenberg possibilitou que o trabalho que antes era realizado manualmente pudesse ser feito por máquinas, tornando a publicação de livros e de jornais muito mais ampla e rápida. A revolução na época foi tão grande que alguns autores afirmam que a prensa de papel de Gutenberg tirou o mundo de vez da Idade Média, com o despertar definitivo da ciência e do jornalismo profissional. **(T-M-22)**

(31) Foi recentemente publicado no American Journal of Preventive Medicine um estudo com adultos jovens, de 19 a 32 anos de idade, apontando que, quanto maior o tempo despendido em mídias sociais de relacionamento, maior a sensação de solidão das pessoas. Além disso, esse estudo demonstrou também que quanto maior a frequência de uso, maior a sensação de isolamento social. **(T-M-23)**

(32) Todo mundo sabe que a prática leva à perfeição. Cientistas conseguiram estimar o tempo necessário de estudo para alguém se destacar internacionalmente em alguma área: 10 mil horas. Foi a esse número que o especialista em sucesso Anders Ericsson chegou depois de observar os grandes talentos das mais

diversas áreas. Todo mundo que foi alguém, ele concluiu, do campeão de xadrez Kasparov a Steve Jobs, ficou esse tempo todo aperfeiçoando seu ofício. O que realmente faz alguém ficar bom em algo é treino duro, dolorido, no limite do executável. **(T-M-24-a)**

(33) É importante, para qualquer menino e para qualquer homem, aprender desde cedo que na vida há lugar para a dor e para o anonimato. **(T-M-24-b)**

(34) “Acredite se quiser – e sei que a maioria não acredita – a violência vem diminuindo desde o passado distante, e hoje podemos estar vivendo na era mais pacífica que nossa espécie já atravessou.” Desse modo Steven Pinker afirma a tese de que a história influencia decisivamente a nossa psicologia na questão da violência. Assim, os marcos civilizatórios afirmados no decorrer dos tempos nos pressionam psicologicamente a sentir repulsa por atos que implicam violência, mas que eram tolerados em outros tempos históricos. **(T-M-25-a)**

(35) A civilização a que me refiro nunca está completada, e está sempre ameaçada. Corre perigo porque a salvaguarda dos padrões mais civilizados de comportamento e sentimento em sociedade depende de condições específicas. Uma destas é o exercício de autodisciplina, relativamente estável, por cada pessoa. Isso, por sua vez, está vinculado a estruturas sociais específicas. Estas incluem também, sobretudo, a resolução pacífica de conflitos interestatais – isto é, a pacificação social. Mas a pacificação interna de uma sociedade está sempre correndo perigo. **(T-M-25-b)**

(36) O desaparecimento de algumas doenças fez com que as jovens gerações não tenham a percepção da gravidade delas, subestimando a importância da vacinação. Não é negligenciável o efeito negativo que grupos antivacina e a disseminação de notícias falsas provocam, associando levemente as vacinas ao desenvolvimento de doenças graves e atribuindo a elas a ocorrência de efeitos adversos inexistentes. No entanto, a estratégia de tornar a vacinação compulsória, estabelecendo medidas coercitivas, no nosso entendimento, em absoluto representam uma real possibilidade de resolver esse problema. **(T-M-26-a)**

(37) De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), os movimentos antivacina são tão perigosos quanto os vírus, porque ameaçam reverter o progresso alcançado no combate a doenças evitáveis por vacinação, como o sarampo e a poliomielite. Ainda segundo a OMS, as razões pelas quais as pessoas escolhem não se vacinar são complexas, e incluem falta de confiança, complacência e dificuldades no acesso. Entretanto, os movimentos antivacina vêm crescendo no mundo todo, inclusive no Brasil, que sempre foi exemplo internacional. **(T-M-26-b)**

(38) A violência contra as mulheres não é um fenômeno tópico, muito menos específico dos espaços públicos, mas estrutural, multidimensional, disseminado, enraizado e, correntemente, recôndito. **(T-M-27-a)**

(39) Não se corrigem do dia para a noite preconceitos ou abusos relacionados a questões de gênero e enraizados na sociedade. Enquanto isso, é importante que sejam oferecidas formas de minorar o dano das vítimas. A respeito do vagão rosa, afirma Olgamir Amância, titular da Secretaria da Mulher do DF: “Ele desperta a atenção da população. Mas certamente, como somos a maioria, um vagão não é o suficiente”. **(T-M-27-b)**

(40) No conceito do “vagão rosa” as mulheres são colocadas na posição de objetos de desejo ou objetos de posse. E os homens são vistos como vítimas do próprio desejo, sem a necessidade de se responsabilizar por ele. Acho curioso que homens não façam protestos contra o “vagão rosa”: a ideia nele embutida sobre o que é ser um homem é ofensiva ao extremo. **(T-M-27-c)**

(41) Com as novas tecnologias, por um lado, podemos afirmar que a esfera privada evolui e se amplia sob os imperativos da visibilidade, mas observamos, paralelamente, uma ampliação do espaço público, do espaço que é aberto a todos, em oposição ao que é secreto e privado. **(T-M-28-a)**

(42) Manning e Assange são acusados do crime de divulgar crimes. De nada valem seus argumentos de que desejam uma discussão mundial, aberta e “esperançosa”, que pudesse ensejar reformas. Estas frágeis e verdadeiras palavras, porém, suscitam, entre as autoridades, apenas acusações e condenações. Para elas, os dois não passam de traidores e mentirosos. **(T-M-28-b)**

(43) É verdade que a troca de mensagens é bastante hermética. E que meios como SMS e Twitter, com a restrição de caracteres e o imediatismo que demandam, limitam elaborações. Mas até que ponto esse tipo de mensagem surgiu como substituto para a escrita? (...) Algoritmos, diagramas, fala, escrita, matemática e gestos são formas de tradução de ideias pensadas, que muitas vezes compartilham elementos, mas nem sempre. Não há equivalente verbal para :) **(T-M-29-a)**

(44) Platão, no século IV a.C., nos conta que os caracteres da escrita teriam sido descobertos por Tot, no antigo Egito. Crente de ter encontrado um remédio para a memória, apresenta sua descoberta ao rei Tamus, por quem é assim desengano: “Não descobriste o remédio para a memória, mas apenas para a lembrança. O que ofereces aos que estudam é simples aparência do saber, não a própria realidade. Depois de ouvirem um mundo de coisas, sem nada terem aprendido, considerar-se-ão ultrassábios, quando, na grande maioria, não passarão de ignorantões...”. **(T-M-29-b)**

(45) Venham de onde venham, imigrantes, emigrantes e refugiados, cada vez mais unidos em redes sociais, estão aumentando sua capacidade de incidência política sobre uma reivindicação fundamental: serem tratados como cidadãos, em vez de apenas como mão de obra (barata ou de elite). **(T-M-30-a)**

(46) A intensificação dos fluxos migratórios internacionais das últimas décadas provocou o aumento do número de países orientados a regulamentar a imigração. Os argumentos alegados não são novos: o medo de uma “invasão migratória”, os riscos de desemprego para os trabalhadores autóctones, a perda da identidade nacional. **(T-M-30-b)**

(47) Ainda não existe uma legislação internacional sólida sobre as migrações internacionais. Assim, enquanto os direitos relativos ao investimento estrangeiro foram se reforçando cada vez mais nas regras estabelecidas para a economia global, pouca atenção vem sendo dada aos direitos dos trabalhadores. **(T-M-30-c)**

(48) Os espaços da internet são menos espaços de trocas do que espaços nos quais é preciso primeiramente provocar interesse para ser notado. Daí a tendência a tornar as mensagens caricaturais, às vezes extremas, até mesmo provocadoras. [...] Designei sob o nome de “extimidade” o desejo que nos leva a mostrar certos aspectos de nosso eu íntimo para que os outros os validem, a fim de que eles passem a ter maior valor aos nossos próprios olhos. **(T-M-31-a)**

(49) A internet criou novos dispositivos de comunicação e de informação, numa verdadeira abertura do espaço público, não apenas conferindo maior visibilidade aos diferentes pontos de vista sobre um mesmo acontecimento, mas também superando a oposição entre “aqueles que sabem” e “aqueles que devem escutar”. **(T-M-31-b)**

(50) As pessoas vão às ruas protestar por vários motivos, exercendo um direito que é legítimo, mas é preciso considerar alguns limites, sem os quais suas manifestações perdem a legitimidade. **(T-M-32)**

(51) Comunidade virtual é aquela que se estabelece no ambiente da internet, através de meios de comunicação a distância. **(T-M-33-a)**

(52) A palavra “comunidade” nunca foi tão utilizada quanto no momento atual, em que as comunidades se tornaram difíceis de encontrar na vida real. Pessoas procuram grupos de que possam fazer parte, num mundo em que tudo se desloca e muda. **(T-M-33-b)**

(53) Uma coisa é o trabalho da pesquisa na medicina, outra coisa é a apropriação da medicina e da pesquisa para fins de mercado. Não obstante, mesmo na apropriação do mercado, é preciso distinguir aqueles que o fazem dentro de limites éticos e os que não têm esses limites. **(T-M-34-a)**

(54) Gastrite, laringite, otite, diabete, artrose são termos bastante conhecidos. Os sufixos “ose” e “(vogal)te” são utilizados no jargão técnico das ciências médicas para designar patologias ou morbidades, infecções e inflamações, doenças e desordens. No entanto, como ocorre com o termo “celulite”, esses mesmos sufixos têm sido usados para nomear condições normais do corpo humano. **(T-M-34b)**

(55) “Rindo corrigem-se os costumes” – este era o lema em que se pautava, na antiguidade clássica, grande parte das sátiras. **(T-M-35-a)**

(56) O maior inimigo do riso é a emoção. A indiferença é seu ambiente natural. Isso não significa negar, por exemplo, que não se possa rir de alguém que nos inspire piedade, ou mesmo afeição: apenas, no caso, será preciso esquecer por alguns instantes essa afeição, ou emudecer essa piedade. **(T-M-35-b)**

(57) Desde o seu surgimento, a publicidade, que procura estar em sintonia com a visão dos grupos sociais aos quais se destina, extrapola a finalidade meramente comercial e ajuda a criar e a consolidar estereótipos, sejam de uma nação ou grupo de indivíduos. **(T-M-36-a)**

(58) Os discursos dos meios de comunicação, que comumente são acusados de reforçar os conteúdos negativos de certos estereótipos sociais, poderiam contribuir, no entanto, para a sua desconstrução. **(T-M-36-b)**

(59) A prática da compreensão e da tolerância deve reger as relações entre as pessoas em qualquer sociedade; mais ainda, na brasileira, cuja formação histórica criou desigualdades e ainda as mantém. **(T-M-37)**

(60) Algumas vertentes do conhecimento tradicionalmente consideram a cultura branca e europeia como a única cultura dinâmica, caracterizada pela assimilação e aprimoramento de costumes, crenças e valores de outras culturas. As demais, como as indígenas, deveriam permanecer isoladas, a fim de preservar sua autenticidade. Esquecem-se, assim, de que as trocas culturais são um traço característico de alguns povos indígenas e que, em determinados momentos da história do Brasil, lançar mão da cultura dominante foi fundamental para a sobrevivência deles, como é o caso dos potiguares. **(T-M-38)**

(61) As áreas urbanas do mundo vão mais que dobrar de tamanho até 2030. O motivo é o crescimento descontrolado da população mundial, aliado a um processo migratório desordenado de pessoas para as zonas urbanas. O impacto desse crescimento será mais intenso em cidades pequenas e médias, diz estudo divulgado por ocasião de um encontro sobre biodiversidade na Índia. No entanto, para alguns, o fato de o planeta ser obrigado a urbanizar novas áreas pode representar uma oportunidade para o surgimento de cidades planejadas, mais verdes e saudáveis. **(T-M-39)**

(62) Houve época em que se supunha ser o folclore uma "reliquia" do passado longínquo – algo tosco mas ingênuo, típico saber do "homem rústico". Admitia-se que ele deveria ser preservado, não porque fosse essencial, porém de sua preservação dependeria a veneração do passado, dos costumes e das tradições do "povo". **(T-M-40-a)**

(63) O folclore, nas suas mais diversas manifestações, molda o comportamento e a personalidade das pessoas que dele tomam parte, garantindo que a convivência social se mantenha harmoniosa, apesar das contínuas mudanças que se processam na atualidade. **(T-M-40-b)**

(64) Nos anos 70, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) registrou pela primeira vez a existência da economia informal. Hoje, o trabalho sem vínculo empregatício (alternativo, temporário, provisório) é uma realidade que desconhece fronteiras. **(T-M-41)**

(65) O conforto, a higiene, sim... No entanto, um ranchinho de barro e sapé vai muito melhor com a paisagem. Um ranchinho de barro e sapé parece brotado da terra, faz parte da natureza, não contradiz as árvores e o céu. E é, também, tão humano... **(T-M-42-a)**

(66) A modernidade trouxe maior qualidade de vida às pessoas, porém há consequências negativas, decorrentes do crescimento desordenado das cidades. **(T-M-42-b)**

(67) Mobilidade urbana é, também, a capacidade de as pessoas se deslocarem de um lugar para outro para realizar suas atividades de forma confortável, segura e em tempo hábil. É mais do que meios de transporte e trânsito. Nas grandes cidades, o resgate dos espaços públicos para os cidadãos se associa à limitação do uso de veículos automotores. **(T-M-43)**

(68) No tempo das comunidades virtuais, caracterizadas com frequência pela dispersão geográfica de seus membros, as comunidades propriamente ditas teriam ainda algum papel a desempenhar? **(T-M-44)**

(69) Hoje, parece claro que o objetivo de uma gestão pública preocupada com a democratização cultural não é o de induzir os 100% da população a fazerem determinadas coisas, mas sim o de oferecer a todos

– colocando os meios à disposição – a possibilidade de escolher entre gostar ou não de algumas delas. Isso exige uma mudança de foco fundamental, ou seja, não se trata de colocar a cultura ao alcance de todos, mas de fazer com que todos os grupos possam viver sua própria cultura. A tomada de consciência dessa realidade deve ser uma das bases da elaboração de políticas culturais, pois o “público” é um conjunto de públicos diferentes e esta diversidade de públicos exige uma pluralidade cultural que ofereça aos indivíduos possibilidades de escolha. **(T-M-45)**

(70) “Viajar amplia os horizontes”, diz o lugar-comum. Todos os indicadores apontam que os brasileiros estão viajando como nunca, sobretudo ao exterior. Será que esse contato com outros países e diferentes culturas está contribuindo para nos tornarmos mais bem-informados, críticos, perceptivos e tolerantes? Ou, como querem alguns, estaríamos voltando ao país carregado apenas com os bens de consumo que o real valorizado tornou mais fácil adquirir? **(T-M-46)**

(71) Na abertura da conferência internacional Turismo: desenvolvimento, inclusão social e integração regional, realizada nos dias 28 e 29 de novembro de 2011, em Fortaleza, CE, o secretário-geral da Organização Mundial do Turismo (OMT), Taleb Rifai, citou o desenvolvimento que o Brasil tem apresentado no turismo e alertou para a importância da conscientização com relação ao papel do setor na inclusão social e na construção de um futuro sustentável. Para Rifai, o turismo de um país só ganha importância quando seus cidadãos têm a oportunidade de conhecer e usufruir o que seu país tem de melhor. **(T-M-47-a)**

(72) No Brasil, como em praticamente todo o mundo, o envelhecimento gradativo da população parece um processo sem volta. Se não há como não saudar essa conquista da humanidade e enaltecer os seus frutos, é preciso reconhecer que o aumento da expectativa de vida traz enormes desafios a todas as gerações. A qualidade de vida na velhice e o equilíbrio entre trabalho e aposentadoria são apenas dois dos temas mais polêmicos no centro de um debate que deve se estender ainda por muitos e muitos anos. **(T-M-47-b)**

(73) Trabalho: 1. atividade profissional regular remunerada ou assalariada; 2. atividade humana que, com o auxílio ou não de máquinas, se caracteriza como fator essencial de bens e serviços. É perturbador constatar que, em pleno século XXI, ainda haja trabalhadores submetidos a condições análogas às do trabalho escravo. **(T-M-48)**

(74) Alguns funcionários de uma empresa combinam almoçar juntos. Sentam-se à mesa do restaurante, fazem seus pedidos e cada um tira seu celular do bolso ou da bolsa. Conversando ao celular, fazem sua rápida refeição, pagam estendendo o cartão ao garçom e lado a lado, ainda ao celular, retornam à empresa. **(T-M-49)**



(75) Capazes de aproximar candidatos e eleitores e promover debates engajados em tempo real, as novas tecnologias da comunicação impõem desafios imprevisíveis e de difícil solução ao Tribunal Superior Eleitoral, como o de fiscalizar a chamada “boca de urna digital” e a autenticidade do que se veicula na internet. **(T-M-50-a)**

(76) No Art. 14 da Constituição Brasileira consta: "A soberania popular será exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual para todos e, nos termos da lei, mediante: (I) – plebiscito; (II) – referendo; (III) – iniciativa popular." A iniciativa popular levou à criação da chamada Lei da Ficha Limpa, marco fundamental para a democracia na luta contra a corrupção e a impunidade. **(T-M-50-b)**

(77) A facilidade de comunicações acabou com esses tanques em que floresciam as diferentes culturas. Quando antes se olhava o mapa-múndi e via-se cada país de um colorido diferente, podia-se tomar isso ao pé da letra. É verdade que o mundo continuou a ser uma colcha de retalhos; mas são todos da mesma cor. **(T-S-01)**

(78) Poucas áreas do conhecimento humano tiveram nas últimas décadas desenvolvimento tão extraordinário como a Medicina. A pergunta que se pode fazer é em que medida esse avanço tem resultado na melhoria efetiva da qualidade de vida das pessoas. Se de fato algumas das conquistas médicas representaram aumento da longevidade humana, muitas vezes não consideraram o bem-estar com que os anos a mais de vida seriam vividos. Outro aspecto condenável é a exagerada especialização e a concentração em certas áreas em detrimento de áreas mais importantes para a saúde de todos, mas menos rentáveis. **(T-S-02-a)**

(79) A Medicina trouxe nos últimos anos benefícios ao conjunto da humanidade que não podem ser negados ou mesmo relativizados. Vivemos hoje mais e melhor do que no passado, e a tendência, considerando-se os avanços de todas as áreas médicas, é a melhoria gradativa e ininterrupta da saúde e do bem-estar de todos. A especialização, muitas vezes criticada, é o que tem permitido a dedicação integral do médico a um ramo passível de ser integralmente conhecido e desenvolvido. **(T-S-02-b)**

(80) A taxa de reincidência de prisioneiros libertados nos Estados Unidos é de 60%; na Inglaterra, de 50%; na Noruega, de 20%. A prisão de Halden foi projetada para incorporar a ideia que os noruegueses têm de execução penal: a pena é a privação da liberdade, não o tratamento cruel. O objetivo é a reabilitação, não a vingança. “Fundamentalmente, acreditamos que a reabilitação do prisioneiro deve começar no dia em que ele chega à prisão”, afirma a ministra júnior da Justiça da Noruega, Kristin Bergersen: "a reabilitação do preso é do maior interesse público, em termos de segurança". **(T-S-03)**

(81) Epicuro havia percebido que as leis não educam: que não eram feitas para serem propriamente obedecidas, mas para garantir, sobretudo, a possibilidade de punição. Ele se deu conta, por um lado, de que a educação e as necessidades básicas do ser humano deveriam ser gerenciadas pela pólis (Estado); por outro lado, viu que era preciso, de algum modo, isolar para educar, porém, sem reclusão, porque a virtude do caráter político não se reduz, afinal, a um modelo ou teoria, tampouco ao recinto de uma instituição ou de uma pólis. **(T-S-04)**

(82) O capital é um processo de reprodução da vida social por meio da reprodução de mercadorias, em que todas as pessoas do mundo capitalista avançado estão profundamente implicadas. O processo mascara e fetichiza, alcança crescimento mediante a destruição criativa, cria novos desejos e necessidades, transforma espaços e acelera o ritmo da vida. Ele gera problemas para os quais há apenas um número limitado de soluções. **(T-S-05)**

(83) Grande parte da população abdica das mais diversas ocupações para ver televisão, considerando legítima sua inatividade como espectador. **(T-S-06-a)**

(84) Ver televisão hoje é um modo de se emocionar imediatamente numa sociedade que perdeu de vista o cuidado com sua própria sensibilidade, em função da avalanche de imagens que invade o cotidiano. **(T-S-06-b)**

(85) É possível que pensar na própria vida seja equivalente ao desejo de devassar a vida alheia através dos programas televisivos. **(T-S-06-c)**

(86) O direito à cidade não pode ser concebido como um simples direito de visita ou de retorno; só pode ser formulado como direito à vida urbana. **(T-S-07-a)**

(87) Entende-se por gentrificação (do inglês *gentrification*, “tornar nobre”) o fenômeno que afeta uma região ou bairro pela alteração das dinâmicas da composição do local, tais como novos pontos comerciais ou construção de novos edifícios, valorizando a região e afetando a população de baixa renda local. Tal valorização é seguida de um aumento de custos de bens e serviços, dificultando a permanência de antigos moradores de renda insuficiente para sua manutenção no local cuja realidade foi alterada. **(T-S-07-b)**

(88) Considera-se que a justiça, e somente ela entre todas as formas de excelência moral, é o bem dos outros; de fato, ela se relaciona com o próximo, pois faz o que é vantajoso para os outros, quer se trate de um governante, quer se trate de um companheiro da comunidade. O pior dos homens é aquele que põe em prática sua deficiência moral tanto em relação a si mesmo quanto em relação aos seus amigos,

e o melhor dos homens não é aquele que põe em prática sua excelência moral em relação a si mesmo, e sim em relação aos outros, pois esta é uma tarefa difícil. **(T-S-08)**

(89) Fala-se da importância da ação educativa na “formação do trabalhador para que seja útil à empresa moderna”, na “formação do cidadão moderno”. O cidadão, assim, fica reduzido ao papel de produtor de bens necessários ao mercado. Porém, não se anuncia qualquer preocupação para com as pessoas, com os valores, com o bem-estar, com a alegria de viver, mas sim, e apenas, com as exigências a serem satisfeitas para que se ofereçam garantias aos grandes negócios. **(T-S-09)**

(90) A forma de vida em que a geração jovem de hoje nasceu, de modo que não conhece nenhuma outra, é uma sociedade de consumidores e uma cultura “agorista” – inquieta e em perpétua mudança – que promove o culto da novidade e da contingência aleatória. Numa sociedade e numa cultura assim, nós sofreremos com o suprimento excessivo de todas as coisas, tanto os objetos de desejo, quanto os de conhecimento, e com a assombrosa velocidade dos novos objetos que chegam e dos antigos que se vão. **(T-S-10-a)**

(91) A informação se tornou objeto de consumo; nem sempre, porém, é problematizada de modo a tornar-se um conhecimento produtivo. **(T-S-10-b)**

(92) A experiência histórica nos leva a concluir que a igualdade em dignidade e em direito dos seres humanos não é um dado: é um construído da convivência coletiva, que requer o acesso a um espaço público comum. Em outras palavras, é esse acesso ao espaço público – o direito de pertencer a uma comunidade política – que permite a construção de um mundo comum através do processo de asserção dos direitos humanos. A construção de um mundo comum, baseado no direito de todo ser humano à hospitalidade universal e contestado na prática pelos refugiados, pelos deslocados, só começaria a se tornar viável – como aponta Hannah Arendt – se o direito a ter direitos tivesse uma tutela internacional, que o garantisse. **(T-S-11)**

(93) Segundo afirmou o neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis, “as grandes empresas adoram a noção de que o ser humano vai se tornar obsoleto. É a terceira onda do capitalismo, em que o valor do trabalho humano é zero. Porém, o cérebro humano não pode ser reduzido a um algoritmo, portanto não pode ser copiado por um computador. Jogar xadrez é um algoritmo. Já apreciar Bach... Então, por definição, não se pode repetir o cérebro. Não há como recapitular, num computador, a história coletiva da espécie e a história individual de cada um de nós. É uma impossibilidade matemática”. **(T-S-12)**

(94) Diversas cidades europeias estão em alerta diante das agressões contra turistas e do mal-estar dos habitantes locais, que consideram que o crescimento do turismo representa exploração sem controle e

elevação de preços, especialmente os de moradia. No entanto, a polêmica se torna um dilema para a indústria do setor que, em países como Itália, por exemplo, representa mais de 10% do Produto Interno Bruto. Por outro lado, cidades como Amsterdã pretendem elevar os preços justamente como medida regulatória para evitar o turismo predatório. **(T-S-13)**

(95) Provisoriamente não cantaremos o amor, que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos. Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços, não cantaremos o ódio porque esse não existe, existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro, o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos, o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas, cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas, cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte, depois morreremos de medo e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas. **(T-S-14)**

(96) O smartphone para os jovens da geração entre 17 e 30 anos é tão importante quanto um plano de saúde e, entre as prioridades, o dispositivo perde apenas para a casa própria. **(T-S-15-a)**

(97) O tempo que os jovens passam assistindo a vídeos na internet vem crescendo em maiores proporções, enquanto a televisão recebe cada vez menos atenção. **(T-S-15-b)**

(98) O utilitarismo, iniciado por Jeremy Bentham, concentra-se na felicidade individual como a melhor forma de avaliar o grau de desenvolvimento humano. Outra abordagem avalia tal desenvolvimento de acordo com a renda, a riqueza e os recursos dos indivíduos. Essas alternativas ilustram o contraste entre as abordagens baseadas na utilidade e nos recursos, em contraste com a abordagem das capacidades baseada na liberdade. **(T-S-16)**

(99) Há quem diga que *nossa época caracteriza-se pelo excesso de individualismo*: na condição de sujeitos isolados, perdemos a noção do que sejam valores coletivos. Mas também há quem diga que o que *perdemos foi exatamente nossa identidade individual, confundidos todos no mesmo processo de massificação social que caracteriza a nossa época*. **(T-S-17)**

(100) A mesma lógica de desaparecimento gradual das vagas de emprego que afeta os EUA e a Inglaterra também engloba o Brasil ou qualquer outro país. Por essa razão, *a questão dos desafios do trabalho é tão relevante e, para otimistas e pessimistas, ficará ainda mais intensa no futuro. Isso porque os últimos anos têm revelado um avanço descomunal não somente em termos de automação – com previsão de diminuição de 51% dos postos de trabalho nas próximas décadas –, mas na evolução da chamada “inteligência artificial” (AI). As funções mais vulneráveis a tais avanços seriam as de rotina, tanto manuais quanto intelectuais*. **(T-S-18)**

(101) A chave da teoria do filósofo norte-americano John Rawls repousa sobre o *princípio da diferença*. De acordo com este princípio, todos os valores sociais – liberdades, oportunidades, renda e as bases sociais da autoestima – devem ser distribuídos igualmente. Em outros termos: *as distribuições desiguais só são aceitas se trazem vantagens para todos, caso contrário constituem injustiças. As desigualdades de remuneração, por exemplo, seriam justas caso refletissem o rendimento efetivo do trabalhador e/ou maior responsabilidade, desde que essas desigualdades contribuíssem para estimular o progresso e as esperanças de todos.* **(T-S-19)**

(102) Vivemos em uma sociedade com altos índices de violência. Diante disso, alguns telejornais não se limitam a noticiar os fatos, mas se transformam em um espaço de reivindicações. Tem-se a impressão de que a equipe de produção do programa organiza verdadeiros tribunais paralelos, com o objetivo de prender, julgar e ditar penas aos infratores. No entanto, quando as reivindicações são transformadas em espetáculo, elas são esvaziadas de seu poder de crítica e dificilmente se convertem em ações concretas. **(T-S-20)**

(103) O princípio fundamental da prática clínica defendida por Philippe Pinel se baseava na afirmação de que a loucura não era a exclusão absoluta da razão, mas seu enfraquecimento. Assim, toda intervenção clínica só poderia ser bem-sucedida à condição de apelar a essa espécie de razão enfraquecida. Pois a doença mental é, de certa forma, uma rebelião fracassada contra a própria ordem médica e disciplinar que procura “curá-la”. Há de se saber lidar com o sentido de tal rebelião, com seu conteúdo de verdade e com sua força produtiva. **(T-S-21)**

(104) No estabelecimento do direito contemporâneo, sua técnica determina ao jurista que esteja adstrito a atos e competências normativamente previstas. Mas não se deve olvidar de sua constituição subjetiva, atravessado ideologicamente por valores, informações e horizontes de mundo que são externos a si e mesmo a grande parte das normas jurídicas com as quais lida. O jurista age no contexto de uma ideologia que o perfaz. **(T-S-22)**

(105) O humor, hoje e sempre, em qualquer situação, deve gozar de liberdade absoluta. Nada lhe deve ser proibido ou controlado: sem a livre expressão, o humor não existe. Sem humor, não será plena a livre expressão. **(T-S-23)**

(106) Heróis, mitos, músicas, roupas típicas e outras tradições nacionais que confirmam a naturalidade histórica e definem os valores e as normas de comportamento características dos indivíduos nas nações são, na verdade, invenções do período moderno, que se fazem e se refazem desde então. **(T-S-24)**

(107) Conforme adverte Alexis de Tocqueville, um Estado democrático deve ser caracterizado por um modelo político cujo objetivo maior consista na instituição da igualdade e da liberdade entre seus cidadãos. No entanto, a força da maioria age de forma absolutamente inversa, impondo certos desejos particulares em detrimento de qualquer oposição. Assim, o império da maioria parece fragilizar o ideal de igualdade fundamental aos governos democráticos. Produzida e, constantemente, reformulada pela maioria, a ação da lei, “ao mesmo tempo em que aumentava a força dos poderes que eram naturalmente fortes, debilitava cada vez mais os que eram naturalmente fracos”. **(T-S-25)**

(108) A ameaça atual não é a passividade, mas a pseudoatividade, o impulso de “participar”, de mascarar a nulidade do que está ocorrendo. As pessoas intervêm o tempo todo, acadêmicos participam de “debates” sem sentido e assim por diante, enquanto o que é verdadeiramente difícil é dar um passo atrás, excluir-se de tudo isso. Os que estão no poder com frequência preferem até mesmo uma participação “crítica”, um intercâmbio de qualquer tipo, ao silêncio – apenas a fim de nos envolver num “diálogo” para garantir que nossa perigosa passividade seja rompida. **(T-S-26)**

(109) A concentração aguda de riqueza em mãos privadas veio acompanhada de uma perda do poder da população geral. As pessoas se sentem menos representadas. Trata-se, na verdade, da desilusão com as estruturas institucionais, que chegou a um ponto em que as pessoas já não acreditam nos fatos. Se você não confia em ninguém, por que tem de confiar nos fatos? **(T-S-27)**

(110) Em sua Genealogia da Moral, Nietzsche lança a pergunta sobre a origem do bem e do mal, ou melhor, das noções de bem e mal, de certo e errado, e de sua aplicabilidade universal, pondo em causa, assim, uma ligação que, para ele, existia entre a filosofia e as religiões, e que se estendia mesmo para a organização dos Estados e dos sistemas econômicos, a crença em um bem absoluto. **(T-S-28-a)**

(111) A autonomia do sujeito tem relação estreita com o conhecimento de sua própria natureza e de suas necessidades, em um movimento que tanto mais se opõe à lógica da generalização quanto mais singulares nos percebemos. **(T-S-28-b)**

(112) Que o crescimento do capital e os interesses dos investidores tenham leis que dependem de uma matemática acadêmica é perfeitamente admissível. Que essas leis entrem em contradição com os limites impostos pelos sistemas nacionais de legislação social é igualmente claro. Mas que sejam leis históricas inelutáveis, às quais seja inútil se opor, e que prometam para as gerações futuras uma prosperidade que vale o sacrifício dos sistemas de proteção social, isso não é mais uma questão de ciência, mas de fé. Os partidários do liberalismo econômico integral penam para demonstrar que a livre circulação de capitais seja a medida que conduzirá a humanidade a um futuro melhor. **(T-S-29)**

(113) A conhecida frase “A liberdade de cada um termina onde começa a liberdade do outro” é entendida, por uns, como uma necessária restrição, e, por outros, como uma necessária garantia. **(T-S-30)**

(114) Para uns, apropriação cultural ocorre quando o mercado, por exemplo, dissocia elementos de uma cultura minoritária e os comercializa a despeito dessa mesma cultura ou até mesmo promovendo seu apagamento. Já outros a consideram – de modo mais geral, mas também negativo – como o uso de elementos típicos de determinada cultura por pessoas pertencentes a um grupo cultural diferente. **(T-S-31)**

(115) Toda cultura incorpora um ideal de felicidade: a vida das nações, não menos que a dos indivíduos, é vivida, em larga medida, na imaginação. Além da dimensão pragmática, uma discussão das perspectivas da cultura no século XXI deve essencialmente perguntar: qual é a constelação de valores que ilumina nosso sonho coletivo? Existe uma utopia ou forma de vida ideal que energiza a alma de um povo na atualidade? **(T-S-32)**

(116) A persuasão, como uma das finalidades do discurso, seja ele publicitário, jurídico ou mesmo artístico, pressupõe que é preciso convencer o outro, trazendo-o para o diálogo, consumo ou mesmo para o autoquestionamento, a partir de seus próprios interesses. Diferentemente da coerção, que envolve uma relação vertical entre o mais forte e o mais fraco, a persuasão requer o exercício mental, e depois discursivo, de colocar-se no lugar do outro, de modo a entender suas necessidades e anseios. **(T-S-33-a)**

(117) Pressupor que sabemos com clareza quais sejam nossas necessidades talvez seja temerário, mas o contrário disso não é menos problemático, uma vez que põe em risco nossa autonomia e nossa representatividade em um contexto social. **(T-S-33-b)**

(118) Não há como negar que a humanidade experimentou imensos progressos materiais. Entretanto, esses ganhos não são igualmente distribuídos, e condições miseráveis são a realidade de milhões de pessoas. Como organizamos nosso ponto de vista diante de tantas diferenças? **(T-S-34-a)**

(119) A maior parte das pessoas que estuda pobreza e desigualdade defende que, para reduzir disparidades na sociedade, é preciso contar com a boa vontade das elites, apostando na filantropia para atingir esse objetivo. **(T-S-34-b)**

(120) Modernamente a arquitetura se distingue das outras artes por seu caráter utilitário: se já não pensamos necessariamente na função de uma pintura ou de um romance, é imprescindível considerar a serventia de uma casa, do prédio que abrigará um museu ou uma repartição pública. **(T-S-35-a)**

(121) Por um lado, um projeto pode atender às demandas de quem o vai habitar, corroborando toda uma cultura já existente; por outro, podem se infundir, naqueles que se servirão de uma obra arquitetônica, novos costumes e mesmo uma nova maneira de pensar e viver em coletividade. **(T-S-35-b)**

(122) Ocorre que um prédio ou uma casa não vivem isolados, interagem com outras células num organismo vivo, e a arquitetura então desdobra-se em urbanismo. **(T-S-35-c)**

(123) O modo como se constrói a memória é um objeto de estudo para os historiadores. O historiador pode dispor-se a intervir em sua construção, do mesmo modo que intervém o político, o jornalista ou o educador. Aquele historiador que quer colocar seu ofício a serviço de uma causa cidadã deverá decidir se o mais eficaz é uma versão moral, simples e contundente, em que fique claro quem são os amigos e quem são os inimigos, ou uma versão crítica, complexa e matizada. Neste caso, as lições serão menos evidentes, mas a compreensão das circunstâncias que condicionam a ação será mais clara, de modo que, com o tempo, sua mensagem será mais eficaz. **(T-S-36-a)**

(124) Nós – historiadores – somos uma corporação profissional cuja atividade procura estabelecer a verdade, mas sabendo que, estritamente, a verdade não existe, que se trata de conclusões provisórias. Sobretudo, a partir do saber histórico não se aspira a julgar, mas a compreender, segundo o célebre dictum de que nos conflitos cada uma das partes tem suas razões e suas verdades. **(T-S-36-b)**

(125) No estabelecimento do direito contemporâneo, sua técnica determina ao jurista que esteja adstrito a atos e competências normativamente previstas. Mas não se deve olvidar de sua constituição subjetiva, atravessado ideologicamente por valores, informações e horizontes de mundo que são externos a si e mesmo a grande parte das normas jurídicas com as quais lida. O jurista age no contexto de uma ideologia que o perfaz. **(T-S-37)**

(126) Com o incêndio do Museu Nacional, não pusemos a perder somente pesquisas e peças antiquíssimas de um valor que não pode ser medido, mas registros fonográficos de povos indígenas cujas línguas já não existem e que constituíam não apenas um documento linguístico, mas compunham o retrato de uma cultura. **(T-S-38-a)**



(127) O regramento social dentro de uma cultura plural e mesmo entre culturas distintas não se pauta apenas em noções abstratas de justiça e igualdade, mas em noções concretas, extraídas da experiência, das necessidades e anseios das pessoas. **(T-S-38-b)**

(128) O escritor Yuval Harari diz que somos a primeira geração que não sabe o que ensinar. Como produzir um aluno curioso, protagonista da sua formação e com grande habilidade de leitura? A validade perde-se com rapidez. A ferramenta mental, a curiosidade, a capacidade de raciocínio que eu possa ter desenvolvido no aluno, essa são dons permanentes. O sistema de ensino ainda enfatiza o conteúdo e utiliza demais os verbos “identificar” e “descrever” como parte do sistema de avaliação. Aprende-se mais na internet do que na sala de aula. Não é um processo fácil de resolver. **(T-S-39)**

(129) Não há uma descoberta científica que não seja importante. Alguns diriam que uma descoberta científica importante deve ser algo que possa ser aplicado; outros, que precisa trazer algum benefício para a humanidade. Mas não podemos nos esquecer das pesquisas conduzidas pela curiosidade dos pesquisadores. Elas são fundamentais para aumentar nosso conhecimento sobre como o universo ao nosso redor funciona. **(T-S-40)**

(130) Para Kirzner, o empreendedor é aquele que se encontra sempre em estado de alerta, disposto a descobrir e explorar novas oportunidades. Para McClelland, são os valores, as motivações humanas e a necessidade de autorrealização que movem indivíduos na busca de atividades empreendedoras: “um desejo de realizar as coisas da melhor maneira, não exatamente pelo reconhecimento social ou prestígio, mas, sim, pelo sentimento íntimo de necessidade de realização pessoal”. Também há quem pense que o empreendedorismo nasce da necessidade do indivíduo frente às condições sociais em que se encontra. **(T-S-41)**

(131) Em visita aos Estados Unidos, em 1970, Margaret Thatcher fez o seguinte pronunciamento: “Uma das razões por que valorizamos indivíduos não é porque sejam todos iguais, mas porque são todos diferentes. Permitamos que nossos filhos cresçam, alguns mais altos que outros, se tiverem neles a capacidade de fazê-lo. Pois devemos construir uma sociedade na qual cada cidadão possa desenvolver plenamente seu potencial, tanto para seu próprio benefício quanto para o da comunidade como um todo.” A premissa crucial que leva a afirmação de Thatcher a parecer quase evidente em si mesma – a suposição de que a “comunidade como um todo” seria adequadamente servida por todo cidadão dedicado a seu “próprio benefício” – acabou por ser admitida como ponto pacífico. Assim, no fim do século passado, tornou-se aceita a noção de que, ao agir egoisticamente, de algum modo as pessoas beneficiariam as outras. **(T-S-42-a)**

(132) Segundo a ortodoxia econômica, uma boa dose de desigualdade leva a economias mais eficientes e crescimento mais rápido. Isso se dá porque retornos mais altos e impostos menores no topo da escala – segundo afirmam – fomentariam o empreendedorismo e engendrariam um bolo econômico maior. Assim, terá dado certo a experiência de fomento da desigualdade? Os indícios sugerem que não. A disparidade de riqueza atingiu dimensões extraordinárias, mas sem o progresso econômico prometido. **(T-S-42-b)**

(133) A inserção produtiva dos jovens consolida-se como um grande desafio. Trata-se de um público mais vulnerável, que enfrenta dificuldades de inserção no mercado de trabalho e tende a encontrar ocupações precárias, situação agravada, em muitos países, pela fragilidade da formação educacional de grande parte da população. Como consequência, é um público mais propenso à situação de desemprego – e de desemprego a longo prazo. **(T-S-43-a)**

(134) Segundo um estudo da Organização Internacional do Trabalho (OIT), um em cada cinco jovens de 15 a 24 anos na região da América Latina procura trabalho e não encontra. A taxa de desocupação (19,6%) entre os jovens é três vezes superior à da população adulta (maiores de 25 anos), de 6,3%. “Isso ameaça o presente, pelo desalento, e impacta a coesão social dos nossos países”, salientou o diretor regional interino da OIT, Carlos Rodríguez. **(T-S-43-b)**

(135) Há coesão social quando temos um grupo composto por indivíduos que compartilhem objetivos, ações, ideias e crenças. É esse compartilhamento que possibilita a existência do grupo. O inverso de coesão social seria a desintegração social, o que causaria a consequente extinção do grupo social. **(T-S-43-c)**

(136) Cidades ativas são aquelas em que a população pode fazer escolhas mais saudáveis e sustentáveis. Para que isso seja possível, as cidades devem proporcionar acesso a espaços públicos e serviços de qualidade a todas as pessoas, garantindo que possam passear, descansar, brincar e se exercitar em praças, parques e equipamentos. **(T-S-44-a)**

(137) O planejamento da rede de mobilidade não apenas enfrenta desafios, como, por exemplo, a conexão entre espaços públicos e principais destinos, mas também questões como a integração social de uma comunidade. **(T-S-44-b)**

(138) O trânsito é um local onde a educação precisa estar presente o tempo todo, inclusive, pensando na manutenção da segurança das vidas que estão envolvidas nele. Portanto, a educação destinada ao trânsito é o desenvolvimento das capacidades intelectuais, morais e físicas das pessoas [...]. Não se trata apenas

de circulação de pessoas e veículos, mas de questões de cidadania, meio ambiente e cultura de maneira geral. **(T-S-45-a)**

(139) O Código de Trânsito Brasileiro (CTB) define os direitos e deveres de toda a população nas vias de circulação e estradas. A regra geral é sempre a mesma: o maior cuida do menor. **(T-S-45-b)**

(140) De um ponto de vista legalista e institucional, a justiça segue o caminho das leis, uma vez que são elas que delimitam o alcance de nossas ações na sociedade civil. Todavia, como bem sabemos, as leis consideradas “justas” podem tornar-se “injustas” diante das constantes mudanças históricas de cada sociedade. **(T-S-46-a)**

(141) O conceito de justiça depende da moral e dos valores existentes em uma sociedade, diferentemente de noções como “igualdade” ou “liberdade”, que, embora sejam conceitos teóricos, podem ser verificados de forma empírica dentro de um dado contexto. **(T-S-46-b)**

(142) Eis o grande problema do mundo virtual: a falta do olhar alheio. Nosso cérebro está adaptado para interagir face a face com os outros: nesse tipo de conversa recebemos uma série de informações – se estamos agradando, se a pessoa está triste, feliz – e assim ajustamos o conteúdo e também a forma de nosso discurso. Isso não apenas porque queremos agradar, mas também porque ver o sofrimento do outro nos incomoda, retraindo certos impulsos. Talvez seja essa uma das razões para tantas pessoas assumirem atitudes antissociais diante de uma tela. **(T-S-47-a)**

(143) “Diga o que pensa. Seja você mesmo.” Assim começa a apresentação do Secret. Como enviar uma mensagem em uma garrafa no meio do mar, o aplicativo convida a compartilhar comentários e sensações de forma anônima. “Sabemos que muitos não se atrevem a dar sua opinião no Facebook por temer represálias. Nem a colocar algo grave que ocorra em sua empresa. Nos dois casos pode ser um conteúdo relevante que de outra maneira não viria à tona”, sublinha Chrys Bader, um dos fundadores dessa rede social. **(T-S-47-b)**

(144) Em entrevista recente, o filósofo francês Alain Badiou explicou sua afirmação de que “a ecologia é o ópio do povo”, feita anteriormente. Segundo ele, “a ecologia é hoje um misticismo que não teme assumir tonalidades catastrofistas. Com o declínio das religiões históricas, a ecologia, com o acento que ela coloca em questões como ‘a preservação da natureza’, ou mesmo de uma relação perdida do homem com esta mesma natureza, parece-me uma nova forma de messianismo. Eu não me preocupo exatamente com o destino da natureza, preocupo-me com o destino dos homens. É essa preocupação que deveria pautar nossas ações atuais”. **(T-S-48)**

(145) As leis são tão antigas, séculos já trabalharam em sua interpretação, inclusive essa interpretação já deve ter-se tornado lei. Além disso, a aristocracia não tem, evidentemente, nenhuma razão para se deixar influenciar na interpretação em nosso desfavor por seu interesse pessoal, pois, afinal, as leis foram fixadas desde o início a favor da aristocracia, a aristocracia está acima da lei e, justamente por isso, a lei parece ter-se colocado exclusivamente nas mãos da aristocracia. Nisso reside naturalmente sabedoria – quem duvida da sabedoria das antigas leis? –, mas igualmente também tormento para nós. **(T-S-49-a)**

(146) Comprovar o valor do mais célebre de todos os remédios, chamado moral, exigiria, antes de tudo, pô-lo em causa. **(T-S-49-b)**

(147) Os transtornos mentais são comuns demais para que continuemos a vê-los com preconceito. São doenças como quaisquer outras, mas que têm a peculiaridade de afetar o órgão do corpo que nos diz quem somos. (...) O diagnóstico de um transtorno mental grave é frequentemente entendido como uma sentença de comprometimento da vida em sociedade. A ciência mostra, porém, que o diagnóstico é o eixo articulador de estratégias terapêuticas para a remissão de sintomas e a reabilitação das pessoas à vida profissional. **(T-S-50)**